

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos
Área de Linguística Teórica e Descritiva

A METÁFORA NOVA DE NELSON RODRIGUES

Matheus Espíndola Ferreira

Belo Horizonte

2017

MATHEUS ESPÍNDOLA FERREIRA

A METÁFORA NOVA DE NELSON RODRIGUES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística teórica e descritiva.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de pesquisa: Estudos Linguísticos baseados em Corpora

Orientador: Profa. Dra. Heliana Mello

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2017

Agradecimentos

É bom que eu deixe anotado agora, porque a memória é traiçoeira. E traiçoeira que é, a memória costuma ser também ingrata, a ponto de permitir que detalhes valiosos se esfurem e voem com o vento. Por isso, como eu ia dizendo, faço questão de registrar, ainda a tempo, algumas minúcias que foram imprescindíveis para a consecução desse trabalho.

Começarei falando de dois colegas que passaram, só de passagem, mas acabaram, sem saber, transformando o rumo das coisas: a Natália Figueiredo, que me deu uma ajuda danada no começo do curso, alertando-me sobre as tarefas, prazos, horários e tudo o mais que não cabia na minha cabeça; e o Thiago Nascimento, sujeito iluminado, que um dia sugeriu procurar a professora Heliana Mello para ser minha nova orientadora.

Agradeço também aos meus amigos da Agência de Notícias da UFMG, Luana e Ewerton, por ouvirem meus problemas, estarem sempre ao meu lado e serem inspiração em forma de carinho. À minha família, refúgio confortante, especialmente meu pai, que certa vez, meio sem querer, me disse que se Deus havia me conduzido a esse curso de Mestrado, haveria de dar tudo certo no fim, ainda que algumas ameaças predissessem o contrário.

À senhorita Belinda Cavazza, de quem sou candidato a genro, pelos conselhos amorosos e oportunos que amaciaram meu caminho; e sua filha Camila, perfeita companheira de todas as horas, que me faz acreditar e me faz crescer. Agradeço também aos secretários do Poslin, sempre muito atenciosos e eficientes.

Voltando a falar sobre a professora Heliana Mello, dedico a ela o final bem-sucedido dessa empreitada. Com sua sabedoria, objetividade e sensatez, mostrou-me que as coisas não precisavam ser tão complicadas. Seguramente, foi graças a ela que o trabalho fluiu com naturalidade e com prazer. Ontem eu era seu aluno, hoje sou também seu fã! Muito obrigado!

RESUMO

A presente pesquisa intentou, fundamentalmente, estudar as metáforas novas presentes nas crônicas de Nelson Rodrigues, buscando desvendar padrões para a sua composição, bem como para o seu uso, e elaborar uma proposta sobre o modo através do qual a construção das metáforas novas contribui para a caracterização da obra de Nelson Rodrigues. Para consecução desse propósito, foi desenvolvida e aplicada uma metodologia para identificação de metáforas a partir de corpora eletrônicos baseada na presença de colocados. Utilizando a metodologia da Linguística de Corpus, foi procedida a verificação sobre quais das metáforas presentes ao longo do corpus foram de fato criadas por Nelson Rodrigues. Com base nas teorias de semântica cognitiva, foram mapeadas, em metáforas conceituais, as metáforas linguísticas encontradas. As expressões selecionadas foram também analisadas tendo como aparato teórico as seguintes áreas teóricas: Modelo de Protótipos; Teoria dos Espaços Mentais e da Mesclagem. Por fim, foi verificado em corpora disponíveis se metáforas criadas por Nelson Rodrigues foram, posteriormente, empregadas em outros discursos.

Palavras-Chave: Linguística de Corpus, Linguística Cognitiva, metáfora nova, Modelo de Protótipos, Teoria dos Espaços Mentais e da Mesclagem

ABSTRACT

The present research tried, fundamentally, to study the new metaphors present in Nelson Rodrigues' chronicles, with the objective of unveiling patterns for their composition, as well as for their use, and to elaborate a proposal on the way in which the construction of new metaphors contributes to the characterization of Nelson Rodrigues' work. To achieve this purpose, a methodology was developed and applied to identify metaphors from electronic corpora based on collocates. Using the methodology of Corpus Linguistics, I proceeded to verify which of the metaphors present throughout the corpus were actually created by Nelson Rodrigues. Based on theories of cognitive semantics, the linguistic metaphors found were mapped into conceptual metaphors. The selected expressions were also analyzed having as theoretical apparatus the following theoretical areas: Prototypes Model, Mental Spaces and Blending Theory. Finally, it was investigated in available corpora whether metaphors created by Nelson Rodrigues were later employed in other discourses.

Keywords: Corpus Linguistics, Cognitive Linguistics, new metaphor, Prototypes Model, Mental Spaces and Blending Theory

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
METODOLOGIA	11
PARTE I – SUSTENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA: LINGUÍSTICA DE CORPUS E LINGUÍSTICA COGNITIVA	15
Capítulo 1 – Linguística de Corpus	16
1.1 Expansão da área	17
1.2 Diferentes perspectivas para a LC	18
Capítulo 2 – Linguística Cognitiva	19
2.1 Metáfora	22
2.2 Metáfora nova	24
PARTE II – IDENTIFICAÇÃO E MAPEAMENTO DAS METÁFORAS NOVAS DE NELSON RODRIGUES	27
Capítulo 3 – Listagem e Identificação das metáforas novas	28
3.1 vira-latas	28
3.2 (baba) bovina	29
3.3 pileque cívico	32
3.4 enrolado na derrota	32
3.5 quebrar os chifres	34
3.6 riso ginecológico	35
3.7 rosnar	35
3.8 passarinho	36
3.9 esporas e penacho	36
3.10 sanidade de cambaxirra	37
3.11 piparote	37
3.12 beber o sangue	38

3.13 selva de gângsteres	39
3.14 quebrar lanças	39
3.15 óbvio ululante	39
3.16 encharcada de imaginação	41
3.17 pires de leite	41
3.18 caudaloso	42
3.19 náusea ética	42
3.20 cadáver moral	43
3.21 coices	43
3.22 uivar	44
3.23 nas nossas barbas	44
3.24 hienas, abutres, chacais	45
3.25 paralelepípedos	46
3.26 piou	47

Capítulo 4 – Mapeamento das metáforas novas de Nelson Rodrigues em metáforas conceptuais **49**

4.1 vira-latas	49
4.2 (baba) bovina	50
4.3 pileque cívico	51
4.4 enrolado na derrota	51
4.5 quebrar os chifres	52
4.6 riso ginecológico	52
4.7 passarinho	53
4.8 esporas e penacho	53
4.9 sanidade de cambaxirra	54
4.10 selva de gângsteres	54
4.11 pires de leite	55
4.12 paralelepípedos	55

PARTE III – O MODELO DE PROTÓTIPOS E A TEORIA DOS ESPAÇOS MENTAIS E DA MESCLAGEM: ANÁLISE DE DADOS **58**

Capítulo 5 – A categorização e o Modelo de Protótipos **59**

5.1	Noções sobre categorização	59
5.2	Modelo clássico	59
5.3	Modelo de protótipos	60
5.4	Análises	64
5.4.1	<i>vira-latas</i>	64
5.4.2	<i>(baba) bovina</i>	64
5.4.3	<i>pileque cívico</i>	66
5.4.4	<i>enrolado na derrota</i>	66
5.4.5	<i>quebrar os chifres</i>	67
5.4.6	<i>riso ginecológico</i>	68
5.4.7	<i>passarinho</i>	68
5.4.8	<i>esporas e penacho</i>	68
5.4.9	<i>sanidade de cambaxirra</i>	69
5.4.10	<i>selva de gângsteres</i>	70
5.4.11	<i>pires de leite</i>	70
5.4.12	<i>paralelepípedos</i>	70
 Capítulo 6 – A Teoria dos Espaços Mentais e da Mesclagem		72
6.1	Conceitos introdutórios	72
6.2	Espaços mentais	74
6.3	Mesclagem	75
6.4	Análises	78
6.4.1	<i>vira-latas</i>	78
6.4.2	<i>(baba) bovina</i>	79
6.4.3	<i>pileque cívico</i>	80
6.4.4	<i>enrolado na derrota</i>	81
6.4.5	<i>quebrar os chifres</i>	82
6.4.6	<i>riso ginecológico</i>	83
6.4.7	<i>passarinho</i>	83
6.4.8	<i>esporas e penacho</i>	84
6.4.9	<i>sanidade de cambaxirra</i>	85
6.4.10	<i>selva de gângsteres</i>	86
6.4.11	<i>pires de leite</i>	87
6.4.12	<i>paralelepípedos</i>	88

PARTE IV – LEGADO E CARACTERIZAÇÃO DA OBRA DE NELSON RODRIGUES PELAS METÁFORAS NOVAS 90

Capítulo 7 – Emprego das metáforas novas de Nelson Rodrigues em outros discursos 90

7.1 Exemplos 90

7.1.1 vira-latas 90

7.1.2 (baba) bovina 91

7.1.3 pileque cívico 91

7.1.4 enrolado (na depressão)..... 92

7.1.5 quebrar os chifres 92

7.1.6 riso ginecológico 93

7.1.7 passarinho 93

7.1.8 penacho e esporas 93

7.1.9 cambaxirra 94

7.1.10 selva de gângsteres 94

7.1.11 pires de leite 95

7.1.12 paralelepípedos 95

7.2 Reflexões sobre como as metáforas novas caracterizam a obra de Nelson Rodrigues 96

CONSIDERAÇÕES FINAIS 99

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 101

INTRODUÇÃO

Quando escrevo sobre as hienas, sobre os abutres, sobre os chacais do futebol brasileiro — todo mundo acha que estou fazendo uma metáfora. E ninguém desconfia que são as hienas, os chacais, os abutres os autores da catástrofe.

Nelson Rodrigues

Muito por conta da criatividade de Nelson Falcão Rodrigues, cujos primeiros escritos sobre futebol remontam à década de 1950, o discurso sobre esse esporte, no Brasil, teve incrementadas suas nuances poéticas e românticas – a ponto de alguns considerarem que o autor foi quem consolidou a crônica esportiva como gênero literário no Brasil.

Ainda nos dias de hoje, o escritor segue sendo a principal referência nacional nesse campo, e algumas das expressões por ele cunhadas no passado são comumente replicadas e repercutidas, tanto pela mídia quanto no linguajar popular, seja em bares, esquinas ou palestras. O título de "rei do futebol", por exemplo, outorgado a Pelé e replicado à exaustão dentro dos mais diversos contextos, foi lançado por Nelson Rodrigues, que enxergava e transmitia o futebol para muito além da sua dimensão esportiva – fazia da modalidade uma metáfora do Brasil, das grandezas e limitações de sua gente.

Traço marcante, por sinal, da obra rodrigueana – que justifica o interesse pelo presente trabalho – diz respeito justamente à multiplicidade de metáforas ao longo das crônicas esportivas do escritor. Esse aspecto parece constituir uma tendência inerente ao estilo de Nelson Rodrigues, uma vez que o autor, aparentemente, lança mão desse recurso com muito mais frequência do que outros escritores do gênero o fazem.

Tal peculiaridade pode ser demonstrada ao se examinar, por exemplo, a crônica Coices e relinchos triunfais¹, a primeira apresentada na coletânea *Pátria de chuteiras*², livro que utilizei na compilação do minicorpus de estudo. No referido fractal do volume, há 66 frases, ao longo das quais podem ser detectadas, pelo menos, 40 expressões metafóricas, sobre um total 1010 palavras. A título de comparação, procedi à mesma

¹É a primeira crônica apresentada na coletânea *Pátria de chuteiras* (Nova Fronteira, 2012). Foi publicada originalmente na coluna "Meu personagem da semana", sem título, em 1º de agosto de 1966.

²Coletânea de crônicas de Nelson Rodrigues sobre futebol, lançada em 2012 pela editora Nova Fronteira, disponível para download em www.ediouro.com.br.

contagem em relação à crônica – de temática muito similar – "Não me acordem"³, cujo autor é Luís Fernando Veríssimo. Em 35 frases, há apenas dez metáforas, aparentemente, num total de 617 palavras. Em outra crônica sobre futebol, escrita por João Cabral de Melo Neto em forma de carta⁴, é possível identificar apenas 17 metáforas, em 70 frases e 804 palavras.

O presente trabalho consiste em um esforço de identificação e mapeamento das metáforas novas criadas por Nelson Rodrigues e presentes no minicorpus de estudo, além da análise daquelas expressões à luz das teorias de semântica cognitiva que buscam descrever e explicar os processos formadores de metáforas.

Os objetivos estabelecidos foram: desenvolver e aplicar uma metodologia para identificação de metáforas a partir de corpora eletrônicos baseada na presença de colocados; averiguar, utilizando a metodologia da Linguística de Corpus (LC), quais das metáforas presentes ao longo do corpus foram de fato criadas por Nelson Rodrigues; mapear, em metáforas conceptuais, as metáforas linguísticas encontradas; verificar em corpora disponíveis se metáforas criadas por Nelson Rodrigues foram, posteriormente, empregadas em outros discursos; e elaborar uma proposta sobre o modo através do qual a construção das metáforas novas contribui para a caracterização de sua obra.

A iniciativa de estudo sobre Nelson Rodrigues ancorada na linguística de corpus e na linguística cognitiva parece ter sido inédita. A apuração de referências bibliográficas para a proposição do projeto que resultou nessa dissertação apontara que inexistia publicação acadêmica com proposta semelhante à que foi empreendida. No portal www.nelsonrodrigues.com.br estão reunidos – além de entrevistas, críticas, textos literários, adaptações para o teatro, cinema e TV – mais de 100 trabalhos acadêmicos sobre a obra de Nelson Rodrigues. A grande maioria é da área da Literatura, e poucos são da Linguística – alguns dos quais exemplifico abaixo:

A tese, defendida em 1996, "O Profeta do Óbvio? Análise e procedimentos discursivos em folhetins de Nelson Rodrigues"⁵, tem como base as teorias enunciativas de análise do discurso (AD). Por sua vez, a dissertação "A linguagem coloquial de 'A falecida' de Nelson Rodrigues: resistência e/ou significação na atualidade"⁶, de 2013, é

³Texto publicado no jornal Zero Hora, no dia 18 de dezembro de 2006, em homenagem à conquista do título mundial de futebol pelo Internacional de Porto Alegre.

⁴Em texto que consta no acervo do jornal Diário de Pernambuco, que circulou em 2009, João Cabral de Melo Neto escreve sobre o América de Pernambuco para o primo Manuel Bandeira. Disponível em: <http://www.literaturanaarquibancada.com/2011/11/joao-cabral-de-melo-neto-e-o-futebol.html>.

⁵ Defendida por Eliana Magrini Fochi, na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita.

⁶ Defendida por Eliane Gouveia Cordeiro Santana, na Universidade da Amazônia.

fundamentada na teoria sobre o dialogismo, de Bakhtin. Já a dissertação "Uma análise discursiva da obra 'Não tenho culpa que a vida seja como ela é, de Nelson Rodrigues'⁷, defendida em 2012, utiliza teorias de Dominique Maingueneau, também da AD, como principal referência.

Por outro lado, estudos que se propõem a analisar metáforas do futebol podem ser encontrados facilmente. Como por exemplo, menciono o artigo "As metáforas do futebol brasileiro", de autoria de Pereira (2007), que faz uma análise qualitativa das expressões metafóricas encontradas no domínio do futebol. Já o estudo "Futebol é Guerra: A metáfora conceptual do futebol", de Espíndola (2013), apresenta os resultados de uma pesquisa sobre a conceptualização de futebol, com base na descrição de expressões recorrentes em crônicas esportivas.

Entre as questões para as quais busquei respostas na minha pesquisa, estão: a) Quais são as metáforas novas da obra de Nelson Rodrigues? b) Quais os meios comumente utilizados pelo cronista para elaborar suas metáforas novas? c) Existem peculiaridades na metáfora de Nelson Rodrigues? d) Existe um padrão nessas metáforas? e) O que pode ser interpretado tendo como parâmetro as teorias sobre metáfora?

Minha hipótese inicial foi de que seriam extraordinárias as ligações entre domínios explorados nas metáforas novas de Nelson Rodrigues. Isso porque as categorias mentais articuladas pelo autor, por serem consideradas incomuns, provocariam no leitor efeitos de ruptura mais intensos do que os das metáforas em geral. Pressupunha, também, que, na maioria das vezes, o autor tivesse escolhido termos periféricos em uma escala de prototipicidade para a formação de suas metáforas.

Os resultados deste estudo podem servir de ferramentas para os adeptos da escrita criativa, praticada profissionalmente ou não, subsidiar estudos sobre o processo de criação de metáforas e ilustrar a utilidade das metodologias da LC para os mais diversos fins analíticos.

⁷ Defendida por Elza Carolina Beckman Pieper, na Universidade Federal da Grande Dourados.

METODOLOGIA

Foi compilado um minicorpus de estudo composto de 40 crônicas, todas sobre futebol, escritas entre 1958 e 1977, e reunidas na coletânea *Pátria de Chuteiras*, lançada em 2012 pela editora Nova Fronteira. Os textos haviam sido originalmente publicados nos veículos *O Globo*, *Manchete Esportiva*, *Jornal dos Sports* e *Fatos & Fotos*.

A partir do estudo do minicorpus, composto de 5346 *types* (número de palavras, desconsiderando as repetições) e 30291 *tokens* (número total de palavras, incluindo as repetições), a realização do trabalho se dividiu nas seguintes etapas: extração manual de todas as candidatas a metáforas novas presentes na coletânea *Pátria de Chuteiras*; verificação sobre quais daquelas metáforas foram, de fato, criadas por Nelson Rodrigues, tendo como parâmetro de referência o portal *Corpus do Português*⁸; análise aplicada na lista de palavras atestadas como metáforas novas do autor; e checagem sobre a prevalência das metáforas novas de Nelson Rodrigues em outros discursos, com uso do site de pesquisas Google.

Apesar de existirem softwares dedicados à identificação automática de metáforas, seus resultados não são ainda confiáveis e demandam grande revisão manual (cf. SOUZA, 2010). Julguei que não seria produtivo seguir o percurso da identificação automática de metáforas para este trabalho, já que seus objetivos poderiam ser alcançados através da análise manual, procedimento necessário para a validação dos resultados obtidos automaticamente. Uma vez que esta pesquisa não tem seu foco centrado na identificação automática de metáforas, e dada a escassez de tempo disponível, optei por fazer, então, um substancial procedimento manual.

A pesquisa foi dividida em quatro partes, de acordo com suas etapas, que se refletem diretamente na organização formal desta dissertação. Assim, na Parte I, **SUSTENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA: LINGÜÍSTICA DE CORPUS E LINGÜÍSTICA COGNITIVA**, foram apresentadas as teorias que serviram como pano de fundo para as análises empreendidas no trabalho. Na Parte II, **IDENTIFICAÇÃO E MAPEAMENTO DAS METÁFORAS NOVAS DE NELSON RODRIGUES**, foi descrito o processo em que todas as crônicas da coletânea foram salvas em formato .txt

⁸ O site *Corpus do Português* (www.corpusdoportugues.org) possui 45 milhões de palavras, catalogadas desde os anos 1300.

e posteriormente transportadas para o software AntConc⁹. Com base na lista de palavras executada, selecionei as expressões candidatas a metáforas novas. As figuras abaixo são de telas do AntConc. Na Figura 1, está acionada a guia Word List, em que "bovina", palavra em destaque, figura na posição 812, com quatro ocorrências no minicorpus. Na Figura 2, a mesma palavra está explorada na função Concordance, que revela os contextos léxico-lineares do minicorpus de estudo em que ela ocorre.

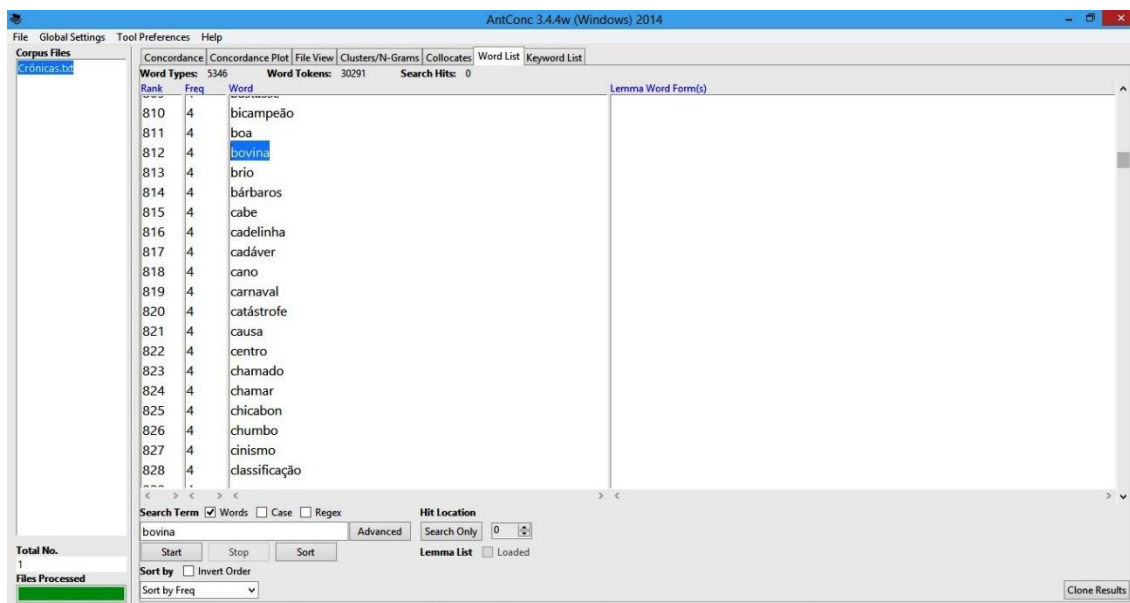


Figura 1: Tela do software AntConc na função Word List.

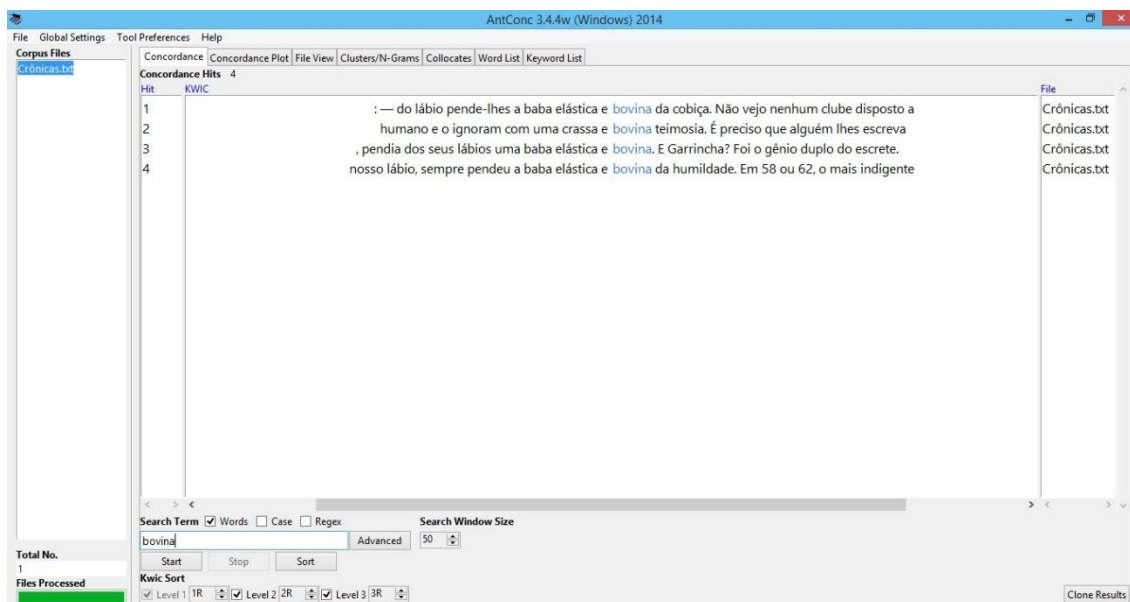
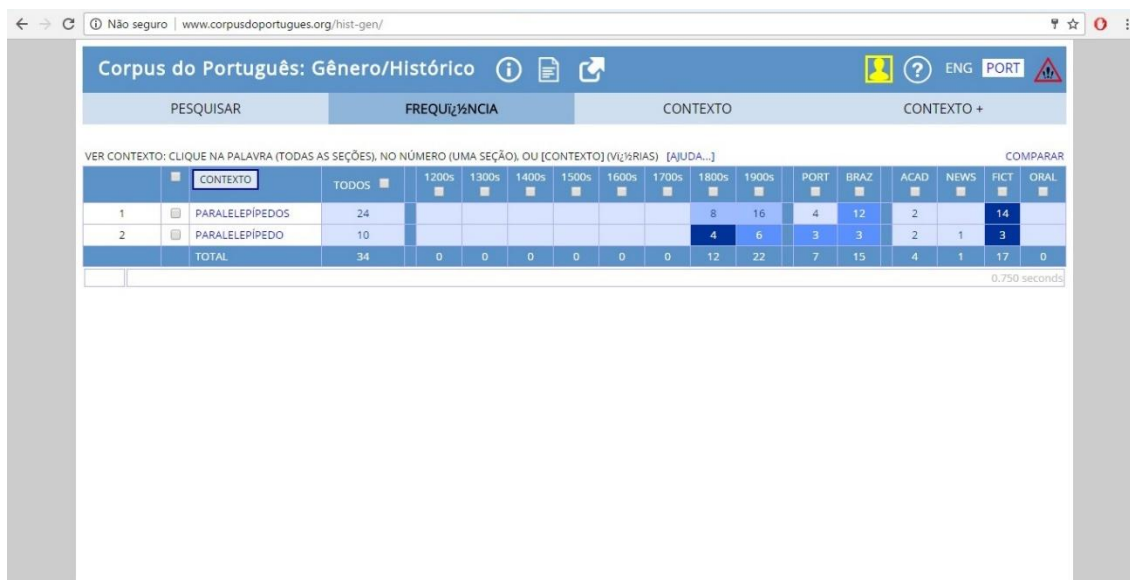


Figura 2: Tela do software AntConc na função Concordance.

⁹Software livre que consiste em um conjunto de ferramentas de análise de corpus, disponível para download no site <http://www.laurenceanthony.net/>.

As expressões selecionadas foram, na sequência, buscadas no Corpus do Português. Este, por se tratar de um corpus diacrônico, foi utilizado como corpus de referência para esse trabalho, a fim de se averiguar se há ocorrências daquelas metáforas anteriores à obra de Nelson Rodrigues, ou se elas tiveram seu uso inaugurado pelo cronista. A pesquisa no Corpus do Português está ilustrada abaixo:



Corpus do Português: Gênero/Histórico

PESQUISAR FREQUÊNCIA CONTEXTO CONTEXTO +

VER CONTEXTO: CLIQUE NA PALAVRA (TODAS AS SEÇÕES), NO NÚMERO (UMA SEÇÃO), OU [CONTEXTO] (MÚLTIPLAS) [AJUDA...]

	CONTEXTO	TODOS	1200s	1300s	1400s	1500s	1600s	1700s	1800s	1900s	PORT	BRAZ	ACAD	NEWS	FICT	ORAL
1	PARALELEPÍPEDOS	24							8	16	4	12	2		14	
2	PARALELEPÍPEDO	10							4	6	3	3	2	1	3	
	TOTAL	34	0	0	0	0	0	0	12	22	7	15	4	1	17	0

0,750 seconds

Figura 3: Busca por "paralelepípedo" ou "paralelepípedos" no Corpus do Português.



Corpus do Português: Gênero/Histórico

PESQUISAR FREQUÊNCIA CONTEXTO CONTEXTO +

FONTE:

Data	
Título	A Campanha Abolicionista
Autor	José do Patrocínio

Contexto ampliado:

ao imortal jurisconsulto brasileiro. Posta nestes termos a questão da legalidade da escravidão, não se pode admitir boa-fé da parte dos seus sustentadores e não se compreende a pertinência na sustentação comparada à atitude descomunamente moderada dos conservadores. Haverá na nossa história parlamentar algum fato semelhante? Felizmente. Em 1848, o Partido Liberal iniciou a discussão da lei para reprimir o tráfico. Dispensamo-nos dos qualificativos que convêm ao modo como procedeu, porque é sabido que os liberais no Governo são de uma contradição dolorosa com as suas teorias. O Ministério exumou timidamente dos arquivos da Câmara o cadáver moral da legislação brasileira, conhecido pelo nome de projeto nº 133, de 1837, do Senado, e pretendeu galvanizá-lo pela discussão. Parecia que o Partido Conservador estava deliberado a sustentar o Gabinete nesta iniciativa. Pois bem, de súbito, apareceram complicações, dentro e fora do parlamento. Os dias 6, 7 e 8 de setembro de 1848 assinalaram-se por distúrbios, sendo o gabinete acusado de convivência com os desordeiros. O elemento português foi explorado habilmente contra o Governo, do mesmo modo que presentemente o

Figura IV: Verificação do contexto de ocorrência de "cadáver moral" no Corpus do Português.

A partir do exame dos colocados e do contexto de ocorrência das expressões no corpus selecionado e no corpus de referência, pude identificar as que tiveram seu uso

metafórico inaugurado por Nelson Rodrigues. Em seguida, foi feito o mapeamento dessas metáforas linguísticas de acordo com as metáforas conceituais equivalentes, procedimento fundamentado na teoria da metáfora conceptual (TMC) de Lakoff e Johnson (1980).

Ao longo da Parte III, O MODELO DE PROTÓTIPOS E A TEORIA DOS ESPAÇOS MENTAIS E DA MESCLAGEM: ANÁLISE DE DADOS, foi procedida a análise das expressões metafóricas assumidas como metáforas novas de Nelson Rodrigues. Utilizei como arcabouço teórico, nessa etapa, o Modelo de Protótipos, consagrado por Rosch (1973), a fim de demonstrar a pertinência de minha hipótese inicial, de que o autor teve predileção por termos menos prototípicos para composição de suas metáforas. Na sequência, as premissas teóricas e os diagramas que explicam a Teoria dos Espaços Mentais e da Mesclagem, cuja contribuição mais relevante é de Fauconnier e Turner (2002), constituíram a base para a análise das metáforas novas.

A Parte IV, LEGADO E CARACTERIZAÇÃO DA OBRA DE NELSON RODRIGUES PELAS METÁFORAS NOVAS, consistiu na pesquisa sobre a replicação das metáforas novas de Nelson Rodrigues por outros escritores, em textos de mídias diversas, posteriores à sua obra. Também foi procedida, nessa etapa, a reflexão sobre o legado de Nelson Rodrigues, especialmente a respeito do modo pelo qual as metáforas novas contribuíram para a caracterização de sua obra.

PARTE I –SUSTENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA: LINGUÍSTICA DE CORPUS E LINGUÍSTICA COGNITIVA

No desenvolvimento desta primeira parte da pesquisa, o aparato teórico utilizado diz respeito às áreas teóricas da Linguística de Corpus e da Semântica Cognitiva. Especial atenção foi dedicada ao termo "metáfora nova".

Capítulo 1 – Linguística de Corpus

Na Linguística de Corpus (LC), a linguagem é compreendida como um fenômeno probabilístico, derivado da observação do seu uso efetivo, a partir de textos reais e analisada empiricamente. Nessa perspectiva, a linguagem deve ser estudada como um fenômeno dinâmico, isto é, que está constantemente em movimento (HASAN, 1999).

Para Teubert (1996), a LC é a face moderna da linguística empírica. Isso porque a linguagem, conforme essa metodologia, deve ser considerada um fenômeno social e analisada com base em atos concretos de comunicação, ou seja, textos que compõem discursos autênticos. Um corpus, como define Tagnin (2004), é “uma coletânea de textos em formato eletrônico, compilada segundo critérios específicos, considerada representativa de uma língua (ou da parte que se pretende estudar), destinada à pesquisa”.

Contemporaneamente, a LC é operada com o auxílio de programas de computador, por meio da compilação de coleções de textos que circulam naturalmente na língua. As análises realizadas com uso de softwares permitem que se faça descobertas e se atribua relevância a novos aspectos linguísticos, uma vez que evidências surpreendentes podem emergir dos dados. Linguistas como Sinclair (1994) afirmam que isso é possível desde que os pesquisadores "confiem no texto", ou seja, observem-no de maneira isenta, deixando que os dados sejam os únicos fundamentos para novas descrições e análises.

Hunston (2002) complementa pontuando que um corpus oferece evidências, mas não dá informações; além disso, a LC deve ser aplicada em contexto interdisciplinar, relacionando-se com outras áreas do conhecimento, teorias ou abordagens linguísticas. A soma de conhecimentos é que pode levar à compreensão do objeto de estudo. A análise dos dados, sistematizados computacionalmente, é feita através da expertise do linguista.

As pesquisas em corpora são caracterizadas pela busca de probabilidades, padrões ou tendências de ocorrência ao lidarem com dados muito volumosos. Tais padrões são identificados e interpretados pelos pesquisadores com base em resultados quantitativos, que devem ser discutidos e entendidos sob diversos posicionamentos teórico-metodológicos.

1.1 Expansão da área

Os estudos linguísticos fundamentados em dados autênticos de uso têm adquirido credibilidade ao longo das últimas décadas. Remonta à década de 1960 a criação do primeiro corpus amplamente conhecido e utilizado pela comunidade acadêmica – o Brown Corpus (compilado nos Estados Unidos, com 1 milhão de palavras). A partir dos anos 80, favorecida por aspectos de ordem acadêmica, tecnológica, sócio-histórica e pragmática, a área expandiu-se. O engajamento de relevantes linguistas na organização de corpora, entre os quais Douglas Biber, Geoffrey Leech, John Sinclair, Jan Svartvik e Randolph Quirk, contribuiu muito para o desenvolvimento e a divulgação da área.

O avanço da tecnologia, que permitiu o uso de computadores e softwares para a análise de corpus, tornou viável armazenar, acessar e analisar grandes quantidades de dados linguísticos. O trabalho, que nos anos 60 dependia de fichas impressas guardadas em caixas (SVARTVIK, 1996), passou a ser executado com auxílio de potentes máquinas, capazes de processar corpora com centenas de milhões de palavras, como é o caso do British National Corpus (BNC), composto de textos escritos e transcrições de textos orais. Hoje em dia, existem corpora que podem ser acessados gratuitamente via internet, o que facilita o desenvolvimento de pesquisa em diversas áreas, visando a múltiplos propósitos analíticos.

No Brasil e em Portugal, o desenvolvimento da área de Linguística de Corpus ganhou consistência nos anos 90, quando emergiram iniciativas para a organização de corpora do português. Sardinha (2004) explica que essa expansão foi consolidada com a publicação do primeiro livro, no país, com informações sobre corpora, suas características e metodologias. O autor, que é um dos precursores da LC no Brasil, sustenta:

Claramente, a Linguística de Corpus não é uma disciplina tal qual psicolinguística, sociolinguística ou semântica, pois seu objeto de pesquisa não é delimitado como em outras áreas. A Linguística de Corpus não se dedica a um assunto definido (...). Ao contrário, ocupa-se de vários fenômenos comumente enfocados em outras áreas (léxico, sintaxe, textura). É então uma metodologia da qual outras áreas podem se fazer valer? A princípio, sim. (...) Entendendo metodologia como instrumental, então é possível aplicar o instrumental da Linguística de Corpus livremente e manter a orientação teórica da disciplina original. (SARDINHA, 2004, p. 35-36)

1.2 Diferentes perspectivas para a LC

Os corpora são, em linhas gerais, divididos entre os gerais e os especializados. Os corpora gerais possuem variedade de gêneros discursivos, assuntos e autores. Por isso, retratam a língua de uma forma ampla e servem de base para pesquisas múltiplas. Eles possibilitam o desenvolvimento de trabalhos como os dicionários de língua geral e ferramentas de redes lexicais. Já os especializados são caracterizados pela especificidade quanto ao gênero ou ao discurso.

A análise fundamentada na observação do uso da língua em contextos linguísticos e sociais variados, tendo vastos volumes de textos como objeto, abriu perspectivas para estudos aplicados de diferentes naturezas, como os tradutórios. Como lembra Turunem (2009), novas descrições gramaticais têm sido fundamentadas em corpus, evidenciando funções pragmáticas que têm maior ocorrência do que as semânticas, por exemplo. Já os estudos lexicográficos baseados em corpora tornaram possível acompanhar o surgimento de palavras em uma língua. No campo dos estudos de gêneros discursivos, foram feitas relevantes descobertas, por exemplo, sobre a variação intercultural em gêneros discursivos do português e inglês.

Como vemos, a LC, além de tornar possível o trabalho com dados robustos da língua escrita ou falada (em vez de exemplos de cunho introspectivo e descontextualizados), permite também o acesso a um número de informações praticamente ilimitado, o que assegura mais fidedignidade quanto às conclusões das pesquisas. Sobre sua aplicação no estudo de metáforas, Sardinha (2007) sustenta que a LC, por ser centrada no uso típico e habitual das formas linguísticas, é capaz de conduzir ao mapeamento das metáforas conceptuais que prevalecem em determinada cultura. Entretanto, a distinção do caráter metafórico de determinada expressão, em relação ao literal, só ocorre mediante a interpretação de seu sentido – o que, para o linguista, só pode ser processado pela mente humana. Durante a produção desse trabalho, a LC foi instrumento que conferiu precisão para as análises quantitativas e credibilidade para as interpretações qualitativas, validando, assim, empiricamente, o estabelecimento de padrões inerentes à criação de metáforas novas por Nelson Rodrigues.

Capítulo 2 – Linguística Cognitiva

A Linguística Cognitiva surgiu para se contrapor aos paradigmas estruturalista e gerativista, que consideravam a linguagem como um sistema autônomo e descreviam a realidade em termos de categorias discretas. O paradigma estruturalista concebe a linguagem como “um sistema que se basta a si mesmo” (SILVA, 1997), desconsiderando, assim, a interação entre o falante e o mundo que o rodeia. Já o paradigma gerativista, que tem como principal referência o linguista Noam Chomsky, entende a linguagem como uma faculdade mental autônoma do ser humano, isto é, um mecanismo independente de outros processos mentais. Nessa perspectiva, o estudo da linguagem não se inter-relaciona com outras áreas.

A Linguística Cognitiva nega justamente esse caráter autônomo da linguagem. Com base no pressuposto de que as estruturas linguísticas não são rígidas, mas maleáveis conforme as necessidades específicas de expressão e comunicação (CHIAVEGATTO, 2009), pode-se dizer que o significado dos enunciados é uma construção mental que expressa a interligação entre conhecimento e linguagem, guiado pelas formas linguísticas e validado no contexto comunicativo. Silva (2004) assinala que a linguagem é parte integrante da cognição e se fundamenta em processos cognitivos e culturais, devendo ser estudada no contexto do processamento mental, da interação e da experiência social.

Lakoff (1990) defende que existe uma estreita conexão entre a Linguística Cognitiva e outros estudos sobre a mente. Como parte do sistema cognitivo, a linguagem interage com as demais capacidades cognitivas, como a percepção, a categorização, a atenção e a memória. Assim, a linguagem integra o pensamento e ao mesmo tempo é responsável por sua construção e estruturação. A Linguística Cognitiva postula que a gramática não deve ser vista como um conjunto de regras que opera sobre categorias de palavras ou de sentenças, mas como um conjunto de princípios gerais e processuais, que funciona articulado a várias bases de conhecimentos. A língua é, na definição de Chiavegatto (2009), um instrumento usado para expressar pensamentos e interagir em sociedade.

Lakoff e Johnson (1980) apontam que o movimento cognitivo é metodologicamente baseado na análise do uso linguístico autêntico, que interpreta empiricamente as expressões linguísticas na experiência individual, coletiva e histórica. Silva (2004) sustenta que a perspectiva da significação é a função da linguagem, e por

isso, o fenômeno linguístico primário. Segundo o autor, é impossível dissociar o significado linguístico do conhecimento do mundo, e o papel da linguagem é interpretar e organizar o conhecimento, refletindo as necessidades, os interesses e as experiências dos indivíduos e de suas culturas.

Segundo Silva (2004), o significado da forma linguística organiza o conhecimento de mundo na perspectiva da sociedade e da cultura da qual os falantes participam. Essa categorização do conhecimento reflete as experiências compartilhadas pelos indivíduos, em diferentes projeções das realidades vivenciadas, sejam elas concretas ou abstratas. Isso é, para o autor, o que viabiliza a comunicação.

Salomão (1999) explica que as investigações da Linguística Cognitiva, no Brasil, foram estabelecidas sob princípios como o da “escassez do significante”, premissa segundo a qual as formas linguísticas são incapazes de significar tudo aquilo que se deseja. Além disso, pode-se afirmar que a informação extralinguística é crucial para a interpretação da linguagem. Assim, no processo da significação devem ser levados em conta aspectos pragmáticos, inerentes ao contexto dinâmico da situação comunicativa. Por isso, a fronteira entre o literal e o não-literal é muito mais ampla do que pode parecer. Conotações figurativas, ironia e implicaturas são essenciais na identificação que ocorre entre linguagem e cognição.

No mesmo sentido, Turner (1996) considera superficial a maneira pela qual costumamos rotular os conceitos. O autor defende que o significado é dinâmico, podendo ser construído e desconstruído segundo propósitos de comunicação específicos. São fundamentais, dessa forma, as noções de enquadre (frame), perspectiva e foco, para que possamos abordar a interatividade das diversas construções de significados. O mundo, segundo o autor, é concebido numa linha que abarca o linguístico, o contextual e a realidade.

Na perspectiva da linguística cognitiva, portanto, a linguagem é definida como um domínio cognitivo que interage com outros domínios, e deve ser analisada no quadro mais abrangente das ciências cognitivas, como a Psicologia, a Antropologia ou as Neurociências. Essa abordagem interdisciplinar tem como finalidade contribuir para o aprofundamento do estudo e conhecimento da cognição humana. Mais do que uma mera faculdade comunicativa, a linguagem é uma forma de conceptualizar a realidade e de refletir essa conceptualização.

O estudo da Linguística Cognitiva alicerçado em corpora produzidos por falantes reais, em interações culturalmente e socialmente legítimas, submetidas a

protocolos das mais diversas naturezas, se justifica na medida em que as pesquisas cognitivas baseiam-se em observações de experiências reais de uso da língua.

O corpus em evidência no presente trabalho será analisado sob o prisma dos estudos sobre categorização, principalmente os decorrentes das contribuições de Rosch (1973). A proposta da autora, como veremos mais adiante, é de que as línguas não são formadas por categorias tradicionais (ou aristotélicas, como comumente são chamadas), mas pelas prototípicas. Enquanto nas primeiras os membros possuem todos os traços inerentes à categoria, há nas prototípicas um membro central, detentor de todas as características da categoria. Os demais membros são, em uma escala gradual, mais periféricos, possuindo cada vez menos traços da categoria e, por conta disso, distanciam-se do membro prototípico ou central. Usando como exemplo a categoria das aves, Chiavegatto (2009) exemplifica: "À categoria aves, integram-se pardais, galinhas e papagaios. O membro prototípico seria o pardal, pois tem penas, voa e pia (...) Contudo, a galinha anda e não voa; o papagaio fala, mas não pia. Mas (...) ambos são tão aves quanto pardais". Assume-se, portanto, que a análise dos fenômenos em linguística cognitiva requer que os processos cognitivos e construções linguísticas façam parte de categorias prototípicas.

Salomão (1999) sustenta que a Linguística Cognitiva que praticamos no Brasil é herdeira do funcionalismo internalista, segundo o qual as construções gramaticais se definem pelos processos cognitivos internos e as interações socioculturais. O plano de fundo sobre o qual se organizam as construções linguísticas são, dessa forma, os conhecimentos decorrentes das experiências vivenciadas pelos sujeitos desde os primeiros anos de vida. Tais conhecimentos, acumulados e estruturados na memória, são chamados de domínios cognitivos. Embora relativamente estáveis, os domínios podem também se modificar em consequência de experiências posteriores.

Essas estruturas de arquivamento de experiências, que são acionadas para formar os significados linguísticos, podem ser representadas como esquemas em imagens, que se referem àqueles conhecimentos mais elementares de nossa experiência, cuja aplicação pode se processar em diferentes domínios. Por conterem informações de caráter geral, essas estruturas são de compreensão universal.

Entre as estruturas utilizadas para organizar os conhecimentos na linguagem, estão os espaços mentais, cuja noção será aprofundada no capítulo 7 dessa dissertação. Chiavegatto (2009) afirma que nos espaços mentais nós "processamos as relações entre as informações importadas dos domínios de conhecimentos ativados. Tão logo o

enunciado produzido esteja pré-estruturado, o espaço se dissolve, projetando sua organização em enunciados comunicáveis". Os espaços mentais são, segundo a autora, descortinados ao longo da progressão do discurso.

2.1 Metáfora

Ao longo de séculos, desde a obra de Aristóteles, a metáfora foi considerada como um elemento estritamente linguístico. Definida então como uma figura de estilo, com finalidade estética, a metáfora era ligada exclusivamente à linguagem literária e poética. Esse pensamento foi confrontado pela Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), proposta por Lakoff & Johnson (1980), que atribuiu destaque à natureza conceptual da metáfora. Como defende Lakoff (1995), a metáfora pertence antes à esfera do pensamento, e só depois à da linguagem. Passou-se a admitir que se trata, pois, de um mecanismo importante na compreensão e explicação da cognição humana.

Segundo Stefanowitsch (2005, p. 163), a metáfora pode ser definida como um elemento que oferece suporte conceitual para a nossa apreensão de conceitos complexos, ou seja, ela é usada para que seja simplificado o processamento do sentido. Por isso, por meio das metáforas, nós nos apropriamos de domínios mais concretos para interpretar conceitos abstratos. Neste sentido, falamos do conceito de “projeção” ou “mapeamento” entre dois domínios conceptuais, onde um domínio mental (fonte) é conceptualizado em termos de outro domínio (alvo). Assim sendo, os mapeamentos são correspondências entre domínios conceptuais, fundamentados nas percepções humanas, experiências corporais e manipulação de objetos.

Lakoff e Johnson (1980) sustentam que as metáforas estão presentes no pensamento e nas ações humanas. Nosso sistema conceitual seria, então, metafórico por natureza. A partir de metáforas fundamentais, são criadas expressões linguísticas (e também gestos). Por isso, muitas culturas entendem, por exemplo, que “para cima é bom, e para baixo é ruim”. Essa metáfora orientacional (que provavelmente tem origem na experiência humana de lutar pelo objetivo de ficar de pé, nos primeiros meses de vida) licencia expressões como: "ela está com o prestígio em alta", "conseguiu subir na carreira", ou "ele está afundado em dívidas", "as vendas caíram".

Nesse sentido, Stefanowitsch (2005) empreendeu estudo que demonstrou que o uso da linguagem metafórica é motivado por princípios cognitivos, em vez de questões meramente estilísticas. O alto grau de sistematicidade e ocorrência das metáforas, a

possibilidade de inexistir uma expressão literal correspondente a cada expressão metafórica, e especialmente o fato de que o mapeamento, nas metáforas, é sempre unidirecional (do domínio mais concreto para o mais abstrato) são argumentos que validam sua hipótese.

Reddy (1979) já havia abordado a metáfora como um processo conceptual, convencional e parte integrante do sistema comum de pensamento e linguagem. Isso significa que, em termos cognitivos, a metáfora não seria apenas inerente à linguagem, mas também ao pensamento. O conhecimento sobre o mundo se traduz na nossa compreensão das expressões metafóricas, o que caracteriza esse fenômeno como experiencialista. Se ao invés de criar novos vocábulos, usamos as expressões linguísticas com significados diversos, podemos assumir que a linguagem do dia a dia tem caráter metafórico.

Para Fauconnier (1994), quando pensamos ou falamos de determinados domínios (domínio-alvo) usando estruturas características de outros domínios (domínio-fonte) fazemos a chamada projeção de domínios conceptuais. Tais mapeamentos, que ocorrem dos domínios mais concretos em favor dos mais abstratos, são convencionais, isto é, fazem parte do nosso sistema conceptual. Tendo em vista que essas metáforas já se encontram presentes no sistema, a compreensão ocorre de modo ágil.

Os domínios conceptuais são ativados com base nesses mapeamentos, e apoiados, como vimos, no conhecimento, na vivência cotidiana e na relação corporal com o mundo. A fim de aprofundar a compreensão do papel que as metáforas conceptuais convencionais desempenham na linguagem, no pensamento e na cultura, Gibbs (2011) destaca um conjunto de evidências linguísticas, não linguísticas e experimentais que dão suporte às noções básicas da TMC.

No caso da metáfora conceptual AMOR É UMA VIAGEM, como sabemos, há elementos que projetam sistematicamente entidades do domínio do amor (os amantes, a relação amorosa etc.) em entidades do domínio das viagens (viajante, veículo, destino etc.), fazendo emergir uma projeção do entendimento concreto de uma viagem sobre o conceito abstrato de uma relação amorosa. A evidência especialmente destacada pelo autor, no entanto, é que conceitos abstratos como o amor podem ser estruturados por metáforas conceptuais múltiplas. A frase “Ele foi tomado por uma onda de paixão”, por exemplo, é concebida pela metáfora conceptual AMOR É UMA FORÇA NATURAL. O exposto trata de uma evidência que serve de explicação para a emergência de metáforas novas.

Gibbs (2011) também observa que as expressões metafóricas novas representam usos criativos de metáforas convencionais. Como exemplo, o autor menciona a frase “Meu casamento foi um passeio de montanha-russa no inferno”, em que figura uma expressão pouco usual da metáfora AMOR É UMA VIAGEM (que é muito convencional). Esse tipo de uso, apesar de considerado ‘novo’, está ancorado em associações metafóricas convencionais, aspecto que, ao longo deste trabalho, veremos em evidência em várias das análises sobre as metáforas novas de Nelson Rodrigues. Já a configuração das metáforas novas será tratada na próxima subseção.

2.2 Metáfora Nova

Lakoff e Johnson (1980) definem as metáforas novas como aquelas que não são utilizadas para estruturar nossos sistemas conceituais normais, constituindo uma nova maneira de pensar o objeto. A metáfora nova, para Cameron e Deignan (2006), é a expressão que, introduzida em um dado contexto, e a partir das características próprias desse contexto, encontra plena ressonância para emergir. Entendida também como “viva”, a metáfora nova, aquela não usada pelo público de forma intuitiva, traz uma relação inexistente entre domínios em nosso dia a dia. Contrapõe-se à metáfora velha: aquela que, de tão naturalizada pelo uso, não é mais percebida como metáfora.

Zanotto (1988) define a metáfora nova como “um fenômeno essencialmente discursivo, no qual o sujeito encontra o espaço de liberdade ao subverter as regras da língua para inscrever sua subjetividade criativa”. Por outro lado, a metáfora de uso é “convencionalizada, cujo sentido original pode até ter-se perdido”.

Vereza (2007) observa, sobre o processo da criação de uma nova metáfora, que este "deve ser colocado de forma clara o bastante para ser decifrado, e obscuro na medida certa para que não se torne literal". E acrescenta:

Com isto, queremos afirmar que embora a metáfora seja nova, e a expressão metafórica se utilize de elementos até então incompatíveis, a significação da metáfora deve-se apresentar ante o leitor, proporcionando a este uma visão do objeto; este objetivo de proporcionar a visão deve ser atingido para que o texto permita a leitura proposta. (1998:87)

Kövecses (2005; 2010) destaca que o indivíduo produz metáforas influenciado pela experiência corporal ou pelo contexto que o circunda. As metáforas corporificadas, segundo o autor, são universais e primárias. A criatividade metafórica, por sua vez, pode emergir induzida pelo ambiente físico, o conhecimento sobre as entidades do discurso, o contexto cultural, o ambiente social ou o contexto linguístico imediato.

Segundo Kövecses, os fatores contextuais desencadeiam a seleção e a utilização de determinadas metáforas conceptuais e suas manifestações linguísticas, motivando a criação de metáforas. Entre esses fatores, podemos mencionar a memória diferencial, que diz respeito aos eventos históricos que marcam uma sociedade e ficam codificados na sua língua. Assim, muitas metáforas são relacionadas ao domínio-fonte das experiências do passado. Sobre isso, Lakoff e Johnson (1980) apontam que as metáforas novas nascem de uma reverberação por meio da rede de acarretamentos que impulsiona e liga nossas referências sobre determinado tema.

Os usuários de metáforas são influenciados também pelo ambiente imediato, o que pode abarcar relações decorrentes de conversas ou de eventos sociais onde se passa o discurso. De maneira geral, existe um ambiente social e um significado especial que precisa ser ativado. Se uma projeção metafórica se molda a determinada situação social, ela é apropriada pelo falante. Por isso, pode se dizer que as metáforas novas estão ancoradas no contexto em que a conceituação metafórica se dá.

Os falantes, ao elaborar metáforas novas, o fazem buscando ser coerentes com os fatores que conceptualizam o mundo (KÖVECSES, 2010). Assim, à medida que o contexto discursivo varia, são criadas novas metáforas linguísticas.

Existe uma premissa do paradigma cognitivista segundo a qual as expressões metafóricas novas, assim como as velhas, são licenciadas por metáforas conceptuais subjacentes. As metáforas novas seriam então motivadas pelas metáforas conceptuais que as licenciam, da mesma forma que as metáforas velhas o foram em outrora. Lima (1999) destaca que “as metáforas novas usam partes não convencionais de metáforas conceptuais, sendo entendidas como formas licenciadas e interpretadas por estruturas metafóricas adicionais”. Segundo a autora, tais aspectos, ainda que não usados convencionalmente, estão também mapeados, uma vez que são aceitos pelos falantes. Lakoff (1995) afirma que as generalizações que regem as expressões metafóricas se aplicam tanto às expressões poéticas consideradas novas quanto à linguagem cotidiana comum. Isso porque ambas as modalidades são balizadas pelas metáforas conceptuais fossilizadas.

Tal influência é objeto de discussão também para Turner (1989), o qual considera que “as metáforas novas do discurso poético são derivadas de metáforas que fazem parte do nosso modo cotidiano de pensar, falar e agir”, uma vez que os poetas exploram os modos de pensar que nós, leitores, já possuímos. Para esses autores, a associação cognitiva com as metáforas conceptuais consolidadas é justamente o que possibilita a compreensão das metáforas novas.

Por fim, convém ressaltar que a influência inerente ao processo de produção de metáforas se dá também no sentido inverso – ou seja, a língua atua promovendo mudanças na cultura. Kovecses (2005) afirma que as metáforas novas são capazes de criar uma nova realidade, influenciando a cultura por meio da substituição de conceitos antigos por conceitos novos. Este aspecto, para o autor, reforça a afirmação de que a língua em uma cultura, de fato, pode estruturar os sistemas conceptuais e também as atividades cotidianas dos seus usuários.

PARTE II – IDENTIFICAÇÃO E MAPEAMENTO DAS METÁFORAS NOVAS DE NELSON RODRIGUES

Nesta parte da dissertação, estão listadas todas as expressões reputadas pela minha exploração dos dados como “candidatas” a metáforas novas de Nelson Rodrigues, presentes ao longo das 40 crônicas que compõem o minicorpus de estudo. Foram transcritos, entre aspas, todos os trechos em que as expressões emergem na coletânea Pátria de Chuteiras. Quanto às respectivas ocorrências no corpus de referência, transcrevi, entre parênteses e aspas, somente aquelas que julguei relevantes para a tessitura de diagnósticos. Dessa forma, omiti a maioria das ocorrências encontradas em sentido literal. Por outro lado, reproduzi, do corpus de referência, ocorrências com sentidos figurados diversos, a fim de estabelecer uma análise comparativa com as metáforas originárias da obra de Nelson Rodrigues.

Capítulo 3 – Listagem e identificação das metáforas novas

Aqui, as 26 potenciais metáforas novas do autor foram elencadas na ordem em que as detectei – e não necessariamente na ordem em que figuram na coletânea de textos. Em cada uma das subseções, relatei os processos de pesquisa sobre as “candidatas” no Corpus do Português, bem como as etapas da reflexão sobre seu enquadramento no conjunto das metáforas novas do cronista. Os significados literais das expressões foram checados no dicionário Michaelis, disponível em <http://michaelis.uol.com.br>.

3.1 *vira-latas*

Como apurado, a metáfora mais recorrente ao longo da coletânea – e possivelmente a mais popular entre os conhecedores da obra do cronista – está associada ao uso do termo *vira-latas*. O corpus analisado contém 10 ocorrências da palavra *vira-latas*. Quase todas elas, notadamente com o sentido de "fracassado" ou "incapaz". Apenas uma das ocorrências caracteriza um cão sem raça definida, ou seja, assume o sentido literal¹⁰ do termo, em: "Lembro-me de certo cronista que num domingo foi desfeitoado pelo caçula, pela mulher e pela criada. Até o *vira-latas* da família rosnou contra ele. Quando o desgraçado saiu para o Maracanã, ventava fogo¹¹".

Todas as demais ocorrências de *vira-latas*, na referida obra, estão em sentido figurado. Duas delas qualificam o complexo (drama psicológico) que, segundo o autor, costumava prevalecer de modo inerente ao caráter do brasileiro: o chamado *complexo de vira-latas*. Uma ocorrência diz respeito ao escrete nacional (time de jogadores) e uma ao Brasil, personificado. As outras seis comparam o *vira-latas* ao indivíduo brasileiro (também por meio de alusões como "nós brasileiros" e "povo brasileiro"). Há ainda uma menção à qualidade de *vira-latismo*. Vejamos os contextos desses exemplos:

"Em 58, quando acabou o jogo Brasil x Suécia, cada brasileiro sentiu-se compensado (...) Na rua, a cara dos que passavam parecia dizer: — ‘Eu não sou *vira-latas*!’ Em 62, a mesma coisa. De repente, sentimos que o brasileiro deixava de ser um *vira-latas* entre os homens e o Brasil um *vira-latas* entre as nações¹²". "Que fez o

¹⁰ Embora a expressão "Vira-lata" seja essencialmente metafórica, assumi, para os fins desse trabalho, que "cão sem raça definida" é o seu significado literal. Essa acepção, inclusive, consta no dicionário Michaelis.

¹¹ Trecho extraído da crônica *Pra quê essa gana destrutiva e animal?*, página 31.

¹² Ocorrências extraídas da crônica *O escrete precisa de amor*, na página 50.

escrete? Deu-nos a maior alegria de nossa vida. Tornou qualquer *vira-lata* em campeão do mundo¹³."Quero aludir ao que eu poderia chamar de 'complexo de *vira-latas*'. (...) Por 'complexo de *vira-latas*' entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. (...) a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso *vira-latismo*. (...) perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: — porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se *vira-latas*¹⁴ fôssemos. (...) O brasileiro precisa se convencer de que não é um *vira-latas* e que tem futebol para dar e vender lá na Suécia. (...) para o escrete, ser ou não ser *vira-latas*, eis a questão¹⁵".

Já no Corpus do Português, *vira-latas* ou *vira-lata* ocorrem apenas cinco vezes entre 45 milhões de palavras, quatro delas em sentido literal. Uma das ocorrências tem a mesma conotação metafórica encontrada na obra de Nelson Rodrigues, e está contida em um texto veiculado no jornal Folha no ano de 1994: ("Tínhamos que perder as ilusões idiotas que nos levaram a a deriva em os últimos séculos? Sim. Tem sido bom o desmascaramento de a democracia brasileira? Sim. Mas isto não quer dizer que somos uns *vira-latas*").

Uma vez que o único uso metafórico de *vira-latas* que consta no corpus de referência foi registrado muitos anos depois da publicação da crônica de Nelson Rodrigues, pode-se assumir que o emprego do termo para qualificar um indivíduo como incapaz ou fracassado é, de fato, uma invenção do cronista.

3.2 (*baba*) *bovina*

Outra expressão que salta aos olhos é *bovina*. A coletânea de crônicas adotada como corpus contém cinco ocorrências de *bovina*, mas nenhuma delas tem o sentido literal. Interessantemente, três das ocorrências de *bovina* caracterizam uma "baba". Em nenhuma delas, tal *baba bovina* remete à presença, no texto, de um boi ou outro animal da espécie. Optei por analisar e providenciar um diagnóstico específico para cada um dos casos: *bovina* e *baba bovina*.

Nesta ocorrência de *bovina*, o termo funciona como um atributo ligado à "ignorância": "Mas o Coutinho (...) ao sair de campo, parece-lhe escorrer dos lábios o

¹³ Trecho extraído da crônica *Pelé, colega de Miguel Ângelo, Homero e Dante*, página 38.

¹⁴ Vale destacar que, embora essa ocorrência de "vira-latas" tenha sido retratada no trabalho como metafórica, também é plausível considerar que a expressão figure, na passagem, com seu sentido literal.

¹⁵ Ocorrências extraídas da crônica *O Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética*, página 80.

sangue, ainda vivo, ainda efervescente da bola recém-vampirizada. (...) As inteligências simples, *bovinas* (...) hão de rosnar: 'Literatura!' Parece, amigos, parece! Mas o povo (...) reconhece e aponta os jogadores que 'comem' a bola¹⁶".

Bovina aparece, na seguinte passagem, caracterizando a qualidade da teimosia – mas é possível interpretar que sugere, novamente, certa medida "ignorância": "Os sociólogos do Otto, os psicólogos do Otto, os educadores do Otto, os professores do Otto — ainda não chegaram ao ser humano e o ignoram com uma crassa e *bovina* teimosia. É preciso que alguém lhes escreva uma carta anônima, com o furo sensacional: — “O homem existe! O homem existe!¹⁷”.

Quanto a *baba bovina*, no primeiro exemplo caracteriza, com aparente sentido de crítica, o sentimento de ganância: "E há ofertas nababescas para Pelé, Vavá, Didi, Garrincha, etc. etc. E observa-se, então, o seguinte: — os clubes dos campeões, que deviam estar alarmados, não estão alarmados coisa nenhuma. Pelo contrário: — do lábio pende-lhes a *baba* elástica e *bovina* da cobiça. (...) Todos estão com água na boca e aflitos para embolsar os milhões dos passes¹⁸".

No trecho seguinte, *baba bovina* parece ser atributo de um indivíduo desequilibrado emocionalmente, ou insano: "Amigos, o Brasil fez no Chile um sofrido futebol, um futebol quase feio, um duro futebol de cara amarrada. Jogávamos para vencer. Amarildo, o dostoiievskiano, enfiava-se pela área como um rútilo epiléptico. Ao marcar os dois gols contra os espanhóis, pendia dos seus lábios uma *baba* elástica e *bovina*¹⁹".

Na terceira ocorrência de *baba bovina*, o termo é associado ao sentimento de humildade: "Garrincha ganhou sozinho o bicampeonato. E, súbito, aquele rapaz da Raiz da Serra compensou-nos de todas as nossas humilhações pessoais e coletivas. Vocês sabem que, do nosso lábio, sempre pendeu a *baba* elástica e *bovina* da humildade²⁰".

Adotando o Corpus do Português como parâmetro, vemos que existem 63 ocorrências da palavra *bovina*, nove das quais estão em sentido metafórico. Em um dos casos, *bovina* é uma característica da "lentidão" ("E atravessou o pátio, com lentidão *bovina*, parando a colher numa roseira, junto ao portão, uma rosa com que floriu a quinzena de veludilho cor de azeitona"). As demais ocorrências caracterizam a

¹⁶ Trecho extraído da crônica *Coutinho não é nome de jogador de futebol!*, página 72.

¹⁷ Trecho extraído da crônica *Jogador escalado pelo óbvio*, página 46.

¹⁸ Trecho extraído da crônica *O escrete é nosso!*, página 18.

¹⁹ Trecho extraído da crônica *A Rússia e os Estados Unidos começaram a ser o passado*, página 82.

²⁰ Trecho extraído da crônica *Um gesto de amor*, página 120.

"tristeza" ("Chico Pais metia-se num canto e, com olhos úmidos, ficava olhando ora para Maria Valéria ora para Flora, com uma tristeza *bovina* nos olhos injetados"); a "presença" ("Quando fico sozinho contigo, acabo sempre fazendo-te confidências. Por que será? - Deve ser por causa de minha acolhedora presença *bovina*"); a "cara (rosto)" ("Acompanhava-o uma espécie de interno, que tinha uma cara *bovina*, apesar do pince-nez"); a "indolência" ("Ali, sob o seu vozeirão troante, a sua indolência *bovina*, o Titó possuía um espírito muito atento, muito penetrante"); a "resignação" ("Louro, que, descansando os cotovelos num peitoril, olhava abstrato, engolfado na estupidez da mais *bovina* resignação às agruras do seu cargo") e a "fleuma de minhoto"²¹ ("Raimundo, bugalhudo, de uma inalterável pachorra, só no dia da operação da filha, aquela apendicite, uma ninharia, perdera, de modo tão comovente a sua *bovina* fleuma de minhoto, aquele optimismo compassado"). Uma das ocorrências de *bovina* funciona como uma ofensa, proferida em discurso direto: ("Então quer dizer que quando a gente fica grávida não fica mais menstruada? - perguntou Celina. - Claro sua *bovina* - chateou Marianinha").

Quanto ao termo *bovino*, no masculino, há 101 registros no corpus de referência, dos quais seis são metafóricos. São "bovinos", naqueles registros, "o Sr. Ramires" ("O Sr. Ramires ficou na ponta dos pés. Conseguiu ver? Não comentou, deixou-se cair nos calcanhares, pesado, *bovino*"); "o olhar" ("A escrava ficara em pé ao lado delas e seguia com o olhar pesado, *bovino*"); o "passo" ("Barbudos, tostados pelo sol da Síria, marchavam solidamente, em cadência, com um passo *bovino*"); o "repouso" ("perdidos tantos quilos de sebo quantos os tranquilamente conseguidos nos meses de *bovino* repouso nas terras dos velhotes, vinha, quase chorando de mágoa, contar-lhe, saudoso, os remansos bucólicos"); "o andar", em duas ocorrências ("Mais atento, imaginou reconhecer os poderosos ombros, o andar *bovino* do Titó"), ("Mais atento, imaginou reconhecer os poderosos ombros, o andar *bovino* do 6 rugindo surdamente"); e o "cepticismo" ("E olhavam com *bovino* cepticismo quem viesse lutar contra uma condenação milenária").

Já as 94 ocorrências de "bovinos" e as cinco ocorrências de "bovinas" estão em sentido literal.

Com base na análise crítica dos resultados desse levantamento, pode-se assumir que o uso de *baba bovina* é de autoria de Nelson Rodrigues. Contudo, o emprego de

²¹"Fleuma de minhoto" designa o caráter apático inerente aos indivíduos nascidos na província portuguesa de Minho.

bovino e suas flexões com o propósito de caracterizar aspetos ligados à "ignorância", "grosseria", "estupidez" e afins já existia antes da obra do autor. A ocorrência acima registrada sobre o "andar *bovino* do Titó" diz respeito a um trecho do romance *A Ilustre casa de Ramires*, de Eça de Queiroz, publicado em 1900. Já o exemplo "passo *bovino*" constou na obra *A Relíquia*, do mesmo autor, de 1887.

3.3 *pileque cívico*

O terceiro termo escolhido foi *pileque cívico*. Na crônica "Pelé, colega de Miguel Ângelo, Homero e Dante" (página 37), *pileque cívico* parece significar "orgulho exacerbado pela nação":

"Em 50, quase houve um suicídio nacional quando não fomos campeões do mundo. Éramos, todos nós, brasileiros, uma nação que quase toma formicida. Pois bem: — e em 58, ao conquistarmos o título, eis que houve, aqui, um hábito instantâneo à glória jamais imaginada. O nosso *pileque cívico* durou até o desembarque".

Recorrendo ao corpus de referência, a originalidade da expressão de Nelson Rodrigues é confirmada. Há nove ocorrências de *pileque* e todas se referem à condição gerada pelo consumo excessivo de bebida alcoólica: ("Melhor dizendo, um *pileque* com um copo de cachaça enfiado na goela"); ("Rui Galo chegou perto, arrotando a azia do *pileque*"); ("Bêbedo, eles sempre estão de *pileque* nessa hora; e só vai mesmo quando a gente bebeu também"); ("Odair deu-lhe uns bufos e o rapaz coitado ficou muito trêmulo e a saída que encontrou foi se fazer de mais bêbedo do que estava (...) acho que ele amolecia as pernas de propósito para impressionar Odair com o *pileque*"); ("A Josefa tomou um *pileque* onça, e foi-se embora sem ao menos deitar as panelas no fogo!"); ("Com que então tomaste anteontem um *pileque* onça e nos deixaste sem jantar, hein? - Mentira sé, meu amo; Josefa nunca tomou *pileque*"); ("Entre os vapores do álcool, conseguiram explicar que andavam à procura do carro da Princesca (...) O João-Jão, soberano, fazia-lhe uma festa por cima da cabeça e consolava-a: - Cala aí, filhinha. Você está é cum *pileque* danado! - E explicava para os outros: - Eli! Minina de *pileque* mais choroso").

Assim sendo, é possível assumir que *pileque*, associado ao adjetivo *cívico*, com sentido de "orgulho patriota", é também uma criação de Nelson Rodrigues.

3.4 *enrolado na derrota*

No trecho “Até 58, o brasileiro não ganhava nem cuspe à distância. O sujeito dormia *enrolado na derrota* como num cobertor”, extraído da crônica “Futebol é paixão” (página 132), a expressão *enrolado* tem o significado de “tomado por um sentimento” – sentido metafórico que também aparenta ter sido inaugurado por Nelson Rodrigues.

No corpus de referência, há 126 ocorrências de *enrolado*, com o gênero masculino. Quase todas (119) estão em sentido literal. *Enrolado* figura, em dois casos, caracterizando a maneira de falar: (“Marcelino xingou o morto iniciando a prédica falando todo *enrolado*” e “Outro médium falava agora, também *enrolado*”). No exemplo seguinte, *enrolado*, como flexão do verbo “enrolar”, significa “confundido”: (“...se saiu bem ao falar de como conseguiu produzir o programa, embora se tenha *enrolado* para explicar com que recursos contou para produzi-lo”). *Enrolado* também parece figurar com sentido próximo ao de “improvisado”: (“...não conseguiu fazer o golo; a bola sobrou ainda para um remate *enrolado* de Pacheco, que Zé Carlos tirou sobre a linha de golo”). Em outro exemplo figurado, *enrolado* tem função verbal e significa algo como “repetir”: (“Pois olhe, só neste sítio, a julgar de um pequeno cálculo, que me dei ao trabalho de fazer, tem ele *enrolado* nunca menos de 657 ladainhas!”). No caso em seguida, *enrolado* parece significar “ensimesmado”: (“Mais tarde, passava as horas calado, triste, *enrolado* em si mesmo”). Por fim, na frase (“Escobar meteu-se a nadar, como usava fazer, arriscou-se um pouco mais fora que de costume, apesar do mar bravio, foi *enrolado* e morreu”), *enrolado* parece ser sinônimo de “levado”, “engolido”.

No gênero feminino, *enrolada* figura 93 vezes no corpus de referência. Alguns exemplos metafóricos são usados como um adjetivo para: "vida", significando “leviana” (“Sabia de algumas das suas transas, podia compreender bem como sua vida deveria ser *enrolada*”); "história", denotando “complicada” (“ela já dera o seu mau passo antes de o conhecer - história *enrolada* que ela um dia principiou a contar); "lembrança", como sinônimo de “confusa” (“deitada nas suas vidas, uma lembrança *enrolada*, à espera, à espera da partida”); e "inteligência", com sentido aparente de “oculta” (“Mas a inteligência dos filhos de Francisco Dias estava *enrolada* dentro dos crânios”). A denotação sobre o modo de falar também ocorre aqui: (“Começou a falar uma língua *enrolada* de pinguça”); e aqui: (“Sentia a língua pastosa, a voz grossa e como que *enrolada*”).

Em outra ocorrência, situada no contexto "enrolada com o sujeito", o adjetivo *enrolada* traz à tona a ideia de "rolo", gíria que significa "relacionamento trivial": ("Foi de Espanha que voltou já *enrolada* com o sujeito"). No contexto "você com esse ar, toda cheia de si, toda *enrolada*, para fingir que vale alguma coisa nesse mundo", a qualidade *enrolada* parece denotar um comportamento ligado à ação de "forjar autoconfiança".

Todas as 53 ocorrências de *enroladas*, no plural, constam em sentido literal, assim como os 40 registros de *enrolados*. Como apurado, não há no Corpus do Português alguma ocorrência de *enrolado* e suas variações com o mesmo sentido presente na crônica de Nelson Rodrigues, o que sinaliza que se trata de uma criação do cronista.

3.5 *quebrar os chifres*

A expressão *quebrar os chifres* figura na crônica "A memória é uma vigarista" com o sentido de aproximado de "enfrentar e superar": "Aquela multidão se arremessara contra ele como um touro enfurecido. Pois bem: — ele agarra o touro à unha e lhe *quebra os chifres*" (página 77). "Chifres", assim sendo, denota, figurativamente, um "obstáculo". Na crônica em questão, o obstáculo a ser enfrentado e superado é a multidão de torcedores hostis.

No Corpus do Português, há 120 ocorrências de *chifres*. Destas, 113 estão em sentido literal, referindo-se às presas de animais (ou do diabo). Outras cinco ocorrências de *chifre* o caracterizam como o atributo adquirido pelo indivíduo traído em uma relação conjugal: ("Maria Helena Pagano queria saber por que ele botara os *chifres!*"); ("Razão tem quem diz: ao casar com moça nova, o velho leva a noiva e um par de *chifres*"); ("...apesar de enfeitar o peito com medalhas de procedência ignorada, o que não era grande vantagem: a mulher enfeitara-lhe a testa com os *chifres* mais afamados da região sisaleira e adjacências"); ("nessa idade dos cinquenta em que as mulheres ganham ou asas ou *chifres*") e ("viu o Miranda, li defronte, subalterno ao lado da esposa infiel, que se divertia a fazê-lo dançar a seus pés seguro pelos *chifres*").

Nas duas demais ocorrências, *chifre* significa a "face" de um indivíduo: ("Sinhá Adriana procurou o marido para ver o ferimento de perto. Era um talho pequeno sobre o olho direito. - Isto não é nada. Quando o safado levantou o côvado, eu mandei-lhe um murro nos *chifres* que deu com ele no chão") e ("Todo dia manda estes moleques para me insultar. Os outros carreiros caíram na risada. - O primeiro cachorro que aparecer com gaiatice eu quebro os *chifres*"). Nessa última ocorrência, assim como na crônica de

Nelson Rodrigues, *chifre* aparece no contexto de *quebrar*. Mas a frase extraída do corpus de referência tem o significado de “atingir o rosto com um golpe agressivo”.

Fica demonstrado assim que *quebrar os chifres*, com significado de “enfrentar e superar”, parece ser uma metáfora inaugurada pelo cronista.

3.6 *riso ginecológico*

Destaquei a expressão *Riso ginecológico* em trecho da crônica “O escrete de loucos” (página 42): “Já em plena corrida, vai driblando o inimigo. São cortes límpidos, exatos, fatais. E, de repente, estaca. Soa o riso da multidão — *riso* aberto, escancarado, quase *ginecológico*”. No Corpus do Português, a palavra *ginecológico* figura seis vezes, todas em sentido literal, assim como *ginecológica*, no feminino, que aparece 10 vezes. Logo, fica demonstrado que, aparentemente, trata-se de uma metáfora nova de Nelson Rodrigues.

3.7 *rosnar*

O trecho “A toda hora e em toda a parte, há quem chegue e *rosne* ao nosso ouvido: — Ofereceram tanto por fulano, tanto por cicrano, tanto por beltrano! (...) Ninguém se lembra de uma verdade tão transparente e tão óbvia: — os campeões do mundo deviam ser impráveis” foi extraído da crônica “O escrete é nosso!” (página 18). A princípio, imaginei que o uso do verbo “rosnar”, interpretado como “reclamar”, ou “exclamar de modo inconveniente”, poderia ser fruto da criatividade de Nelson Rodrigues. Mas a hipótese foi desmentida quando verifiquei, no site Corpus do Português, que já existiam registros dessa metáfora em textos do século 19.

A passagem a seguir, por exemplo, foi extraída do romance “O crime do padre Amaro”, de Eça de Queiroz, publicado pela primeira vez em 1875: (“- Olha o padre Brito, murmurou Amaro, esfoguetado para a serra! Em cima decerto houve alguma graça, porque sentiram as risadas do escrevente. Amaro *rosnou* com rancor: - Grande galhofa²² lá em cima”).

Interessante observar ainda que no dicionário Michaelis a primeira acepção de rosnar é “dizer em voz baixa, como que falando por entre dentes; murmurar, resmungar”, o que sinaliza que tal significado está tão cristalizado no idioma que, para muitos, já não é considerado uma metáfora.

²² Galhofa significa zombaria, deboche, escárnio explícito.

3.8 *passarinho*

Da crônica “Garrincha, passarinho apedrejado” (página 41), extraí a candidata a metáfora nova *passarinho*, termo usado como adjetivo para caracterizar um indivíduo “inocente”, “inofensivo”. Garrincha, como é sabido, ficou conhecido por sua personalidade humilde e singela.

Eis a passagem em questão: “O seu pecado mais horrendo, porém, foi a expulsão de Garrincha. Não há no Brasil, não há no mundo, ninguém tão terno, ninguém tão *passarinho* como o Mané”. Conforme pesquisa no portal Corpus do Português, acionando a etiqueta *PartofSpeech*, que filtra as palavras conforme a classe gramatical, não há registro de *passarinho* com função de adjetivo. Logo, pode-se considerar que esse uso foi cunhado por Nelson Rodrigues.

3.9 *penacho e esporas*

Do mesmo fractal da coletânea, observemos outro trecho: “Amigos, a vitória sobre o Chile fez nascer *um penacho em cada cabeça e esporas em cada calcanhar*. O brasileiro anda por aí com ares do dragão do Pedro Américo. É a epopeia ventando nas nossas caras. Invisíveis cornetas soam por todo o território nacional. Somos uma nação de 75 milhões de almas eretas como lanças”. A expressão destacada em itálico quer denotar algo como “orgulho” e “supremacia”, e atribui ao indivíduo brasileiro características físicas de um galo, formando assim interessante metáfora.

O mesmo acontece em outras frases ao longo da coletânea: “Domingo ele bateu o telefone para mim. No seu desvario, berrava: — ‘Ganhamos da Inglaterra!’ Chorava: — “Como é bom ser brasileiro! E, durante toda a Copa, será um brasileiro *de esporas e penacho*²³”; “Amigos, glória eterna aos tricampeões mundiais. Graças a esse escrete, o brasileiro não tem mais vergonha de ser patriota. Somos noventa milhões de brasileiros, *de esporas e penacho*²⁴”; “Sou um dos poucos que aceitam a patriotada com a maior satisfação. Outro dia, um cretino fundamental me chamou de patriota. E, realmente, quando se trata do time nacional, me sinto *de esporas e penacho*²⁵”.

Ao procurar por ocorrências semelhantes no corpus de referência, constatei que existem 66 registros de *penacho* – 58 deles referindo-se, literalmente, a um conjunto de

²³ Trecho extraído da crônica *O entendido salvo pelo ridículo*, página 105.

²⁴ Trecho extraído da crônica *Dragões de espora e penacho*, página 113.

²⁵ Trecho extraído da crônica *O time nacional tem que se achar o melhor do mundo*, página 125.

penas, e outros oito em contexto de “*penacho* de fumo”. Nenhuma ocorrência, portanto, equivalia aos mesmos atributos forjados por Nelson Rodrigues.

Foram localizadas ainda 373 ocorrências de *esporas*. Dessas, 96 se situam no contexto de cavalo, cavaleiro ou outros termos derivados; 30 no contexto de bota (ou botas); quatro no contexto de égua; cinco no de animal (ou animais); outras duas no de tropeiros – o que sinaliza que estejam em sentido literal (utensílios utilizados para pressionar o cavalo a se locomover, dispostos no calçado do cavaleiro). Com base na leitura de todas as ocorrências, não detectei entre elas alguma com significado semelhante ao proposto por Rodrigues. A impressão é de que a metáfora *penacho e esporas* seria mesmo de autoria do cronista.

3.10 *sanidade de cambaxirra*

A expressão *sanidade de cambaxirra* foi extraída do seguinte trecho, na crônica “Narciso às avessas” (página 33): “Novamente, perguntarão vocês: — ‘É maluco?’ Nada de fazer-lhe esta injustiça. E, pelo contrário: tem uma *sanidade de cambaxirra*”. Nessa ocorrência, a metáfora compara a sanidade mental de um personagem à da *cambaxirra* – pequena ave que é tema de uma lenda²⁶. Segundo a cultura popular, a *cambaxirra* se alimenta apenas de insetos e larvas para não correr o risco de ingerir grãos de pimenta, sendo por isso considerada uma ave prudente. No corpus de referência, não há registros da palavra *cambaxirra*, premissa que sugere que Nelson Rodrigues tenha sido o autor daquela metáfora nova.

3.11 *piparote*

A palavra *piparote*, em sentido literal, caracteriza o golpe desferido contra algo ou alguém, geralmente, com o dedo médio da mão, depois de dobrá-lo e apoiá-lo sobre o polegar. Mas na crônica “Utopia Fatal” (página 55), o autor atribui ao termo o sentido próximo ao de “uma manobra executada para afastar um empecilho ou um problema”: “Em 62, já os europeus faziam o seu coletivismo. Pois bem. Pois o nosso Mané, com um *piparote*, desmontou todo o coletivismo do inimigo. Num instante, a estrutura do futebol solidário esfarelou-se”.

²⁶De acordo com a lenda, a cambaxirra costumava se alimentar de frutos e voar acompanhada de outros pássaros. Até o dia em que ingeriu, por engano, grãos de pimenta malagueta. Desde então, a ave tem o canto aflito e só voa sozinha ou perto dos humanos. Além disso, não suga mais o néctar das flores. Para não se enganar novamente, come apenas organismos que se movem.

Como vemos, *piparote*, segundo o cronista, parece ter conotação mais abstrata, mas poderia denotar também um rompante físico, ou mesmo uma série de ações elaboradas por um indivíduo, que resultaram na capacidade de “desmontar” a articulação coletiva da equipe adversária.

Conforme verificado no corpus de referência, a expressão fora usada, com sentido muito próximo, em publicações anteriores à obra de Nelson Rodrigues. Vejamos o seguinte exemplo, extraído da obra “O momento literário”, de João do Rio, publicada em 1907: (“Talvez, por isso, o poeta sensual dos amores imensos, o vate embevecido nas vozes das estrelas, aquele que durante vinte anos dera intenções e idéias à natureza e comentara com um *piparote* céptico as ações dos homens”). Em outro trecho, retirado do livro “A intrusa” (1908), de Júlia Lopes de Almeida, a metáfora com *piparote* parece ser instrumento para semelhante artifício: (“Em todo o caso, dou-te um conselho: despede a tua governanta, ou dá um *piparote* nestas convenções românticas em que te embaraças e trata-a como toda a gente trata as governantas”). Fica comprovado, portanto, que Nelson Rodrigues não é o criador do referido sentido metafórico para *piparote*.

3.12 *beber o sangue*

Na crônica “João sem medo” (página 116), há a seguinte passagem, da qual destaquei mais uma candidata a metáfora nova de Nelson Rodrigues: “Pôs a boca no mundo: — O futebol europeu é uma carnificina! (...) Hoje, até os esquimós sabem que, na Europa, os jogadores *bebem o sangue* do adversário como se groselha fosse”. No caso, o cronista usa a expressão *beber o sangue* para caracterizar o comportamento violento dos jogadores em campo.

Averigui no corpus de referência que há 91 ocorrências do verbo *beber* no contexto de *sangue*, ou da própria expressão *beber o sangue*, com o verbo flexionado de várias formas quanto ao número, pessoa, tempo e modo. Apurei que Eça de Queirós, em seu livro “O crime do Padre Amaro”, de 1875, já havia lançado mão de tal metáfora, como se vê no seguinte trecho: (“O cônego Dias e o abade, de braço dado, caturravam. O Brito, ao lado de Amaro, jurava que havia de *beber o sangue* ao morgado da Cumeada. - Prudência, colega Brito, prudência, dizia Amaro chupando o cigarro. E o Brito, com passadas de carretão, rosnava. - Hei-de comer-lhe os fígados”).

No contexto, o personagem Brito, usando a expressão *beber o sangue*, afirmava que agiria com violência contra outro indivíduo – argumento que foi reforçado em

seguida com outra metáfora: *comer-lhe os fígados*. Fica provado, assim, que *beber o sangue*, significando “agir com violência”, não é metáfora de autoria de Nelson Rodrigues.

3.13 selva de gângsteres

A expressão *selva de gângsteres* figura no mesmo fractal da coletânea, denotando algo como “ambiente hostil”, como se vê a seguir: “E aí está o primeiro e maravilhoso defeito: — uma Copa do Mundo é uma *selva de gângsteres*. (...) Tudo é possível na Jules Rimet, menos uma boa ação. Portanto, se o João (...) cospe mais fogo do que o dragão de São Jorge, melhor para o Brasil. O técnico não precisa apenas entender de bola. Antes de mais nada, precisa ser um guerreiro”.

No site Corpus do Português, não localizei registro algum da palavra *selva* que tivesse, em sua lista de colocados, a palavra *gângsteres* (ou *gângster*, no singular). Isso aponta que, embora *selva* seja utilizada em metáforas convencionais integrando o domínio da hostilidade, ou usada meramente como coletivo para substantivos diversos, *selva de gângsteres* aparenta ser, de fato, uma criação de Nelson Rodrigues.

3.14 quebrar lanças

Da crônica “João sem medo” extrai a metáfora *quebrar lanças*. Possivelmente derivada dos hábitos indígenas de guerra e caça, tem significado aparente de “esforçar-se ao máximo” ou “sacrificar-se”: “— o meu caro João Saldanha. Tenho-lhe um afeto de irmão. *Quebrei minhas lanças* para que a CBD o escolhesse”.

Artigo de Euclides da Cunha, escritor falecido em 1909, já trazia a expressão com idêntica conotação, como apurado no corpus de referência: (“Para que, porém, tentar ir avante, *quebrar lanças* por uma absolvição que seria ridícula ante a evidência do crime?”). Uma vez que a obra de Nelson Rodrigues se desenrolou décadas depois da morte de Euclides da Cunha (muito embora não haja informação sobre a data de publicação do referido artigo), fica comprovado que a metáfora *quebrar lanças* não é de autoria de Rodrigues.

3.15 óbvio ululante

A expressão *óbvio ululante* é também uma das mais famosas entre aquelas recorrentes ao longo da obra do cronista. Em sentido literal, se diz que *ululante* é aquilo uiva, ou que produz som semelhante ao uivo. Em várias passagens ao longo da

coletânea de crônicas, Nelson Rodrigues chama de *óbvio ululante* algumas afirmações que considera como verdades absolutas. *Ululante*, no caso, parece enfatizar o adjetivo *óbvio*, tornando-o ainda mais “evidente”, “manifesto”, “irrefutável”. Vejamos os contextos em que a expressão ocorre no livro usado como corpus:

“Amigos, vamos enxergar o *óbvio ululante*: — cada exibição brasileira na Inglaterra será uma aventura pessoal de oitenta milhões de sujeitos²⁷”; “A Copa da Inglaterra foi roubada duas vezes. Duvidar ou sofismar com o segundo roubo é o mesmo que duvidar do primeiro. Um e outro foram de um *óbvio ululante*, e o segundo teve tanta sutileza quanto o anterior²⁸”; “Quem quer que tenha um mínimo de isenção, de objetividade, de apreço aos fatos sabe que o futebol brasileiro é o melhor do mundo. Não sou eu que o digo, mas o óbvio, sim, o *óbvio ululante*²⁹”; “Já na véspera as maiores autoridades do futebol declararam, unanimemente, que o Brasil tinha que ganhar o jogo, porque era muito melhor. Esse era o *óbvio ululante*, que o mundo enxergava, menos os ‘entendidos’ daqui³⁰”; “O belo, o patético, o pungente na ‘noite de Garrincha’ é que ninguém, de fato, a esquecerá. Somos tão cegos que não enxergamos o *óbvio ululante*, isto é, que ninguém faltaria, ninguém³¹”; “Note-se que se trata de um acadêmico, que deve ter compromissos com as boas maneiras, a polidez, o trato fino etc. etc. Mas ele enxergou o *óbvio ululante*, ou seja: — o futebol vive de sombrias e facinorosas paixões³²”; “Não tem perdão a obtusidade com que insistimos em Servílio. Só no jogo com o Peru é que desconfiamos do *óbvio ululante*. Não havia nenhuma afinidade entre alhos e bugalhos, ou seja: — entre Servílio e Pelé³³”.

No site Corpus do Português, há um único registro de *óbvio ululante*, em texto jornalístico de Fábio Campana, que foi publicado em 1997 – ou seja, anos depois de terem circulado as crônicas de Nelson Rodrigues: (“A oposição insiste em desvendar os protocolos para nutrir-se de argumentos arrasadores, daqueles que evidenciam o *óbvio ululante*: houve acordo, houve concessões, houve benefícios às empresas, até porque, se não houvessem, elas não escolheriam o Paraná”).

Até esse ponto, a pesquisa sinaliza que estamos diante de uma metáfora criada pelo cronista. Contudo, *ululante* figura em textos antigos com sentido figurado que, de

²⁷ Trecho extraído da crônica *O escrete precisa de amor*, página 49.

²⁸ Trecho extraído da crônica *A cara da derrota*, página 51.

²⁹ Trecho extraído da crônica *O belo milagre das vaías*, página 101.

³⁰ Trecho extraído da crônica *Dragões de espora e penacho*, página 113.

³¹ Trecho extraído da crônica *Um gesto de amor*, página 119.

³² Trecho extraído da crônica *A Copa do apito*, página 123.

³³ Trecho extraído da crônica *Jogador escalado pelo óbvio*, página 46.

alguma maneira, se assemelha ao intentado por Rodrigues. Vejamos o fragmento do caderno Gatos, de Fialho de Almeida, veiculado no fim do século 19: (“Convenho até que na obra de Bordalo, de quando em quando haja deformidades ou rudezas anatómicas; mas com que *ululante* audácia, com que desespero magnífico, com que revoltada eloquência, esse excepcional aprendiz visiona os submarinos da catástrofe cristã tomada ao vivo!”). Em trecho de “A alma encantadora das ruas” (1908), de João do Rio, *ululante* ocorre, mais uma vez, com acepção correlata: (“- Admira a confusão, o caos *ululante*. Todos os sentimentos todos os fatos do ano reviravolteiam, esperneiam, enlanguescem, revivem nessas quadras feitas apenas para acertar com a toada da cantiga”).

Como visto, *ululante* figurou em textos mais antigos, com proposta análoga à de Nelson Rodrigues, de atribuir ênfase à situação descrita em seguida. Assim sendo, seria arriscado enquadrar *óbvio ululante* no conjunto de metáforas novas do autor.

3.16 encharcada de imaginação

Na expressão *encharcada de imaginação*, que figura na crônica “O homem formidável do Brasil” (página 28), o adjetivo *encharcada* atribui, metaforicamente, um sentido concreto à *imaginação*, que é um conceito abstrato: “E o Brasil entrou com os seus dons maravilhosos de molecagem, de malandragem. Cada jogada de um Pelé, ou de um Mané, ou de um Didi, ou de um Zito vinha pesada, vinha *encharcada de imaginação*”.

Ao verificar no corpus de referência se tal uso fora inaugurado por Nelson Rodrigues, apurei que trecho do romance “O Mulato”, de Aluísio Azevedo, publicado pela primeira vez em 1881, já trazia o adjetivo *encharcado* com a mesma conotação: (“Raimundo, esse vagara pelas luas da cidade, com o coração *encharcado de um grande desânimo*. Apoquentava-o menos a estreiteza da situação do que a brutal pertinácia daquela família, que preferia deixar a filha desonrada a ter de dá-la por esposa a um mulato”). Fica atestado, assim, que *encharcada* (ou *encharcado*), denotando, de maneira concreta, a abundância de algo que é abstrato (como é o caso de “imaginação” e de “desânimo”), é uma metáfora anterior à obra de Rodrigues.

3.17 pires de leite

Vejamos agora os seguintes trechos, em que a expressão *tratado a pires de leite* aparece em destaque: “Em dado momento, um dos meus companheiros de canto toma a

palavra e declara o seguinte: — na Copa do Mundo, Pelé foi muito bem-tratado, não sofreu nenhuma violência. Vejam vocês e pasmem: — Pelé *tratado*, na Inglaterra, a *pires de leite* como uma gata de luxo³⁴; “Ou, por outra: — fomos *tratados a pires de leite* até o momento em que os locais venceram os russos e os nossos os ingleses. E como éramos os adversários, passamos a ser, automaticamente, os anticristos³⁵”.

A *pires de leite*, nesse uso do autor, é sinônimo de “com carinho”, “com cuidado” etc. No corpus de referência há duas ocorrências de *pires de leite*, ambas em sentido literal, o que sugere ter sido, tal metáfora, inaugurada por Nelson Rodrigues.

3.18 caudaloso

Da crônica “Almir, nosso Pelé branco” (página 67), extrai a expressão *caudaloso anedotário*, presente no seguinte trecho: Chama-se Almir, e os locutores costumam tratá-lo de ‘Pernambuquinho’. Eu sei que se forma sobre o craque vascaíno um *caudaloso anedotário*. E nós sabemos que a anedota desfigura, que a anedota falsifica”. A acepção literal de caudaloso, segundo o dicionário Michaelis, é “que tem fluxo de água abundante; caudal, torrencial”, e diz-se de um rio ou algo similar. Esse significado ocorre 54 vezes no corpus de referência, em todas as suas flexões de número e gênero. Outras 9 ocorrências têm o sentido metafórico próximo ao de “abundante” – o mesmo do qual se apropriou o cronista.

Uma dessas ocorrências, como apurei no site de referência, está presente na obra póstuma do poeta brasileiro Cruz e Sousa, publicada em 1905, “Últimos Sonetos”: (“Consciências hirsutas de bandidos, Vespas, nefandas e desmanteladas, Portas de ferro, com furor trancadas, Dos ócios maus histéricos Vencidos. Desenterrai-vos das sangrentas furnas Sinistras, cabalísticas, noturnas Onde ruge o Pecado *caudaloso*”). Assim, pode-se assumir que *caudaloso*, com sentido de “abundante”, não é uma metáfora nova de Nelson Rodrigues.

3.19 náusea ética

O trecho a seguir foi extraído da crônica “O grande sol do escrete” (página 63): “Qualquer um de nós já amou errado, já odiou errado. Eu próprio, certa vez, desprezei um homem, tive por esse homem a maior *náusea ética*. (...) Sem fazer segredo do meu horror, chamei-o, em público, de cadáver moral” (...) Tempos depois, verifiquei que

³⁴ Extraído da crônica *A força da burrice*, página 131.

³⁵ Extraído da crônica *Garrincha, passarinho apedrejado*, página 39.

estava errado (...) O homem que eu supunha infame era, na verdade, uma dessas nobilíssimas figuras exemplares”.

A expressão em destaque – *náusea ética* – parece querer se referir, de acordo com o contexto, a uma espécie de “aversão”. Ocorrências de *náusea* com semelhante sentido foram localizadas no corpus de referência. A passagem seguinte, por exemplo, é originária do livro “Terras do Demo”, de Aquilino Ribeiro: (“Tinha que dizer missa - era domingo -, mas viu-se tão desgostoso, tão amargurado e com tal *náusea* por si e por tudo, que resolveu não celebrar”). Uma vez que tal publicação é de 1919, fica demonstrado que Rodrigues não inaugurou esse uso metafórico de *náusea*.

3.20 *cadáver moral*

Retomemos a passagem da crônica “O grande sol do escrete”, analisada na subseção anterior: “Eu próprio, certa vez, desprezei um homem, tive por esse homem a maior *náusea ética*. Não podia vê-lo sem que minha úlcera desse pulinhos de rã. Sem fazer segredo do meu horror, chamei-o, em público, de *cadáver moral*”. A expressão *cadáver moral*, destacada desta feita, significa um indivíduo “desprezível”. A metáfora pode ser encontrada, por meio do site Corpus do Português, em registro único, oriundo do livro “A Campanha abolicionista” (2011), que reúne artigos assinados pelo militante abolicionista José do Patrocínio. O trecho transcrito a seguir integra um artigo escrito em 1885: (“O Ministério exumou timidamente dos arquivos da Câmara o *cadáver moral* da legislação brasileira, conhecido pelo nome de projeto nº 133, de 1837, do Senado, e pretendeu galvanizá-lo pela discussão”). Fica comprovado assim que a metáfora já era conhecida quando Nelson Rodrigues escreveu suas crônicas.

3.21 *coices*

Destaquei a metáfora *coices* da crônica “Coices e relinchos triunfais” (página 15). É possível inferir do contexto que a expressão diz respeito a uma série de “injúrias” ou “argumentos insanos”: “Amigos, o meu personagem da semana é o cronista patricio que foi a Inglaterra. (...) Desembarcou no Galeão soltando, em todas as direções, os seus *coices* triunfais. (...) O cronista patricio está de tal forma fascinado com o futebol débil mental que varreu do mapa o divino crioulo”.

Coice, com sentido análogo (de agressão verbal), figura no corpus de referência, na obra “O Coruja”, de Aluísio Azevedo, publicada em 1889: (“Pois então eu desço da minha dignidade e venho procurá-lo aqui; ponho-me aos pés dele, declaro que estou

disposta a ser uma escrava, se ele me tratar com carinho, e a única resposta que recebo é um *coice?* - *Coice!* - Decerto; quando um homem faz com uma mulher o que Teobaldo faz comigo, dá coices! - Mas, perdão, minha senhora, Teobaldo falou-lhe com toda a franqueza”). A pesquisa atesta, dessa forma, que Rodrigues não foi o autor daquela metáfora.

3.22 *uivar*

O verbo *uivar*, em linguagem literal, como sabemos, é o mesmo que emitir *uivos* – voz triste e aguda. Trata-se de um hábito dos animais canídeos, como cães, lobos e raposas. Mas Nelson Rodrigues recorre ao verbo *uivar* (ou ao nome *uivo*) várias vezes em suas crônicas, atribuindo-lhe a acepção metafórica de “reclamar” ou “maldizer”.

Eis alguns exemplos: “E o Fulano costumava dizer, aos *uivos*: — ‘Eu sou um quadrúpedel!’ (...) Esta autocrítica jocunda e feroz era o que todos nós fazíamos. O sujeito, aqui, não acreditava nem nos outros, nem em si mesmo³⁶”; “Bem sei que as hienas da crônica ainda *uivam* contra a defesa. ‘Há falhas, há falhas’, rosnam as hienas³⁷”; “Quando o escrete saiu daqui, as hienas, os abutres, os chacais *uivavam*: — ‘Não passa das quartas de final!’ Fazia-se uma campanha do pessimismo³⁸”.

Em pesquisa no site Corpus do Português, atestei que a mesma metáfora com *uivar* já havia sido utilizada anos antes, no livro de contos “Serão Inquieto” (1910), de Antônio Patrício: (“Por fim, sacudindo o braço, num desabrido, arrogante desprezo: - Isso são as opiniões dum subalterno! - E isso são as expressões dum malcriado! - *uivou* o outro, crescendo todo, com os olhinhos esbugalhados a fuzilar”). Assim sendo, pode-se garantir que a expressão não foi cunhada por Nelson Rodrigues.

3.23 *nas nossas barbas*

Novamente em trecho de “Coices e relinchos triunfais” (página 15), destaco outra expressão: “Mas o subdesenvolvido faz um imperialismo às avessas. Vai ao estrangeiro e, em vez de conquistá-lo, ele se entrega e se declara colônia. É o que está acontecendo *nas nossas barbas* estarrecidas. O cronista que foi à Inglaterra (salvo raríssimas exceções) quer apenas isto: — fazer do futebol brasileiro uma miserável colônia do futebol inglês”.

³⁶ Trecho extraído da crônica *A piada imortal*, página 23.

³⁷ Trecho extraído da crônica *O grande sol do escrete*, página 66.

³⁸ Trecho extraído da crônica *Dragões de espora e penacho*, página 113.

O cronista quer nos dizer, nesse caso, que se uma coisa acontece *nas nossas barbas*, ela na verdade ocorre *sob o alcance de nossos olhos*, ou, *com nosso consentimento*. Em consulta ao corpus de referência, encontrei cinco registros do fragmento *nas nossas barbas*, com sentido idêntico. Um deles compõe livro “A Gata Borracheira”, escrito por Tomaz de Figueiredo em 1954: (“Como o embaixador nunca sente calor e a Lolote sente.. Como ele quer as janelas fechadas e ela abertas.. Que lhes desse quartos separados. Por isso, o disparate dos dezanove lençóis, também.. Mas, ó Silvério, tu és de opinião?.. Que mesmo aqui *nas nossas barbas*?.. O austero Dr. Carvalhal fechou logo os punhos e esverdeou o semblante. - Capaz de tudo, esse Frias Pratas! Ambos muito capazes!”). Como “A gata borralheira” foi publicado alguns anos antes da referida crônica de Nelson Rodrigues, a expressão *nas nossas barbas* não foi, definitivamente, concebida pelo cronista.

3.24 *hienas, abutres, chacais*

Em diversas passagens ao longo da coletânea, o autor enumera *as hienas*, *os abutres* e *os chacais*, personalizados como sujeitos aproveitadores ou debochadores quanto a assuntos diversos. Vejamos as situações em que isso ocorre:

“O otimista era visto, e revisto, como um débil mental. Quando o escrete saiu daqui, *as hienas*, *os abutres*, *os chacais* uivavam: — ‘Não passa das quartas de final!’ Fazia-se uma campanha do pessimismo”³⁹; “Mesmo jogando mal, enfiamos um gol no 44º minuto do segundo tempo. Mas *as hienas*, *os chacais* não perdem uma chance. Ouçam, leiam os comentários sobre a partida. Há quem diga que o Brasil não é mais o mesmo. A Inglaterra é muito melhor”⁴⁰; “E ele me informa que *as hienas*, *os abutres*, *os chacais* depositam agora as suas esperanças nos uruguaios. A maioria da imprensa ainda não desconfiou que este é o melhor escrete do Brasil”⁴¹; “Bem sei que *as hienas* da crônica ainda uivam contra a defesa. ‘Há falhas, há falhas’, rosnam *as hienas* (nas minhas crônicas *as hienas* rosnam)”⁴²; “Quando escrevo sobre *as hienas*, sobre *os abutres*, sobre *os chacais* do futebol brasileiro — todo mundo acha que estou fazendo uma metáfora. E ninguém desconfia que são *as hienas*, *os chacais*, *os abutres* os autores da catástrofe. Já rolou a cabeça de João Saldanha (...) Sem recuar Pelé, ganhamos de

³⁹ Trecho extraído da crônica *Dragões de espora e penacho*, página 113.

⁴⁰ Trecho extraído da crônica *Narciso às avessas*, página 33.

⁴¹ Trecho extraído da crônica *Os entendidos rosnam de frustração*, página 57.

⁴² Trecho extraído da crônica *O grande sol do escrete*, página 66.

cinco. *As hienas, os chacais, os abutres* voltaram frustradíssimos. Precisavam de uma derrota e não tinham a derrota (...) Faltara a derrota que *as hienas* esperavam⁴³”.

No Corpus do Português, localizei 53 ocorrências de *hiena* e suas variações. Uma delas, proveniente de um dos cadernos “Os Gatos”, de Fialho de Almeida, parece trazer o termo com sentido metafórico similar ao proposto por Nelson Rodrigues. Vejamos: (“A irmã repugna aquela baixíssima trama d' espião e de falsário, e Mendo então recorda-lhe o desdém de Fernão Vaz perante as suas juras amorosas, ou tenta reacender-lhe o ciúme pela evocação da felicidade d' Alda, há dois anos esposa do alfageme. Ali entre as duas *hienas* fraternas, que se injuriam e remordem, num conluio de perversidade porca e inconfessável, fica jurada una voce a perda do alfageme”).

Como o referido periódico circulou entre 1889 e 1894, fica descartada a possibilidade de se tratar, a metáfora *hienas*, de uma invenção de Nelson Rodrigues.

Quanto ao termo chacal (ou chacais), há no corpus de referência 52 ocorrências. O seguinte registro, presente na obra “A conquista” (1889), de Coelho Neto, parece ser suficiente para eliminar a hipótese de metáfora nova de Nelson Rodrigues: (“Porque o carne seca, que é aqui o nosso amigo Motta, tem todos os regalos: come como uma traça, bebe como um abismo, dorme como a Justiça e gasta como o diabo que o carregue! (...) Olhe o nosso Motta: é o leão e nós? Somos os *chacais*”).

As ocorrências de *abutre*, por sua vez, somam 162 no corpus de referência, seja no singular ou no plural. Verifica-se que em “O cortiço”, obra publicada no ano de 1890, a metáfora *abutre* fora usada pelo autor Aluísio Azevedo com acepção análoga à de Nelson Rodrigues: (“João Romão tivera sempre uma vidente cobiça sobre aquele dinheiro engarrafado; fariscara-o desde que fitou de perto os olhinhos vivos e redondos do *abutre* decrépito, e convenceu-se de todo, notando que o miserável dava pronto sumiço a qualquer moedinha que lhe caia nas garras”).

Depreende-se, portanto, que as palavras *hienas*, *abutres* e *chacais*, empregadas com aquele sentido pretendido por Nelson Rodrigues, não constituem uma metáfora nova do cronista.

3.25 *paralelepípedo*

A próxima metáfora destacada é *paralelepípedo*, objeto que nas crônicas rodrigueanas é personalizado como um ser humano, referido de forma impessoal,

⁴³ Trecho extraído da crônica *Guerra suja, tão suja*, página 94.

generalizada: “O brasileiro que vai a Vigário Geral volta com sotaque, mas pergunto aos *paralelepípedos* de Boca do Mato: — tínhamos alguma coisa que aprender com o inglês⁴⁴?”; “Alcindo treinava com uma saúde, um élan, uma fome, uma sede, uma fúria sagrada. Se pusessem um *paralelepípedo* na arquibancada, ele diria, com o dedo apontado para Alcindo: — ‘Esse é o companheiro de Pelé!’ (Nas minhas crônicas, os *paralelepípedos* têm dedo)⁴⁵”.

Como averiguado no corpus de referência, as dez ocorrências de *paralelepípedo*, no singular, figuram em sentido literal. Quanto aos registros de *paralelepípedos*, no plural, há um exemplo de conotação que, aparentemente, é figurada,— ainda assim, diferente daquela tencionada por Rodrigues: (“Tive também um acesso de ternura pelo coitado do meu louva-a-deus, perdido entre *paralelepípedos* e almas, na cidade poeirenta e dura, longe do fluido verdor fresco das moitas e dos aguaçais⁴⁶”). É válido assumir, portanto, que *paralelepípedo*, com aquela acepção, é uma metáfora original do cronista.

3.26 *piou*

Em certo trecho da crônica “A Copa do apito” (página 123), destaquei o verbo *piar*, empregado com o sentido de “comentar”, “intervir”: “O crioulo foi caçado contra a Bulgária. (...) Nova caçada. Sofreu um tiro de meta no joelho. Verdadeira tentativa de homicídio. O juiz inglês nem *piou*”.

Em consulta no corpus de referência, encontrei numerosos registros do verbo *piar* com aquele sentido, bem como do substantivo *pio*, como sinônimo de “comentário” ou “intervenção”. O trecho seguinte, por exemplo, já havia constado no romance “Amor de perdição”, de 1861, cujo autor é Camilo Castelo Branco: (“- E não lhe falou nos criados de Baltasar? - Nem um *pio*. Lá na cidade ninguém já falava nisso hoje”). Está provado, pois, que não se trata de uma invenção de Nelson Rodrigues.

Na tabela abaixo, estão relacionadas as 12 expressões que assumi, para os fins desse trabalho, como metáforas novas de Nelson Rodrigues, com os respectivos números de vezes em que figuraram na coletânea de crônicas:

vira-latas	9
baba bovina	3

⁴⁴ Trecho extraído da crônica *Coices e relinchos triunfais*, página 15.

⁴⁵ Trecho extraído da crônica *Jogador escalado pelo óbvio*, página 47.

⁴⁶ Passagem do livro *Memórias de um passageiro de bonde* (1921), de Amadeu Amaral.

pileque cívico	1
enrolado na derrota	1
quebrar os chifres	1
riso ginecológico	1
passarinho	1
penacho e esporas	4
sanidade de cambaxirra	1
selva de gângsteres	1
pires de leite	1
paralelepípedo	1

Capítulo 4 – Mapeamento das metáforas linguísticas de Nelson Rodrigues em metáforas conceptuais

Neste capítulo, as expressões assumidas como metáforas novas de Nelson Rodrigues serão mapeadas segundo as metáforas conceptuais que as licenciam. A cada metáfora conceptual descortinada, serão mencionados exemplos de outras metáforas linguísticas – convencionais ou não – por elas licenciadas.

Na introdução de cada subseção, que tem como tema uma das metáforas novas encontradas na coletânea, transcrevi o trecho em que figura tal expressão. No caso das metáforas novas que figuram várias vezes com o mesmo significado, apenas uma das ocorrências está transcrita.

Como veremos a seguir, a metáfora conceptual PESSOAS SÃO ANIMAIS, uma das fontes mais produtivas em nosso sistema conceptual (KÖVECSES, 2002), inspirou sete das 12 expressões analisadas.

4.1 *vira-latas*

"Que fez o escrete? Deu-nos a maior alegria de nossa vida. Tornou qualquer *vira-lata* em campeão do mundo⁴⁷."

No caso, estão disponíveis os domínios "animais" e "competição esportiva", que parecem acionar o seguinte conceito: "raças inferiores de animais são indivíduos esportivamente fracassados". Retomando o contexto da crônica em questão, a seleção brasileira, ao se tornar bicampeã mundial de futebol em 1962, teria transformado jogadores, torcedores e toda a população brasileira, incluindo os menos prestigiados ou os incapazes (*vira-latas*), em indivíduos bem-sucedidos.

Para a maioria de nós, usuários do idioma, parece não haver, a princípio, relação entre os domínios "animais" e "competição esportiva" no linguajar cotidiano. Mas podemos entender que a existência prévia da metáfora PESSOAS SÃO ANIMAIS, a qual licencia expressões convencionais como "Você é um cachorro!" pode também, por meio de desdobramentos, gerar expressões tais como "Vira-latas não podiam ser campeões do mundo" (assertiva subentendida na construção de Nelson Rodrigues).

⁴⁷ Trecho extraído da crônica *Pelé, amigo de Miguel Ângelo, Homero e Dante*, página 36.

As demais ocorrências de *vira-latas* ao longo do minicorpus de estudo têm significado idêntico ao retratado nesta subseção, por isso, não é necessário transcrevê-las e analisá-las novamente.

4.2 (*baba*) *bovina*

"São os grandes clubes de fora (...) que acenam os seus milhões para os campeões do mundo. Mazzola já foi pescado. E há ofertas nababescas para Pelé, Vavá, Didi, Garrincha, etc. etc. (...) — os clubes dos campeões, que deviam estar alarmados, não estão alarmados coisa nenhuma. Pelo contrário: — do lábio pende-lhes a *baba* elástica e *bovina* da cobiça. (...) Todos estão com água na boca e aflitos para embolsar os milhões dos passes⁴⁸".

Nesse exemplo, pode-se dizer que estão em evidência os domínios "animais" e "valores esportivos". Seguindo esse raciocínio, é acionado o seguinte conceito: "instituições esportivas que preferem o dinheiro em detrimento do talento agem como animais". A ideia do cronista, no caso, foi usar o termo *baba bovina* para criar uma imagem concreta daquele posicionamento geral de cobiça, que prevalecia entre os dirigentes dos clubes brasileiros. Nelson Rodrigues associou, assim, o comportamento ganancioso desses indivíduos ao hábito grotesco de babar, próprio dos bois.

Agora vejamos a passagem "Jogávamos para vencer. Amarildo, o dostoievskiano, enfiava-se pela área como um rútilo epilético. Ao marcar os dois gols contra os espanhóis, pendia dos seus lábios uma *baba* elástica e *bovina*⁴⁹". Nesse caso, subentende-se que os domínios "animais" e "insanidade" estejam destacados. A grotesca *baba bovina*, naquele trecho, está associada à atitude impulsiva, desproporcional, irracional do jogador Amarildo – comparado, inclusive, com uma pessoa em crise epilética, quando "enfiava-se pela área" da meta adversária.

Já em "Garrincha ganhou sozinho o bicampeonato. E, súbito, aquele rapaz da Raiz da Serra compensou-nos de todas as nossas humilhações pessoais e coletivas. Vocês sabem que, do nosso lábio, sempre pendeu a *baba* elástica e *bovina* da humildade⁵⁰", novamente a metáfora *baba bovina* tem a função de assinalar um comportamento desproporcional⁵¹. Dessa vez, a metáfora remete, depreciativamente, ao comportamento sereno, discreto, despretensioso, dos bois. O cronista, naquele contexto,

⁴⁸ Trecho extraído da crônica *O escrete é nosso*, página 18.

⁴⁹ Trecho extraído da crônica *A Rússia e os Estados Unidos começaram a ser o passado*, página 83.

⁵⁰ Trecho extraído da crônica *Um gesto de amor*, página 119.

⁵¹ Os domínios evidenciados, explicitamente, são "animais" e "humildade".

considerou a humildade exagerada como uma desvantagem da seleção (e do povo) do Brasil – superada, então, graças à performance de Garrincha no Mundial.

Como vimos, a metáfora conceptual PESSOAS SÃO BOIS, ancorada também em PESSOAS SÃO ANIMAIS, dá vazão ao conjunto de significados para *baba bovina*. A seguir, destaco outra expressão licenciada por aquela metáfora conceptual, extraída de um trecho do livro "O morro dos ventos uivantes"⁵², de Emily Brontë: "O que houve, rapaz? Nada, nada – respondeu ele, *ruminando* sozinho sua tristeza".

4.3 *pileque cívico*

"Pois bem: — e em 58, ao conquistarmos o título, eis que houve, aqui, um hábito instantâneo à glória jamais imaginada. O nosso *pileque cívico* durou até o desembarque"⁵³.

Na passagem, pode-se assumir que são trazidos à tona os domínios da "euforia" e do "patriotismo". Nelson Rodrigues, para caracterizar o comportamento dos brasileiros decorrente do orgulho patriota, após a conquista da Copa de 58, usa a palavra *pileque* – cujo significado remete aos sintomas da embriaguez alcoólica, entre eles, a euforia.

A metáfora linguística *pileque cívico*, portanto, parece ser licenciada por uma metáfora conceptual pouco convencional: FELICIDADE É EMBRIAGUEZ. Outras expressões poderiam ser criadas com fundamento nessa mesma metáfora conceptual, como a observada em: "Quanto mais aumenta o seu império, mais o príncipe fica *embriagado de prazer* com o poder absoluto e inquestionável"⁵⁴.

4.4 *enrolado na derrota*

"Até 58, o brasileiro não ganhava nem cuspe à distância. O sujeito dormia *enrolado na derrota* como num cobertor. Ninguém acreditava no Brasil, nem o Brasil acreditava em si mesmo"⁵⁵.

Na passagem, pode-se dizer que o domínio dos "invólucros" é acionado para prover concretude ao domínio das "circunstâncias". Assim, o autor compara o indivíduo envolvido em determinada circunstância com alguém "enrolado" em um cobertor, que a representa. A expressão em destaque no trecho parece ser licenciada, portanto, pela

⁵² Publicado em 1996 pela editora Record.

⁵³ Trecho extraído da crônica *Pelé, amigo de Miguel Ângelo, Romero e Dante*, página 37.

⁵⁴ Frase do filósofo Montesquieu, que consta em sua obra "O espírito das leis".

⁵⁵ Trecho extraído da crônica *Futebol é paixão*, página 132.

metáfora conceptual CIRCUNSTÂNCIAS SÃO INVÓLUCROS, que também licenciaria a formulação de frases como, por exemplo: "Fulano vestiu o capote da humildade".

4.5 quebrar os chifres

"Jamais houve um gol tão amorosamente sofrido como este. A partir da abertura da contagem, todo mundo passou a reconhecê-lo, todo mundo admitiu para si mesmo: — "Este é o Julinho!" E era. Ele não parou mais. Aquela multidão se arremessara contra ele como um touro enfurecido. Pois bem: — ele agarra o touro à unha e lhe *quebra os chifres*⁵⁶.

A passagem se refere à capacidade que o jogador brasileiro teria de, quando provocado, contornar as vaias proferidas por uma multidão de torcedores. A expressão *quebrar os chifres* evidencia os domínios "animais" e "desaprovação", que acionam o seguinte conceito: "chifres de animais manifestam hostilidade das pessoas". Vale ressaltar que essa metáfora está, aparentemente, ancorada na metáfora prévia "agarrar o touro a unha", já convencionalizada.

Quebrar os chifres é também licenciada pela existência prévia da metáfora PESSOAS SÃO ANIMAIS, da qual podem derivar expressões como "Torcedores são ferozes", "O professor vai comer meu fígado" ou "O jogador medíocre não é capaz de quebrar os chifres dos torcedores" – considerando em evidência, novamente, o aspecto da ferocidade.

4.6 riso ginecológico

"Garrincha apanha e dispara. Já em plena corrida, vai driblando o inimigo. São cortes límpidos, exatos, fatais. E, de repente, estaca. Soa o riso da multidão — *riso* aberto, escancarado, quase *ginecológico*⁵⁷".

Com a metáfora em destaque, o autor recorre ao discurso sexual para qualificar o *riso* da torcida. *Ginecológico*, como sabemos, é aquilo que é relativo ao órgão genital feminino. Conforme o discurso relacionado ao sexo (principalmente à libido sexual), o órgão genital feminino pode remeter, na fala popular, a aspectos ligados ao prazer. Essa seria uma das justificativas para que o autor associasse *ginecológico* ao *riso* – ou ao "prazer" – que Garrincha proporcionou à multidão ao executar determinada jogada.

⁵⁶ Extraído da crônica *A memória é uma vigarista* (p. 76), publicada no jornal Manchete Esportiva em 16 de maio de 1959

⁵⁷ Trecho extraído da crônica *O escrete de loucos*, página 42.

A metáfora conceptual adjacente é, conforme essa interpretação, SATISFAÇÃO É SEXO. "O gol é o orgasmo do futebol", famosa frase do escritor uruguaio Eduardo Galeano, é exemplo de metáfora linguística que poderia ser por aquela metáfora conceptual licenciada.

De outra maneira, pode-se interpretar que a construção de Nelson Rodrigues tenha derivado da anatomia da vagina, uma vez que o órgão possui aberturas. Observemos que o cronista procedeu a seguinte enumeração, metafórica: "riso aberto, escancarado, *ginecológico*". Assim, o termo ginecológico, em certa medida, atuou como sinônimo das palavras que o precederam.

Considerando esse segundo caso, a metáfora conceptual original seria COMPORTAMENTOS SÃO ÓRGÃOS DO CORPO. Dela, poder-se-ia derivar expressões como, por exemplo: "Fulano contou-me uma mentira cabeluda".

4.7 passarinho

"O seu pecado mais horrendo, porém, foi a expulsão de Garrincha. Não há no Brasil, não há no mundo, ninguém tão terno, ninguém tão *passarinho* como o Mané. O sujeito que se aproxima dele tem vontade de oferecer-lhe alpiste na mão⁵⁸".

A metáfora conceptual PESSOAS SÃO ANIMAIS licencia, novamente, a metáfora linguística *passarinho*, que congrega os domínios da "docilidade" e do "reino animal". O raciocínio, dessa vez, é simples. O *passarinho* costuma ser um animal dócil e inofensivo, atributos conferidos, metaforicamente, ao jogador Garrincha.

De modo análogo, pode-se dizer que uma pessoa é uma cobra, uma raposa ou um burro, usando expressões que também se desdobram daquela metáfora conceptual e que estabelecem a comparação entre os comportamentos de pessoas e animais.

4.8 esporas e penacho

"Sou um dos poucos que aceitam a patriotada com a maior satisfação. Outro dia, um cretino fundamental me chamou de patriota. E, realmente, quando se trata do time nacional, me sinto de *esporas e penacho*⁵⁹".

Os domínios que emergem em todas as ocorrências de *esporas e penacho* ao longo do livro são o da "supremacia" e, mais uma vez, do "reino animal". O propósito de Nelson Rodrigues foi associar a "supremacia" com a imagem concreta de um "galo".

⁵⁸ Trecho extraído da crônica *Garrincha, passarinho apedrejado*, página 39.

⁵⁹ Trecho extraído da crônica *O time nacional tem que se achar o melhor do mundo*, página 125.

Isso porque o galo, geralmente, é um animal que controla o território e que canta alto para intimidar eventuais desafiantes. PESSOAS SÃO ANIMAIS também é a metáfora conceptual que licencia a metáfora linguística em questão. Dessa, derivariam metáforas linguísticas que também imputam a seres humanos partes do corpo dos animais, como as seguintes: "Depois que me divorciei, ganhei asas"; "Tire suas patas de mim!".

4.9 sanidade de cambaxirra

"Novamente, perguntarão vocês: — “É maluco?” Nada de fazer-lhe esta injustiça. E, pelo contrário: tem uma *sanidade de cambaxirra*⁶⁰".

Os domínios "sanidade" e "reino animal" são evidenciados nessa ocorrência de *cambaxirra*. Possivelmente, tem origem em uma lenda a inspiração para que o autor lançasse mão da cambaxirra como elemento que confere, nessa metáfora, concretude à virtude da sanidade. Tal lenda nos conta que, no começo do mundo, a cambaxirra costumava voar acompanhando outros pássaros, e se alimentava dos frutos que encontrava pelo caminho. Até o dia em que, voando junto a um grupo de muitas aves, a cambaxirra acabou comendo, por engano, um grão de pimenta malagueta. Por causa da acidez da pimenta, seu canto passou a ser aflito e tremido. Traumatizada, a cambaxirra passou a voar sozinha ou perto dos seres humanos, em áreas urbanas. Além disso, nunca mais comeu nenhum tipo de fruto. Para não se enganar novamente, desde então a cambaxirra só se alimenta de insetos, larvas e outros seres que se movem.

Já que a cambaxirra é um animal considerado cauteloso e prudente, a metáfora conceptual PESSOAS SÃO ANIMAIS licencia o conceito "pessoas cautelosas são cambaxirras" e a expressão *sanidade de cambaxirra*. Como exemplo de expressão metaforicamente semelhante, pode-se exemplificar: "Aquele rapaz tem uma vaidade de pavão!".

4.10 selva de gângsteres

"Uma Copa do Mundo é uma *selva de gângsteres*. (...) Tudo é possível na Jules Rimet, menos uma boa ação. Portanto, se o João (...) cospe mais fogo do que o dragão de São Jorge, melhor para o Brasil. O técnico não precisa apenas entender de bola. Antes de mais nada, precisa ser um guerreiro⁶¹".

⁶⁰ Trecho extraído da crônica *Narciso às avessas*, página 33.

⁶¹ Trecho extraído da crônica *João sem medo*, página 117.

Gângster é um termo originário nos Estados Unidos e diz respeito aos inescrupulosos membros de quadrilhas surgidas no início do século passado, que enriqueceram praticando negócios ilegais, extorsões e assassinatos. Considerando-se o contexto das crônicas rodrigueanas, o elemento *gângsteres* pretende caracterizar "hostilidade", já que "não eram possíveis boas ações na disputa da Copa do Mundo". Tal argumento é reforçado ainda com a afirmação de que "o João cospe fogo" e a reivindicação de que o treinador "precisa ser um guerreiro".

Por outro lado, os *gângsteres* são comparados, na mesma metáfora, com animais, já que o cronista chama de "selva" o ambiente onde prevalecem. Assim sendo, *selva de gângsteres* é uma expressão licenciada pelas metáfora conceptual CRIMINOSOS SÃO ANIMAIS, que está também ancorada na metáfora PESSOAS SÃO ANIMAIS

Fundamentada nas mesmas metáforas conceptuais, seria formulada, por exemplo, a sentença: "Meu sócio é um rato, roubou todo o dinheiro da empresa", que compara um homem criminoso a um animal. Já a sentença "Esse mercado é um formigueiro", equipara um ambiente humano a um habitat de animais, como no trecho da crônica.

4.11 pires de leite

" — fomos tratados *a pires de leite* até o momento em que os locais venceram os russos e os nossos os ingleses. E como éramos os adversários, passamos a ser, automaticamente, os anticristos⁶²".

No caso, o cronista salientou os domínios "carinho" e "animais". A fim de corroborar essa interpretação, transcrevo em seguida outro trecho em que figura a mesma metáfora: " — Pelé tratado, na Inglaterra, *a pires de leite* como uma gata de luxo⁶³". Assim, fica mais claro que é acionando o seguinte conceito: "tratar pessoas com carinho é cuidar dos animais de estimação".

A metáfora conceptual que licencia a expressão é, portanto, mais uma vez, PESSOAS SÃO ANIMAIS. Uma metáfora linguística muito convencional que também equipara circunstâncias vivenciadas por seres humanos ao contexto de criação de animais é, por exemplo, "A mãe enjaulou o filho em casa".

4.12 paralelepípedo

⁶² Trecho extraído da crônica *Garrincha, passarinho apedrejado*, página 40.

⁶³ Trecho extraído da crônica *A força da burrice*, página 131.

"Qualquer *paralelepípedo* previra o que, fatalmente, aconteceu. O Santos deu um passeio, um baile, um banho de futebol⁶⁴".

Com esse exemplo, o cronista personaliza o *paralelepípedo* como um indivíduo impessoal, generalizado. "Qualquer *paralelepípedo*" é, no caso, uma pessoa qualquer, ou que não é importante especificar. Vejamos outra ocorrência: "Até os *paralelepípedos* de Boca do Mato sabiam que o Brasil precisava de um time. Não se joga futebol sem um time⁶⁵". Fica explícito, com base no contexto, que se "até os *paralelepípedos*" sabiam (ou previram) algo, é porque todas as pessoas, em geral, são capazes disso. *Paralelepípedos*, então, parece dizer respeito às pessoas de quem menos se espera que saibam as coisas; as menos prestigiadas; as mais ignorantes.

Conforme o contexto, nota-se que o termo "paralelepípedo" fora empregado para prover teor concreto aos aspectos da impessoalidade e da irrelevância devido a premissas como: existem milhares de paralelepípedos iguais na cidade; todos eles servem para a mesma função, de calçar as ruas; não há nada de especial que diferencie um paralelepípedo de outro etc.

O cronista fez emergir, assim, o conceito de que "as pessoas simples, desprestigiadas, que nada conhecem além daquilo que é básico, são como paralelepípedos, que também são simples, e apenas cumprem, passivamente, seu discreto papel de calçar as ruas".

Diante do exposto, seria válido assumir que a metáfora com "paralelepípedo" deriva da metáfora conceptual PRESTÍGIO É COMPLEXIDADE (ou DESPRESTÍGIO É SIMPLICIDADE). Nesse trecho de um poema de Mário de Andrade, há um exemplo de expressão licenciada por aquela metáfora conceptual: "Moça linda bem tratada, Três séculos de família, *Burra como uma porta*: Um amor".

Na tabela abaixo, as 12 metáforas novas estão listadas conforme suas respectivas metáforas conceptuais:

vira-latas	PESSOAS SÃO ANIMAIS
baba bovina	PESSOAS SÃO ANIMAIS
pileque cívico	EUFORIA É EMBRIAGUEZ
enrolado na derrota	CIRCUNSTÂNCIAS SÃO INVÓLUCROS

⁶⁴ Trecho extraído da crônica *Coutinho não é nome de jogador de futebol!*, página 70.

⁶⁵ Trecho extraído da crônica *A força da burrice*, página 131.

quebrar os chifres	PESSOAS SÃO ANIMAIS
riso ginecológico	COMPORTAMENTOS SÃO ÓRGÃOS DO CORPO
passarinho	PESSOAS SÃO ANIMAIS
penacho e esporas	PESSOAS SÃO ANIMAIS
sanidade de cambaxirra	PESSOAS SÃO ANIMAIS
selva de gângsteres	PESSOAS SÃO ANIMAIS
pires de leite	PESSOAS SÃO ANIMAIS
paralelepípedo	PRESTÍGIO É COMPLEXIDADE

PARTE III – O MODELO DE PROTÓTIPOS E A TEORIA DOS ESPAÇOS MENTAIS E DA MESCLAGEM: ANÁLISE DE DADOS

Ao longo dos dois próximos capítulos está disponível um apanhado teórico sobre a categorização, processo cognitivo do qual deriva o Modelo de Protótipos, e também sobre a Teoria dos Espaços Mentais e da Mesclagem. Em cada uma das seções, foram novamente transcritas as passagens da coletânea de crônicas em que ocorrem as expressões apuradas como metáforas novas de Nelson Rodrigues. Atreladas a seus respectivos contextos, as expressões foram analisadas conforme a base teórica correspondente.

Capítulo 5 – A Categorização e o Modelo de Protótipos

5.1 Noções sobre categorização

Até este ponto do estudo, temos visto que o uso e a compreensão da linguagem envolvem processos cognitivos em todas as suas etapas. O processo que classifica os conceitos em nossa mente é a categorização. Desde os primeiros momentos de vida, habituamo-nos a categorizar as coisas, orientados pelo ambiente que nos rodeia. Lakoff (1987) afirma que não há nada mais elementar do que a categorização para o nosso pensamento, percepção, fala e ação. Categorizamos tudo aquilo com que temos algum contato, relacionando semelhanças e diferenças entre conceitos, uma vez que a categorização é um processo que atua como alternativa para estruturar a informação em nossa memória (MOREIRA, 1993). A cada aprendizado adquirido, adicionamos informações às estruturas de conhecimento, mas também reconstruímos essas estruturas, substituindo e atualizando dados.

Allen (1991) relaciona como nossas principais atividades mentais o pensamento, a imaginação, a lembrança e a solução de problemas. São essas atividades que compõem a cognição humana. Elas articulam a memória semântica, onde reside nosso conjunto de conhecimentos. Dessa forma, podemos dizer que a categorização atua a nosso favor poupando o trabalho da mente: uma vez que as inferências podem ser derivadas de informações já armazenadas, não há necessidade de acumular, a cada dia, todos os aspectos apreendidos e seus desdobramentos (MEDIN; ROSS, 1996).

5.2 Modelo clássico

Uma das concepções pioneiras a respeito da categorização é chamada de modelo clássico. Segundo essa vertente do pensamento, os conceitos são constituídos por elementos que estão presentes em todos os objetos de determinada categoria, sendo que essas características são necessárias e suficientes para descrevê-los. O modelo clássico discrimina muito claramente, e sem ambiguidades, aquilo que é daquilo que não é membro de uma categoria.

Segundo a concepção clássica, as categorias são definidas apenas pelas propriedades comuns a todos os seus membros. Assim, nenhum membro pode ser considerado melhor exemplar do que os outros, isto é, prevalece absoluta condição de igualdade entre eles. Ainda sobre a teoria clássica, temos que as categorias mais

específicas incluem todos os atributos das categorias mais gerais, estabelecendo assim uma hierarquia.

O modelo clássico prevê, como vemos, uma separação assertiva entre membros e não-membros de uma dada categoria. Os efetivos membros são somente aqueles que esgotam as características necessárias e suficientes definidoras da categoria, sendo completamente excluídos os exemplares que omitirem aqueles traços. Podemos dizer que a teoria clássica possibilita, sem entraves, a construção de relacionamentos taxonômicos entre os conceitos. O modelo é tratado, por isso, como um "jogo de tudo ou nada" (COLLINS e QUILLIAN, 1969).

À medida que se multiplicaram os estudos sobre a categorização, o modelo clássico passou a sofrer críticas de diversas ordens. Para Lakoff (1987), a concepção é deficiente porque não se trata do resultado de um estudo empírico. Smith e Medin (1981) apontam, entre outras limitações, o fato de que é difícil especificar características definidoras para a maioria dos conceitos, além de que, em alguns casos, não se pode assegurar que todas as características definidoras de um conceito sejam projetadas em seus subordinados hierárquicos. Já Eysenck e Keane (1990) alegam que a teoria clássica não é capaz de captar aspectos significativos do comportamento conceptual e que é equivocada a ideia central do modelo, de que as categorias requerem a conjunção de todas as características essenciais.

5.3 Modelo de protótipos

A concepção de categorização mais aceita nos dias de hoje é a do Modelo de Protótipos, que, junto com outras hipóteses concorrentes, figurou nos estudos de Hull (1920). A ideia fundamental dessa hipótese é a de que alguns exemplares são melhores representantes de determinada categoria do que outros, e que a maioria das categorias não pode ser definida pela lista de características compartilhadas por todos os seus membros.

A psicóloga norte-americana Eleanor Rosch foi quem consolidou, na década de 1970, o Modelo de Protótipos. A autora afirma que as categorias são organizadas em torno de protótipos centrais, que são pontos de referência. O protótipo seria o elemento nuclear dentro de um determinado grupo. Quanto mais periféricos nessa escala, menos recorrentes seriam os demais elementos ao pensarmos em determinada categoria. Segundo Rosch:

“As categorias são compostas de um ‘significado nuclear’ que consiste dos ‘casos mais claros’(melhores exemplos) da categoria, ‘circundados’ por outros membros de similaridade decrescente em relação ao significado nuclear” (1973:112)

A Teoria dos Protótipos derivou do chamado estudo das cores básicas (Berlin & Kay, 1969), o qual aponta que nossa percepção cognitiva capta o ponto mais salutar da cor (prototípico), ou seu foco central primário. A cor verde básica, por exemplo, tem um ponto prototípico, e as demais tonalidades de verde seriam a sua continuação (verde-água, verde-musgo etc). Essa pesquisa, de base biológica, reflete nossa percepção cognitiva diante dos conceitos, sinalizando que categorizamos as coisas com base em um elemento prototípico dentro de uma categoria.

Investigações empíricas com experimentos variados foram procedidas no âmbito das pesquisas de Rosch, a fim de comprovar que os membros da categoria não seriam todos igualmente representativos dela. Haveria entre elas assimetrias, ou efeitos prototípicos, de modo que se pode considerar certa instância como o caso mais central, o exemplo mais representativo, o protótipo. A psicóloga chegou à conclusão de que cada categoria possui, de fato, exemplos ideais.

Em sua obra, Lakoff (1987) menciona os estudos de Rosch, destacando que a Teoria dos Protótipos concebe as categorias como estruturas de atributos (traços) graduáveis e com limites difusos. Tais atributos possuem graus diferentes de relevância dentro das categorias, que correspondem à sua organização em torno de um centro cognitivo exemplar. Segundo o autor, os fenômenos prototípicos

são utilizados [...] no pensamento – fazendo inferências, cálculos, aproximações, planejamentos, comparações, julgamentos – e também para definir categorias, estendê-las e caracterizar relações entre as subcategorias. Os protótipos fazem grande porção do trabalho efetivo da mente e têm amplo uso nos processos racionais. (LAKOFF, 1987, p.145)

As fontes para emergência dos fenômenos prototípicos são, para Lakoff, os Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs). Tais fenômenos seriam subprodutos de estruturas cognitivas complexas, construídas ao longo das experiências dos indivíduos e decorrentes da organização dos conhecimentos na mente. Feltes (2007) complementa esse conceito, defendendo que a cognição humana é inextricavelmente ligada à

experiência corpórea, social, cultural e histórica. Assim sendo, as categorias elaboradas pelo sistema conceitual humano seriam, ao mesmo tempo, cognitivas e culturais.

Lima (2007) contribui para a explanação sobre o modelo dos protótipos salientando que "um item é considerado como membro de uma categoria não por se saber que ele possui um determinado atributo ou não, mas por se considerar o quanto as dimensões desse membro se aproximam das dimensões ideais para ele". E acrescenta:

Em outras palavras, um exemplo representativo de uma classe seria aquele que compartilhasse com os outros membros da categoria do maior número de características e que, por outro lado, compartilhasse de poucas características (ou nenhuma) com elementos provenientes de fora da classe. De acordo com o modelo de protótipo, conceitos são representados por um grupo de características, e não por suas definições. Um novo membro é categorizado como um tipo de conceito se é suficientemente similar ao seu protótipo (2007:163).

Ao se tratar da categoria "ave", por exemplo, é provável que primeiramente emirjam à mente do falante membros como pardal ou periquito, que possuem a maioria das propriedades associadas a aves, e são, portanto, mais prototípicos (ou, digamos, modelos ideais de aves). Já "pinguim" é considerado um elemento periférico porque tem um número menor daquelas propriedades (ao contrário da maioria das aves, o pinguim pode viver na água e é incapaz de voar). Nesse sentido, Rosch (1973) acrescenta que as crianças em processo de aquisição da linguagem tendem a assimilar em primeiro lugar, dentro de determinada categoria, justamente os membros mais prototípicos, que servem de pontos de referência cognitivos.

Rosch e Mervis (1975) afirmam que a prototipicidade de um membro é diretamente proporcional ao número de características compartilhadas com os demais membros da mesma categoria, e inversamente proporcional à quantidade de traços em comum com membros de categorias contrastantes. Nesse sentido, Eysenk e Keane (1990) destacam que muitos membros podem pertencer a mais de uma categoria, uma vez que são indefinidos os atributos necessários e suficientes para determinar sua inclusão. Os autores afirmam também que os exemplares de uma categoria podem ser ordenados conforme o grau de tipicidade que possuem, ou seja, prevalece entre eles um gradiente.

SILVA (2003) destaca que a questão da prototipicidade também é observada em termos de estrutura semântica. Como exemplo, o autor descreve a estrutura semântica do diminutivo em Português, que apresenta um centro prototípico constituído pelo sentido espacial de "pequenez" ou "diminuição do tamanho". Deste centro dimanam os demais sentidos do diminutivo. Em sua forma central, considera-se que o diminutivo é aplicado no caso de "mesinha" por tratar-se de uma mesa pequena. Afastando-se desse centro prototípico temos que "mãezinha" e "gentinha" são casos de apreciação e depreciação do objeto, respectivamente. Quando se diz "quilinhos", o diminutivo serve para relativização do argumento. Já "vermelhinho" tem o propósito de intensificação e corresponde a um uso mais periférico do diminutivo, por exemplo.

Os efeitos de prototipicidade são também fundamentados empiricamente, conforme "as interpretações das expressões linguísticas na experiência individual, colectiva e histórica nelas fixada, no comportamento dos falantes que as usam e na fisiologia do aparato conceptual humano" (SILVA, 2003). Isso implica a observação do uso real das expressões linguísticas e torna importantes os métodos quantitativos baseados em corpora. Compreende-se, assim, que a maior recorrência de um dado membro na língua é um indício de sua centralidade dentro da respectiva categoria.

Outras das premissas relacionadas ao conceito de prototipicidade, de acordo com Kleiber (1990), são: as categorias possuem estrutura interna prototípica; a representatividade de um exemplar corresponde a seu grau de vinculação à categoria; as fronteiras das categorias são imprecisas; os membros de uma categoria não apresentam todas as propriedades em comum; o preenchimento de uma categoria se dá conforme o grau de similaridade com o protótipo; a similaridade não se opera de modo analítico, mas global.

Em seguida, apresento a análise das metáforas novas de Nelson Rodrigues extraídas da coletânea de crônicas tendo como parâmetro o Modelo de Protótipos. Para a caracterização prototípica dos elementos, foram aplicados critérios como a similaridade com o protótipo da categoria (KLEIBER, 1990); o número de características compartilhadas com os demais membros da mesma categoria (ROSCH e MERVIS, 1975); o pertencimento a categorias contrastantes (ROSCH e MERVIS, 1975); a provável tendência de assimilação do termo pelas crianças em processo inicial de aquisição da linguagem (ROSCH, 1973) e a frequência na língua em comparação com outros membros, usando como parâmetro um corpus de referência (SILVA, 2003). Veremos que foi confirmada a hipótese inicial sobre uma peculiaridade inerente

ao processo criativo do cronista: a de que ele favorece a escolha de termos periféricos em uma escala de protótipos para compor suas metáforas novas.

5.4 Análises

5.4.1 *vira-latas*

"O brasileiro precisa se convencer de que não é um *vira-latas* e que tem futebol para dar e vender lá na Suécia. Uma vez que ele se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar⁶⁶".

O domínio explorado nesse trecho, bem como em todos os outros em que aparece a metáfora *vira-latas*, é o da "inferioridade". De acordo com o contexto, o jogador brasileiro precisava acreditar no seu próprio potencial, já que tinha "futebol para dar e vender". Ele precisava, portanto, se convencer de que não era inferior a seus concorrentes.

Em uma escala de protótipos concebível na domínio da "inferioridade", pode-se afirmar, intuitivamente, que termos como "fraco" ou "incapaz" seriam centrais. "Vítima", termo ao qual pode ser associada inferioridade relativa a virtudes como poder, força ou esperteza, é exemplo mais prototípico, e que também comporia uma metáfora. O mesmo se pode dizer de "lixo" e de "verme", que são dotados de atributos negativos quanto à utilidade, importância, beleza, robustez (somente no segundo caso) e benefício à saúde. Considerando-se apenas o domínio do reino animal, "presa" seria um termo mais prototípico, e ainda adequado.

Vira-latas, como podemos observar, possui poucos atributos que o coloquem como referência cognitiva para a categoria dos "inferiores". Isso pode ser constatado mediante a comparação entre um cachorro *vira-latas* e um cachorro de raça pura: o *vira-latas* não leva desvantagem, por exemplo, quanto ao tamanho, nem à força, à saúde, tampouco à inteligência. Podemos dizer que o *vira-latas* é um animal menos valioso, e este é o único traço que o qualifica como "inferior" no confronto com um cão de raça. Por isso, *vira-latas* é um termo periférico na categoria dos "elementos que representam a inferioridade".

5.4.2 (*baba*) *bovina*

⁶⁶ Trecho extraído da crônica *Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética*, página 81.

"Amarildo, o dostoiievskiano, enfiava-se pela área como um rútilo epilético. Ao marcar os dois gols contra os espanhóis, pendia dos seus lábios uma *baba elástica e bovina*".

Nesse trecho, o autor pretendeu atribuir uma imagem concreta à sensação de desequilíbrio emocional transmitida pelo jogador Amarildo durante a situação descrita. Na categoria semântica de que se trata, do "desequilíbrio emocional", "pender dos lábios uma baba bovina" é uma expressão periférica porque evoca uma imagem mental distante da figura prototípica de um indivíduo tomado pela emoção, ou seja, aquela que primeiramente nos vem à mente ao se pensar na categoria.

Por sinal, observa-se que "rútilo epilético" figurou na oração anterior, sugerindo uma imagem mental que também remetesse à circunstância emocional em que se encontrava o jogador. Um sujeito em crise epilética é um melhor exemplo, no domínio da "emoção desproporcional", do que um boi babando.

Outra interessante análise pode ser feita sobre o trecho a seguir, em que o termo *bovina* também é empregado para denotar um comportamento desproporcional⁶⁷: "Os sociólogos do Otto, os psicólogos do Otto, educadores do Otto, os professores do Otto — ainda não chegaram ao ser humano e o ignoram com uma crassa e *bovina* teimosia. É preciso que alguém lhes escreva uma carta anônima, com o furo sensacional: — O homem existe! O homem existe!⁶⁸".

Ao se referir aos especialistas que costumam ser convidados para um programa de televisão (o programa do Otto), o autor afirma que esses insistem (ou teimam) em negligenciar o protagonismo do ser humano diante das questões em pauta. Na construção da metáfora *bovina teimosia*, é possível concluir que o autor conecta os pares de conceitos: pessoas / convicções; e animais / instintos. Possivelmente, ele instiga que o raciocínio do leitor caminhe pelas seguintes premissas: os animais são irracionais; os animais são irredutíveis quanto aos seus instintos; as pessoas irredutíveis quanto aos seus instintos são irracionais; as pessoas irredutíveis quanto às suas convicções são irracionais; e o boi é um animal; até chegar a "o boi é irredutível quanto às suas convicções" (teimoso).

⁶⁷ Como demonstrado no capítulo anterior, o uso de *bovino* com a finalidade de caracterizar um comportamento desproporcional já era usado antes da obra de Nelson Rodrigues. Portanto, embora tenha-se retomado a expressão no presente fractal, não se pode afirmar que tal artifício é de autoria do cronista.

⁶⁸ Trecho extraído da crônica *Jogador escalado pelo óbvio*, página 46.

Sob esse exame, nota-se que é necessário percorrer um longo caminho até que seja demonstrada a pertinência da metáfora "teimosia bovina", o que sinaliza que os significados dos termos que a compõem estão situados em categorias semânticas distantes. A escolha de bovina em uma escala de protótipos mostra que o autor buscou um termo periférico que remetesse ao domínio da "teimosia". É razoável dizer que seriam mais centrais escolhas do tipo: "teimosia de um vendedor" ou "teimosia infantil", que correspondem a ideias que primeiramente figuram na mente dos usuários da língua quando acessam a categoria dos "teimosos".

Mesmo em se considerando a opção por um animal que sugira "teimosia", o boi também se configura como periférico. O jumento ou o burro, animais comumente considerados teimosos, seriam escolhas centrais. Ao escolher *bovina* teimosia, Nelson Rodrigues promove uma quebra de raciocínio que, como é possível entender, sinaliza uma peculiaridade inerente ao seu processo criativo de formulação de metáforas.

5.4.3 *pileque cívico*

"(...) em 58, ao conquistarmos o título, eis que houve, aqui, um hábito instantâneo à glória jamais imaginada. O nosso *pileque cívico* durou até o desembarque⁶⁹".

Na passagem, Nelson Rodrigues quis dizer que, com a conquista da Copa de 58, os brasileiros ficaram extasiados, orgulhosos, eufóricos. Nota-se que, ao empregar *pileque*, o cronista escolheu um exemplar com poucos traços em comum em relação aos outros membros da categoria de nomes que remetem à "euforia". Exemplos como "alegria", "energia" ou "satisfação" compartilham os atributos apropriados por um indivíduo em estado de euforia. Um indivíduo "de *pileque*" (bêbado), por sua vez, não está necessariamente alegre, enérgico ou satisfeito. Embora *pileque* possa ser, ainda que de maneira difusa, enquadrada na categoria da "euforia", seguramente não está também entre os primeiros assimilados por uma criança em processo de aquisição da linguagem. É, pois, um exemplar periférico naquela escala prototípica.

5.4.4 *enrolado na derrota*

⁶⁹ Trecho extraído da crônica Pelé, colega de Miguel Ângelo, Homero e Dante, página 37.

"Até 58, o brasileiro não ganhava nem cuspe à distância. O sujeito dormia *enrolado* na derrota como num cobertor⁷⁰".

É válido presumir que o argumento contido nesse fragmento não teria o mesmo efeito de sentido se, em vez de *enrolar*, o autor tivesse optado por utilizar um verbo mais prototípico para a categoria dos "usos de um cobertor" – "cobrir", certamente, é a ação que figura em primeiro lugar quando formulamos uma imagem mental dessa categoria.

Continuando o raciocínio, é possível especular sobre a pretensão do cronista com a escolha. Enquanto o ato de "cobrir com um cobertor" denota certa racionalidade, e aparentemente faz referência ao propósito único de proteger o corpo do frio ou do vento, *enrolar num cobertor* é uma expressão mais grosseira, cujo sentido extrapola o mero suprimento da demanda por conforto diante das condições do ambiente. A ideia de *enrolar num cobertor* sutilmente faria emergir conceitos como medo ou insegurança⁷¹. Assim, com o uso do termo mais periférico, teria dito o autor, implicitamente, que era hábito do indivíduo brasileiro, sempre após um episódio de fracasso, "enrolar-se, amedrontado, no cobertor da derrota, antes de ir dormir".

5.4.5 *quebrar os chifres*

"Aquela multidão se arremessara contra ele como um touro enfurecido. Pois bem: — ele agarra o touro à unha e lhe *quebra os chifres*⁷²".

Vemos, nesse trecho, que Nelson Rodrigues recorre a *quebrar os chifres* com significado de "superar a hostilidade" da multidão. Não se pode dizer que "quebrar" seja um membro periférico na categoria dos "verbos de superação" – assim, a escolha determinante diz respeito a *chifre*, que é um elemento periférico na escala da "hostilidade". Uma vez que *chifres* possui muitos traços que o enquadrariam em outras categorias contrastantes, o termo é considerado periférico. A título de ilustração, não é difícil enumerar outros exemplares que compartilham atributos típicos da categoria da "hostilidade", tais como "barreira", "obstáculo" ou "muralha", que são, dessa forma, mais prototípicos.

⁷⁰ Trecho extraído da crônica *Futebol é paixão*, página 132.

⁷¹ A denotação de insegurança ou medo para o ato de enrolar-se em um cobertor pode ser observada em trecho do romance *Ciranda de Pedra*, de Lygia Fagundes Telles: "Sentou-se na cama. Sentia a boca seca, as mãos molhadas de suor. Aquele grito... seria sonho? Enrolou-se tremendo no cobertor (...)".

⁷² Trecho extraído da crônica *A memória é uma vigarista*, página 77.

5.4.6 *riso ginecológico*

"Soa o riso da multidão — riso aberto, escancarado, quase *ginecológico*⁷³".

Como observado no capítulo anterior, *ginecológico*, nessa metáfora, pode ser interpretado como oriundo do domínio do "prazer", mas também pode ser compreendido no domínio da "abertura".

Em ambos os casos, *ginecológico* é um termo periférico. Se interpretado como membro da categoria de "adjetivos relativos ao prazer", palavras mais centrais que comporiam a metáfora, por exemplo, seriam "delicioso" ou "libidinoso". "Ginecológico", por ser um termo dotado de características típicas de outras categorias, é também periférico no domínio da "abertura". É possível afirmar que a categoria teria como termos mais prototípicos "amplo" ou "ventilado", que seguramente seriam lembrados antes de *ginecológico*, entre os sinônimos de "aberto".

5.4.7 *passarinho*

"Não há no Brasil, não há no mundo, ninguém tão terno, ninguém tão *passarinho* como o Mané⁷⁴".

Neste exemplo, Nelson Rodrigues quis caracterizar o jogador Garrincha como "inofensivo", sugerindo que houvera uma contradição na ocasião narrada, em que ele foi expulso de campo pelo árbitro da partida. A palavra *passarinho*, empregada como adjetivo, foi então a solução adotada pelo cronista.

Poderia Rodrigues, caso optasse por um adjetivo central nesse domínio, qualificar o personagem da sua crônica como "manso" ou "dócil". Seria possível ainda usar outro nome de animal, mais prototípico, como adjetivo para qualificar sua "mansidão": "cordeiro". *Passarinho*, como se pode concluir, foi uma escolha periférica, principalmente porque carrega traços dos exemplares externos à categoria dos "seres inofensivos".

5.4.8 *esporas e penacho*

"Amigos, a vitória sobre o Chile fez nascer um *penacho* em cada cabeça e *esporas* em cada calcanhar⁷⁵". Em todas as ocorrências de *esporas e penacho* ao longo

⁷³ Trecho extraído da crônica *O escrete de loucos*, página 42.

⁷⁴ Trecho extraído da crônica *Garrincha, passarinho apedrejado*, página 41.

⁷⁵ Trecho extraído da crônica *Garrincha, passarinho apedrejado*, página 39.

da coletânea, a intenção do autor foi atribuir, metaforicamente, adereços aos seus personagens que remeteriam à ideia de "supremacia" ou "orgulho".

Pode-se considerar que elementos como "coroa" ou "medalha" seriam escolhas prototípicas, pois têm em comum vários traços típicos da categoria dos "símbolos de supremacia" e "símbolos de orgulho", tais como os fatos de serem: considerados valiosos; concedidos como prêmios em diversas ocasiões; ostentados por pessoas importantes etc. Nelson Rodrigues, ao recorrer ao domínio do reino animal em busca de propriedades do "galo" para formular sua metáfora, reiterou, como vemos, sua preferência pelos termos periféricos.

5.4.9 sanidade de cambaxirra

"É maluco? (...) pelo contrário: tem uma sanidade de *cambaxirra*⁷⁶".

A inexistência de *cambaxirra* entre as 45 milhões de palavras do corpus de referência é, por si só, um sinal de que se trata de um termo não-prototípico, já que presumivelmente não ocorre com frequência nos discursos em língua portuguesa.

Mas outra interessante observação pode ser feita a fim de se atestar seu caráter periférico. Lembremos que a metáfora *sanidade de cambaxirra*, como explicitado no capítulo anterior, teria sido, possivelmente, inspirada em uma lenda segundo a qual a ave é considerada "prudente", já que se alimenta somente de seres vivos, evitando, assim, que coma algum fruto que lhe faça mal.

No entanto, na categoria das "lendas", é mais popular a história da "cigarra e a formiga", que destaca, justamente, a prudência que prevalece no cotidiano das formigas, em contraposição com a vida desregrada das cigarras. A referida fábula conta sobre o trabalho que a formiga faz durante o verão, acumulando alimentos, para que no inverno não precise deixar o formigueiro em busca de comida.

Sob esse prisma, pode-se afirmar, por exemplo, que seria mais prototípica a escolha de *formiga* como elemento integrante da categoria dos "animais prudentes". Portanto, o cronista, além de empregar o nome de uma espécie de ave pouco conhecida, inspirou-se em uma lenda, da mesma forma, pouco popular. Suas escolhas, por tratarem de exemplares de rara presença na mente e nos discursos dos usuários da língua, podem ser consideradas periféricas em suas categorias.

⁷⁶ Trecho extraído da crônica *Narciso às avessas*, página 33.

5.4.10 selva de gângsteres

"(...) uma Copa do Mundo é uma *selva de gângsteres*⁷⁷".

Com essa expressão, o autor evidenciou os domínios do "crime" e dos "animais", a fim de fazer emergir o conceito de violência. É plausível considerar que o uso de elementos relativos a animais para qualificar, metaforicamente, a violência, é bastante convencional em nosso idioma. Por isso, não haveria estranhamento se o cronista dissesse, somente, que "a Copa do Mundo é uma selva".

O domínio do crime também não chega a ser periférico na categoria da violência, por compartilhar, com exemplares como "agressão" e "luta corporal" atributos associados, por exemplo, a: conflito com a lei, dor física e trauma psicológico. Assim, "selva de bandidos", por exemplo, seria uma metáfora nova que causaria menor efeito de ruptura.

O emprego de *gângster* é então o que confere caráter pouco prototípico à metáfora, principalmente por se tratar de um termo originário de outro idioma e, portanto, menos lembrado pelos usuários da língua portuguesa. A escolha alinha-se, logo, com a tendência de Nelson Rodrigues de esquivar-se das palavras prototipicamente centrais para a elaboração de suas metáforas novas.

5.4.11 pires de leite

"Pelé tratado, na Inglaterra, a *pires de leite* como uma gata de luxo⁷⁸".

De acordo com o contexto, o cronista escolheu *pires de leite* para acessar o domínio do "carinho", ou "cuidado". Podemos entender, no entanto, que "beijos", "mimos", ou "cafunés", são exemplos de palavras que compartilham traços que as qualificam como membros mais prototípicos da categoria dos "atos de carinho", como: estimulam de modo agradável a sensibilidade da pele, aproximam os corpos etc. *Pires de leite*, além do mais, possui muitas características em comum com exemplares de outras categorias, como a dos "recipientes com alimentos". Assim, trata-se, mais uma vez, de uma opção periférica para a formulação da metáfora.

5.4.12 paralelepípedos

"(...) até os *paralelepípedos* de Boca do Mato sabiam que o Brasil precisava de um time⁷⁹,"

⁷⁷ Trecho extraído da crônica *João sem medo*, página 117.

⁷⁸ Trecho extraído da crônica *A força da burrice*, página 131.

Aqui, como demonstrado na reflexão feita ao longo do capítulo anterior, *paralelepípedo*, por ser um objeto simplório, jacente e não-versátil, foi o termo empregado por Nelson Rodrigues para qualificar os indivíduos irrelevantes, sem influência, passivos na sociedade. Pode-se entender, então, que outros exemplares da categoria de "itens usados na pavimentação das cidades" funcionariam da mesma forma que *paralelepípedo*, como "poste", "tijolo" e "banco de praça".

Paralelepípedo é, contudo, um termo mais incomum no nosso idioma, como demonstrado por meio de consulta no corpus de referência. Entre 45 milhões de palavras, *paralelepípedo* ocorre 34 vezes, no singular ou no plural, enquanto há, por exemplo, 437 ocorrências de tijolo ou tijolos. Pode-se assumir que *paralelepípedo* é, por isso, um termo pouco frequente e menos prototípico naquela categoria.

⁷⁹ Trecho extraído da crônica *A força da burrice*, página 131.

Capítulo 6 – A Teoria dos Espaços Mentais e da Mesclagem

6.1 Conceitos introdutórios

Uma vez que a linguagem é considerada, para a espécie humana, a primordial via de acesso ao conhecimento, a teoria dos Espaços Mentais e a teoria da Mesclagem interpretam a cognição humana privilegiando as atividades de natureza linguística. Seus autores sustentam que as operações cognitivas estão intimamente relacionadas à linguagem, bem como à ação e ao pensamento. No decorrer do discurso, espaços mentais que congregam as ideias são construídos e ligados por meio da gramática, do contexto e também da cultura. Ao conversarmos, movemos nosso foco de um espaço mental estruturado para outro (FAUCONNIER e SWEETSER, 1996). Por isso, a interpretação dos significados depende, além da linguagem, do contexto, de experiências passadas e das conexões entre espaços mentais.

O entendimento sobre as noções de domínio semântico e de projeções entre domínios é essencial para a assimilação dos espaços mentais e da mesclagem conceptual. Os primeiros dizem respeito a conjuntos de conhecimentos estruturados, que podem ser estáveis ou locais (SALOMÃO, 1999). Os domínios estáveis congregam aqueles conhecimentos prévios, inerentes à memória pessoal ou social. Dizem respeito às sedimentações das experiências, processo que se inicia ainda na infância e é influenciado pela apreensão filológica da linguagem e pelo ambiente sócio-histórico. Essa estabilidade, no entanto, é relativa, uma vez que a percepção significativa de novas experiências pode atualizar esses domínios (LAKOFF, 1987). Eles são classificados em: Modelos Cognitivos Idealizados (MCI), Molduras Comunicativas e Esquemas Genéricos.

Os MCIs são socialmente produzidos e culturalmente disponíveis. Dizem respeito às referências cognitivas adquiridas ao longo de toda uma vida e resultam da organização, pelo indivíduo, da percepção dos vários estímulos presentes no ambiente que o rodeia. As pessoas constroem esquemas imagéticos organizando as percepções de suas experiências e as decorrentes captação de estímulos. Já as Molduras Comunicativas estão ligadas ao contexto de interação (TANNEM e WALLAT, 1987) e referem-se aos papéis sociais ou à agenda do encontro. Representam, de acordo com Duque e Costa (no prelo), “estratégias de negociação intersubjetiva para alcançara meta de realizar ações feitas com a linguagem”. Assim, “dizem respeito a conhecimentos operativos configurados no interior de um evento”. Os Esquemas Genéricos, por fim, são

expectativas abstratas e mais flexíveis, que também norteiam as interpretações (SALOMÃO, 1999). Representam os frames gramaticais, que são estabilizações de construções. Esses esquemas são adquiridos na interação, sobre ela agem e nela se atualizam. Uma estrutura sintática básica, por exemplo, como a de um sujeito que realiza uma ação verbal sobre um objeto (X age sobre Y), adviria, assim sendo, da experiência natural da ação humana de um agente sobre um paciente.

Os domínios estáveis caracterizam-se pela prevalência como ordens cognitivas identificáveis e evocáveis, pela organização interna das informações que os fundamentam e pela flexibilidade de sua instanciação, conforme as necessidades locais (SALOMÃO, 1999). Na definição de Miranda (1999), são aqueles em que está armazenada a memória de longo prazo, ou seja, os frames decorrentes das experiências passadas. Eles estruturam internamente os chamados domínios locais (espaços mentais) que, por outro lado, são operadores dinâmicos do processamento cognitivo e configuram a memória de curto termo (MIRANDA, 1999). Os espaços mentais se multiplicam e se alteram enquanto pensamos e falamos, por isso, se renovam a cada produção de significados.

Fauconnier e Sweetser (1996) sustentam que o discurso dá origem a um jogo de operações complexas, que se referem às bases de conhecimento correspondentes à memória coletiva ou individual e aos alinhamentos das informações que são produto das interações. Consoante com esse raciocínio, Miranda (1999) postula que ambos os domínios (estáveis e locais) são estruturados e evocados pelos falantes, manifestando-se por marcas linguísticas e contextuais.

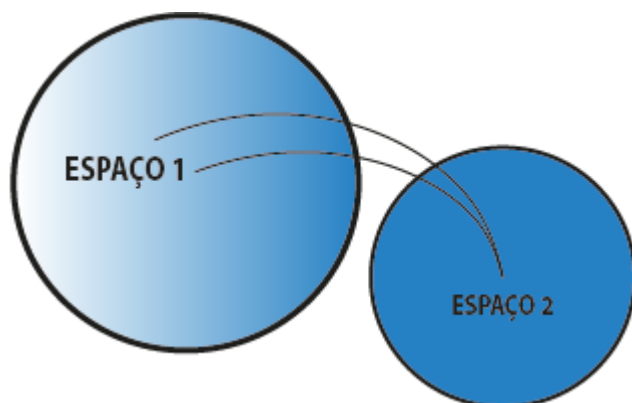
Os processos cognitivos que envolvem a linguagem, então, são conceptualizados por projeções entre os domínios estáveis e os locais. Existem, segundo Fauconnier (1997), três tipos de projeções. A primeira é operada entre MCIs, projetando parte de um domínio em outro. Como descreve o autor, usamos o mapeamento de domínios-fontes para falar ou pensar sobre os domínios-alvo. As metáforas representam essa classe, já que projeções metafóricas podem ser criadas localmente no processo discursivo. Outro tipo de projeção, também discriminado por Fauconnier (1997), é a que se realiza entre funções pragmáticas, como é o caso das sinédoques e das metonímias. Já as projeções de esquema operam quando um esquema geral é utilizado para estruturar uma situação. Essa última classe, verificada no processo de mesclagem, será mais detalhada adiante.

6.2 Os espaços mentais

Fauconnier (1997) sustenta, como vimos até aqui, que pensamento e linguagem dependem da capacidade humana de manipular informações entre espaços mentais. Os mapeamentos, segundo o autor, realizam-se em espaços e conexões do discurso, sendo que todas as formas de pensamento são criativas, pois produzem, continuamente, novas ligações, novas configurações e novos significados. De acordo com Fauconnier (1997), os espaços mentais são um tipo de abstração de alto nível, fundamentada em generalizações, que possibilita a formulação de hipóteses sobre o pensamento, a linguagem e outros aspectos.

Embora os espaços mentais sejam criados para auxiliar na compreensão de uma situação específica, as informações nele contidas foram também acumuladas ao longo de uma série de experiências. Uma construção invisível está presente de maneira constante nas nossas mentes durante o discurso, que culmina com aquilo que conhecemos como a linguagem visível (FAUCCONNIER, 1997). Os espaços mentais, que dizem respeito aos domínios locais da cognição, são transitórios e funcionam como arquivos perenes nos quais organizamos pensamentos em linguagem. Eles se diferem dos MCIs que, embora sejam também estruturadores da experiência, possuem caráter mais estável.

A teoria dos Espaços Mentais postula que a linguagem dos homens é analógica. Isso significa que os indivíduos procedem analogias entre elementos de diferentes espaços mentais o tempo todo — e essa seria a base do nosso raciocínio em diversas situações. Conforme essa hipótese, os espaços mentais são ativados por expressões linguísticas e resultam da interação entre conexões cognitivas e a riqueza e a variedade de expressões das línguas naturais. A figura abaixo ilustra a projeção entre elementos de dois espaços mentais distintos:



De acordo com Azevedo (2006), a teoria dos Espaços Mentais nos possibilita diagramar os discursos mostrando como certas noções e categorias discursivas atuam no processo de significação. Segundo a autora:

Ao se pensar a linguagem como estando relacionada à nossa percepção cognitiva geral, entende-se que o processamento que ocorre relativamente à produção e à interpretação de linguagem se dá de forma análoga ao processamento cognitivo referente à nossa percepção. Assim, as categorias discursivas da Teoria dos Espaços Mentais que mencionamos correspondem a noções que vemos mais facilmente atuar relativamente à percepção visual/espacial. (2006:32)

Os espaços mentais são compreendidos como domínios cognitivos de natureza semântico-pragmática, que se configuram no processamento discursivo e são acessados por certas expressões linguísticas e mecanismos de reconhecimento em diferentes campos do raciocínio. Conforme essa hipótese, ao longo da comunicação, os sujeitos ativam vários espaços mentais e conjugam elementos desses espaços, estabelecendo um emaranhado que configura a linguagem. Nesse sentido, Chiavegatto (1998) observa que os espaços mentais

[...] enquanto construções cognitivas, congregam e compactam informações de diferentes domínios conceptuais e de como falar ou entender o que a eles está relacionado. Ao engendrarem o inter-relacionamento entre informações disponíveis em domínios cognitivos distintos, permitem-nos falar e compreender algo que faz referência a um outro espaço ou tempo, a contextos reais, possíveis ou projetados, e, até mesmo, àqueles que só existem na ficção ou na imaginação dos falantes. (CHIAVEGATTO, 1998: 315)

6.3 Mesclagem

A hipótese abarca, assim sendo, combinações de modelos cognitivos numa cadeia de espaços mentais chamada mesclagem conceptual. Esse processo cognitivo combina espaços mentais e norteia diversos aspectos da criatividade humana. Como definem Fauconnier e Turner (2002), a mesclagem seria a incorporação de estruturas parciais dos espaços mentais anteriores (memórias prévias) para a apresentação de um espaço emergente próprio.

Fauconnier (1997) define a mesclagem como uma operação que, embora simples, clarifica uma série de fenômenos linguísticos e ajuda a compreender a natureza dos processos cognitivos. Sobre esse aspecto, Salomão (1999) defende que o princípio central da cognição humana "corresponde à projeção entre domínios, desta forma operando produção, fracionamento de informação, transferência e processamento do sentido". A mente humana, criando e integrando espaços mentais, projeta estruturas de uns espaços para outros, à medida que avançamos na gestão do processamento discursivo.

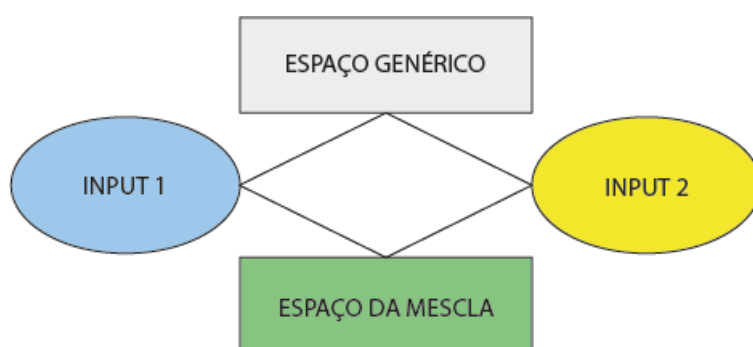
As estruturas emergentes durante o discurso aprimoram a eficiência e a agilidade na compreensão de um contexto. Isso porque os espaços mentais, que são construídos à medida que falamos e pensamos, são integrados pela mente humana em um terceiro espaço, no qual se configura um novo sentido. Coscarelli (2005) explica que o processo de mescla é o que permite a fusão de vários espaços, por meio de operação de identidade entre suas estruturas e elementos. A mesclagem ocorre quando, a partir de dois espaços mentais de input, um terceiro espaço, com configuração própria, é construído. Trata-se do espaço-mescla (blend), que herda a estrutura parcial dos inputs.

Uma vez que o espaço da mescla é formado por construções dinâmicas, resultantes de associações feitas entre os MCI's e os inputs criados no momento da interação, a mesclagem é sempre um espaço instável, sujeito a outras associações posteriores. Ela nos permite, além de reproduzir mundos simbólicos já existentes, produzir também novos mundos (FAUCONNIER, 1997). O poder cognitivo inerente à espécie humana consiste justamente na capacidade de agrupar múltiplos espaços mentais e, por meio da mesclagem, criar outros.

Como aponta Azevedo (2006), a Teoria da Mesclagem nos permite perceber o que acontece cognitivamente ao processarmos certos enunciados:

Na concepção dessa teoria, seres humanos realizam integração conceptual quando estão naturalmente envolvidos na realização de diversos tipos de atividades. Essa teoria semântica revela aspectos do processamento cognitivo, dinâmico, relacionados, no geral, a pensamento e imaginação e, em particular, à utilização da linguagem. A teoria revela como esse processamento acontece de forma rotineira, muito frequentemente inconsciente. (2006:36)

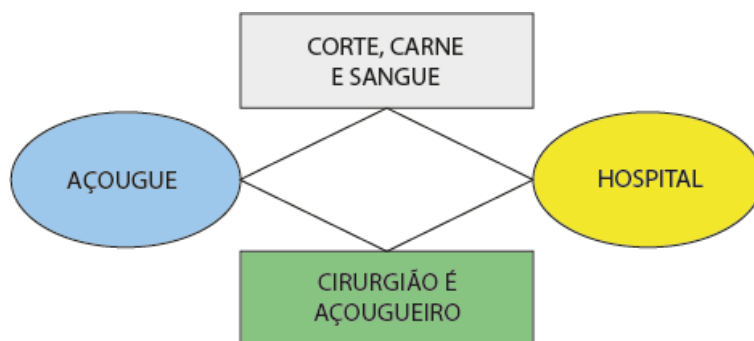
Fauconnier (1997) defende que "a construção de espaços mentais acontece num nível cognitivo. O nível cognitivo é distinto da estrutura linguística, do mundo real e dos mundos possíveis". A partir de um espaço genérico, dois ou mais espaços seriam estruturados no espaço da mescla. A teoria dos Espaços Mentais e da Mesclagem explica, portanto, como é possível que elementos pertencentes a certo domínio se sobreponham a elementos de outro domínio, produzindo uma imagem que abarca informações de ambos os domínios, como ilustrado abaixo:



Como exemplo de mesclagem conceptual corriqueira na língua portuguesa pode-se mencionar a comparação depreciativa que se faz de um médico cirurgião com um açougueiro. É o que ocorre na passagem a seguir⁸⁰: "(...) duas agenciadoras comentam que o médico (...), flagrado pela polícia fazendo um aborto, abandonou o paciente no meio da cirurgia. (...) — Ele para mim é um médico desnaturado. (...) — Ele é um açougueiro."

Nesse caso, elementos como, "corte", "carne" e "sangue" ocupam o espaço genérico. Tais conceitos são encontrados nos inputs 1 e 2, que fazem emergir, respectivamente, os universos de um açougue e de um hospital. A imagem de um açougueiro cortando carne de maneira grosseira, sem esmero, é evocada no input 1 e projetada no input 2. Assim, no espaço-mescla forma-se a expressão "cirurgião é açougueiro". Trata-se de uma nova acepção, emergente, que corresponde a um mau cirurgião, desprovido dos atributos necessários para executar uma operação cirúrgica:

⁸⁰ Trecho de reportagem veiculado no site G1 em 19 de outubro de 2014, cujo título é "Médicos e policiais faturavam R\$ 2 milhões por mês com abortos".



Como vemos, as projeções que caracterizam o espaço da mescla são seletivas, ou seja, não abarcam todos os elementos dos inputs. Assim, dizemos que o espaço mesclado é o resultado da combinação entre os espaços primários (input 1 e input 2) – e não uma cópia deles. É desta mesclagem que resulta uma nova concepção, que não é uma soma das estruturas contidas nos inputs. Para Miranda (1999), a mesclagem é o processo responsável pela dimensão criativa de todas as formas de pensamento.

Transpondo esse aporte teórico para o foco do presente trabalho, temos que as metáforas, segundo Fauconnier & Turner (2003), caracterizam um subcaso da mesclagem. Para os autores, o centro da habilidade cognitiva humana da produção, transposição e processamento de significado é o mapeamento entre espaços mentais, que formam estruturas parciais e temporariamente representadas, criadas pelos sujeitos enquanto falam ou refletem.

As próximas subseções tratarão das análises das metáforas extraídas da coletânea de crônicas de Nelson Rodrigues, sob a perspectiva da teoria dos Espaços Mentais e da Mesclagem Conceptual.

6.4 Análises

6.4.1 *vira-latas*

"Com Pelé no time, e outros como ele, ninguém irá para a Suécia com a alma dos *vira-latas*⁸¹".

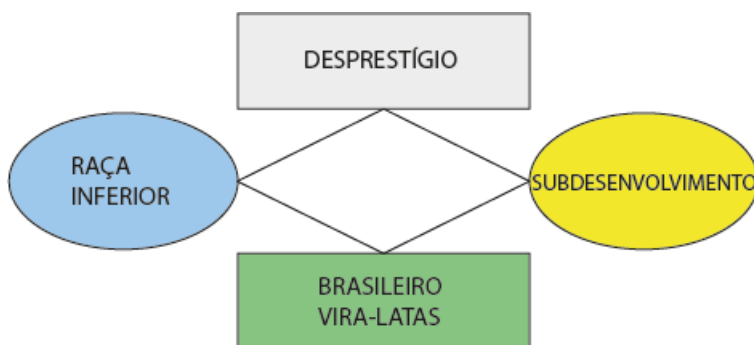
Conforme as teorias adotadas para a análise, neste exemplo metafórico – e em todas as demais ocorrências de *vira-latas* – são gerados mapeamentos de elementos entre dois domínios cognitivos distintos, relacionados a tudo aquilo que aprendemos, ao longo da nossa experiência de vida, sobre:

⁸¹ Trecho extraído da crônica *A realza de Pelé*, página 87.

- o conceito de raças inferiores de animais.
- o subdesenvolvimento do Brasil.

É possível determinar a seguinte relação analógica: a informação geral ligada aos elementos de ambos os espaços (input 1 e input 2) é encontrada no espaço genérico e de mescla. No caso, *vira-latas*, foi associado à ideia geral de "desprestígio" (que, como vemos, estaria ligado a dois aspectos, embasados em premissas que foram culturalmente produzidas no Brasil. O primeiro aspecto, mais concreto, refere-se à menor valorização, por parte de comerciantes e criadores, da raça "impura" de cachorros. O segundo aspecto, que integra o input 2, diz respeito ao baixo índice de desenvolvimento humano aferido historicamente no Brasil, que caracteriza a nação como subdesenvolvida. Sobre tais assertivas – podemos assim entender –, Nelson Rodrigues pressupunha serem dominadas pelo seu público, no momento da feitura da crônica. Caso contrário, a ideia projetada no espaço de mescla não faria sentido para o leitor.

Vira-latas é, assim sendo, o termo que congrega as informações de ambos os domínios acima mencionados e por isso preenche o espaço de mescla. O desprestígio é a ideia geral, contida no espaço genérico, que norteia os demais espaços. A visualização esquemática da relação exposta pode ser assim configurada:



6.4.2 (*baba*) *bovina*

"Pelo contrário: — do lábio pende-lhes a *baba* elástica e *bovina* da cobiça⁸²".

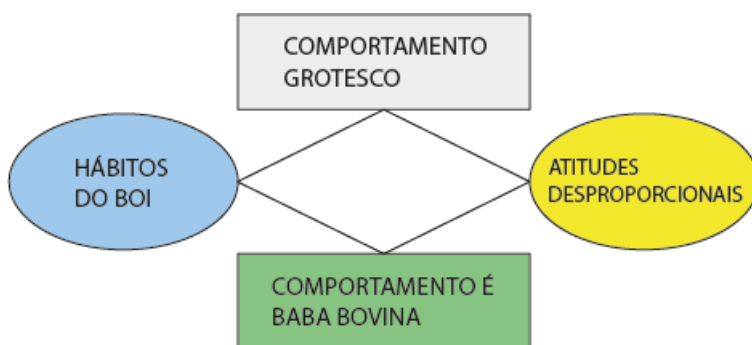
Nesse caso, são mapeados elementos dos seguintes domínios:

- os hábitos do boi, que são grotescos, se comparados com os dos homens.
- o exagero nas atitudes, posicionamentos e outros aspectos.

⁸² Trecho extraído da crônica *O escrete é nosso*, página 18.

Nos mesmos moldes da análise anterior, a imagem de *baba bovina* foi associada à ideia geral de "comportamento grotesco", que integra o espaço genérico nesse esquema. O cronista sugeriu, assim, a comparação entre o "gesto grotesco de babar" com a "atitude grotesca de ser ganancioso".

Seu objetivo foi acionar uma série de MCIs consolidados nas mentes dos leitores. Por um lado, a civilização evoluiu, ao longo dos séculos, no sentido de valorizar positivamente os comportamentos humanos mais delicados – pelo menos em relação aos dos outros animais. Logo, é de entendimento geral que uma atitude "bovina" seja considerada grotesca quando atribuída a um ser humano. Do mesmo modo, o despreendimento em relação às posses passou a ser uma virtude significativa para algumas sociedades – pode-se dizer isso a respeito da época em que circulou a crônica e ao público a que foi destinada, pelo menos. Assim, justifica-se a coerência da ideia de que um indivíduo exageradamente ganancioso seria um indivíduo "grotesco". Em suma:



6.4.3 *pileque cívico*

"Pois bem: — e em 58, ao conquistarmos o título, eis que houve, aqui, um hábito instantâneo à glória jamais imaginada. O nosso *pileque cívico* durou até o desembarque⁸³".

Os domínios cognitivos envolvidos neste caso são:

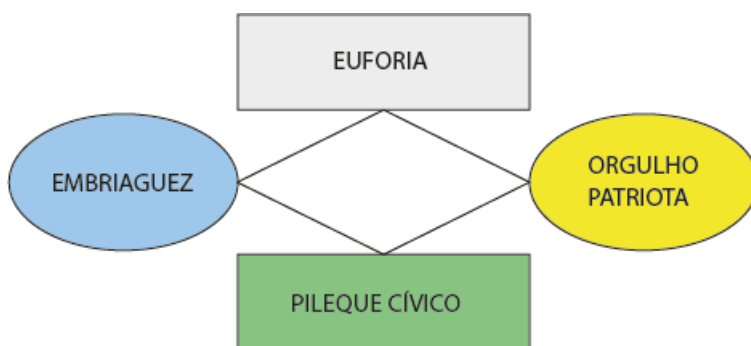
- o orgulho dos brasileiros diante do sucesso da Seleção.
- os sintomas de embriaguez alcoólica.

Pileque foi associado à ideia geral de "euforia", que, como vemos, pode emergir por causa do orgulho pela Seleção ou surgir como efeito da ingestão de bebida alcoólica. É razoável afirmar que todos os leitores (ou quase todos) da crônica já tivessem presenciado alguém em estado de embriaguez alcoólica, manifestando, entre

⁸³ Trecho extraído da crônica *Pelé, amigo de Miguel Ângelo, Homero e Dante*, página 36.

outros sintomas, aparente euforia descomunal. Experiências dessa ordem compunham o MCI intentado pelo cronista – ou seja, um conceito culturalmente consolidado, segundo o qual indivíduos embriagados se comportam euforicamente.

Seu propósito foi, então, associar aquela imagem mental com a do sentimento comum de alegria que se justificava, naquele momento do discurso, em virtude do primeiro título de campeão mundial da seleção de futebol – e configurou, por sua vez, um domínio local (espaço mental), como ilustrado abaixo:



6.4.4 enrolado na derrota

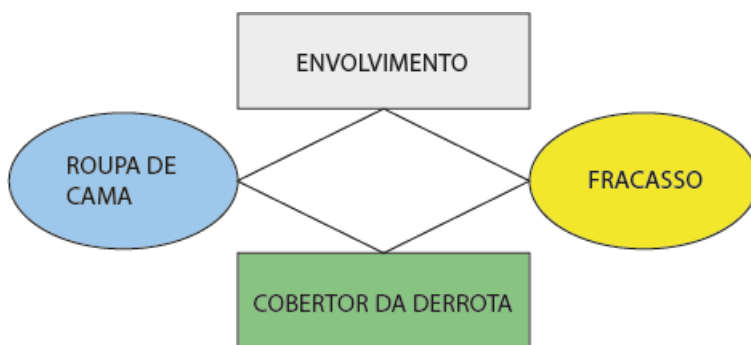
"Antes de 58, o Brasil não ganhava nem cuspe à distância. O sujeito dormia *enrolado* na derrota como num cobertor"⁸⁴.

Nesse caso, são mapeados elementos dos seguintes domínios:

- o da contumaz lida com o fracasso.
- o da prática de enovelar o corpo com um cobertor.

A ação de *enrolar* pode ser associada ao conceito genérico de "envolvimento" (envolve-se o corpo com um cobertor ou envolve-se, a pessoa, de maneira abstrata, em um contexto de fracasso). A expressão *enrolar no cobertor* se propõe a trazer à tona o MCI das alternativas para cobrir o corpo, remetendo à imagem – que todos os leitores têm formada na mente – de uma pessoa utilizando-se de agasalhos ou peças de enxoval. Por outro lado, o contexto também faz emergir a imagem mental de um indivíduo envolvido por um sentimento negativo por conta da derrota de sua seleção de futebol. Conforme o contexto, essa circunstância era, de forma banal, inerente ao cidadão brasileiro no momento do discurso, e por isso constituía um domínio local. A combinação entre esses domínios é ilustrada na figura abaixo:

⁸⁴ Também extraída da crônica *Futebol é Paixão* (p.132), publicada no jornal O Globo em 25 de maio de 1962.



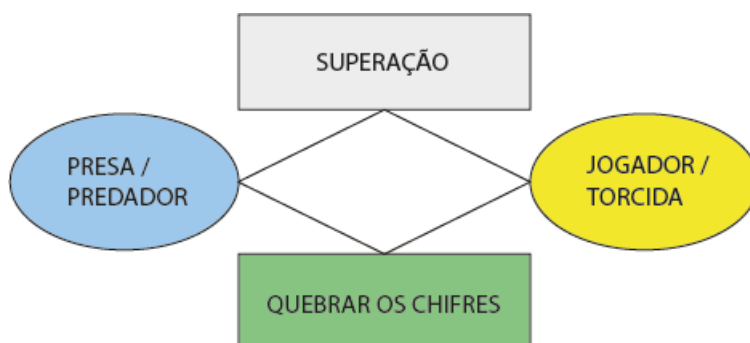
6.4.5 quebrar os chifres

"Aquela multidão se arremessara contra ele como um touro enfurecido. Pois bem: — ele agarra o touro à unha e lhe *quebra os chifres*⁸⁵".

A metáfora está ligada à ideia de "superação", que está contida no espaço genérico. Os inputs conjugados nesse caso são:

- a relação entre presa e predador.
- a relação entre jogador e torcida.

Na configuração do input 1, o cronista tentou despertar um MCI que integra o sistema cognitivo de todas as pessoas desde a infância, a respeito do contínuo esforço dos animais mais fracos para proteger a própria vida das investidas de seus predadores. Na outra ponta desse esquema, foi acionado um espaço mental emergente à época da Copa – ou mesmo nas décadas anteriores –, que tornava muitos dos leitores aptos a entender que os jogadores de futebol estariam sempre empenhados em se proteger dos torcedores. No caso, estaria em jogo a reputação ou a honra dos profissionais. Dessa forma, *quebrar os chifres* é a imagem projetada que abarca informações de ambos os domínios, como representado a seguir:



⁸⁵ Trecho extraído da crônica *A memória é uma vigarista*, página 77.

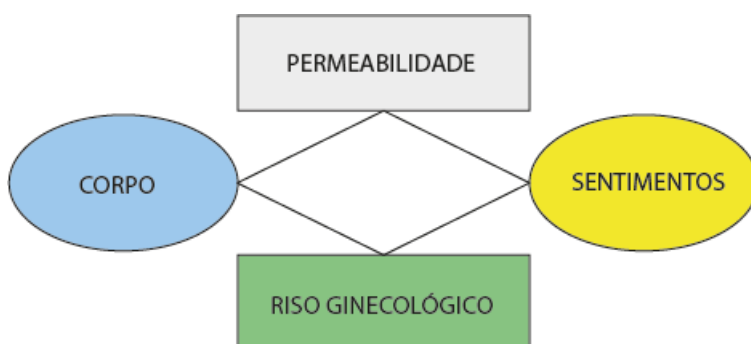
6.4.6 riso ginecológico

"Soa o riso da multidão — riso aberto, escancarado, quase *ginecológico*"⁸⁶.

Nos capítulos anteriores, foram levadas em conta duas hipóteses interpretativas para a metáfora com "ginecológico": uma ligada à ideia de "prazer" e outra funcionando como sinônimo de "aberto". Para as análises procedidas deste ponto em diante, optei por considerar somente a segunda hipótese, que parece ter sido a intentada, de fato, por Nelson Rodrigues. Assim, a metáfora em questão é o resultado da mesclagem entre dois domínios que encerram o conceito genérico de "permeabilidade". No input 1, foi acionado o MCI que inclui a noção biológica de "permeabilidade", por meio do destaque à anatomia da vagina. Como sabem a maioria dos leitores das crônicas de Nelson Rodrigues, a vagina é um órgão do corpo humano que possui aberturas e, por conta disso, a palavra foi escolhida pelo autor como referência semântica para algo permeável.

No input 2, a "permeabilidade" diz respeito à vazão irrestrita de emoções. O autor, seguramente, presumiu que seus leitores dominavam a metáfora que caracteriza um sorriso "aberto" como "autêntico", "natural", ou seja, desimpedido quanto à externalização de emoções – e, por isso, também permeável. Os domínios mapeados, em suma, foram:

- permeabilidade física (orifícios do corpo).
- permeabilidade emocional (autenticidade dos sentimentos).



6.4.7 passarinho

⁸⁶ Trecho extraído da crônica *O escrete de loucos*, página 42.

"O seu pecado mais horrendo, porém, foi a expulsão de Garrincha. Não há no Brasil, não há no mundo, ninguém tão terno, ninguém tão passarinho como o Mané⁸⁷".

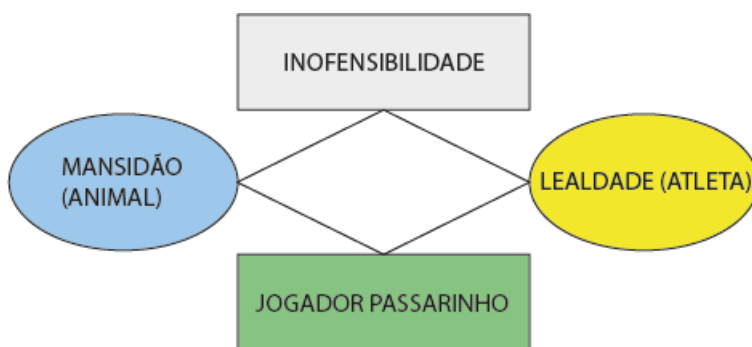
A metáfora *passarinho* reúne propriedades genéricas da "inofensibilidade", ideia desmembrada nos conceitos de "mansidão do animal" e "lealdade do esportista".

Uma das imagens mentais evocadas é a de um animal dócil, que não morde nem é agressivo. Esse MCI se configurou, pode-se assim presumir, ao longo das experiências de vida de todos os indivíduos, de modo que a maior parte das pessoas, inclusive as crianças, é capaz de identificar, intuitivamente, aqueles animais que não oferecem perigo.

Associado a esse MCI, o cronista pretendeu elucidar um espaço mental, por sua vez, menos estável, dominado pelo público que tem alguma familiaridade com as regras e especificidades do esporte. Trata-se do domínio local com base no qual os indivíduos sabem diferenciar os atletas disciplinados, que não cometem atos de violência, daqueles que têm conduta oposta.

Passarinho é, portanto, produto da mesclagem entre os seguintes inputs:

- mansidão do animal.
- lealdade do esportista.



6.4.8 esporas e penacho

"Amigos, glória eterna aos tricampeões mundiais. Graças a esse escrete, o brasileiro não tem mais vergonha de ser patriota. Somos noventa milhões de brasileiros, *de esporas e penacho*⁸⁸".

⁸⁷ Trecho extraído da crônica *Garrincha, passarinho apedrejado*, página 41.

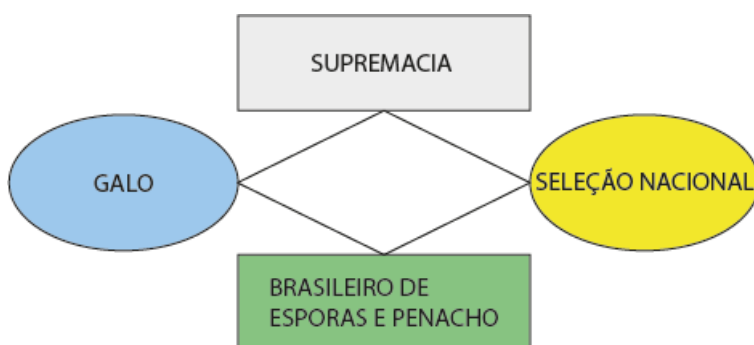
⁸⁸ Trecho extraído da crônica *Dragões de esporas e penacho*, página 115.

Em todas as ocorrências de *esporas e penacho* ao longo do minicorpus, a expressão faz emergir, no espaço genérico, a concepção de "supremacia", remetendo à imagem de um galo.

Dessa forma, o input 1 é constituído pelo MCI em que figura a supremacia de um galo no galinheiro. São consideradas, nesse domínio, premissas que justificariam a autoridade do galo, como: apenas um macho costuma viver em um galinheiro repleto de fêmeas; esse galo único protege o local de invasores; ele fecunda várias fêmeas; entre outras. É importante lembrar que o MCI em questão é também atrelado ao discurso machista, que muitas vezes transpõe os modos de vida do mundo animal para as relações humanas. Dessa forma, seria motivo de orgulho para um homem ter seu cotidiano comparado com o de um galo. A compreensão desse MCI, por sinal, é restrita à cognição daqueles indivíduos que, em algum momento da vida, tiveram entendimento sobre a dinâmica da criação de galinhas e galos. Podemos supor que, à época em que foi publicada a crônica, o Brasil era um país menos urbanizado e, portanto, era mais comum que as famílias tivessem um galinheiro em casa. O recurso não seria facilmente compreendido pelo leitor que, porventura, não tenha associada, em sua mente, a imagem de um galo com o sentimento de autoridade ou supremacia. Nesse caso, a estrutura cognitiva seria quebrada e a metáfora se tornaria incompatível.

Já o input 2 aciona o contexto da supremacia da seleção brasileira de futebol, que conquistava o tricampeonato mundial – o que, segundo o cronista, teria despertado orgulho extremo nos cidadãos brasileiros. Esse é, como podemos notar, o espaço mental emergente naquele contexto. Em suma, os domínios mesclados são:

- supremacia do galo no galinheiro.
- supremacia do Brasil no futebol mundial.

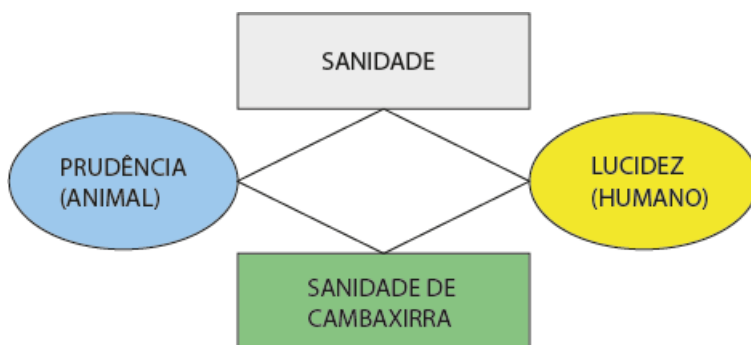


6.4.9 sanidade de cambaxirra

— “É maluco?” Nada de fazer-lhe esta injustiça. E, pelo contrário: tem uma *sanidade de cambaxirra*⁸⁹”.

Nesse exemplo, a ideia geral de "sanidade" ocupa o espaço genérico. A inspiração para o input 1 é a prudência da cambaxirra, que, como foi explicado em capítulos anteriores, seria uma ave criteriosa quanto aos seus hábitos alimentares. Essa informação deve estar contida em um dos domínios primários. Caso o leitor não tenha conhecimento da lenda que, como vimos, difunde a imagem da cambaxirra como um pássaro prudente, o circuito metafórico não fecha, porque inexistente um MCI que permita a associação da ave com o aspecto da "sanidade". Já no input 2, o autor da crônica objetivou suscitar o MCI da dicotomia existente entre os conceitos de "maluquice" e "sanidade", dominado pela maior parte dos usuários da língua. É de se supor que, ao longo da vida, a maioria das pessoas já tenha convivido com um sujeito sofredor de distúrbios mentais, sabe identificar alguém em surto de loucura ou conhece o funcionamento de um sanatório. A associação com a cambaxirra se processa com a imagem de um indivíduo lúcido – a quem seria uma injustiça chamar de louco, como se lê no fragmento da crônica. Assim, são mesclados os MCIs:

- prudência do animal.
- lucidez do humano.



6.4.10 selva de gângsteres

"(...) uma Copa do Mundo é uma *selva de gângsteres*. (...) Tudo é possível na Jules Rimet, menos uma boa ação⁹⁰”.

Aqui, é o conceito de "hostilidade" que ocupa o espaço genérico no processo de mesclagem. O MCI da violência instintiva dos animais certamente prevalece na

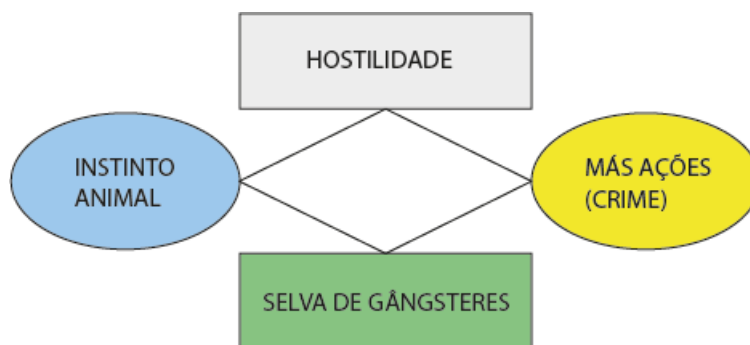
⁸⁹ Trecho extraído da crônica *Narciso às avessas*, página 33.

⁹⁰ Trecho extraído da crônica *João sem medo*, página 117.

cognição de todos os leitores, sabedores de que os animais brigam entre si na disputa por território, por alimento, por acasalamento, para proteger os filhotes etc. Esse domínio estável se combina com o espaço mental das más ações (como se lê no fragmento, "tudo era possível na disputa, menos uma boa ação"), que pode ser considerado instável na medida em que sua configuração na mente de cada leitor depende das concepções individuais que o levam a julgar determinadas ações como "más". A possibilidade de assimilação e julgamento das referidas "más ações" depende também da familiaridade do leitor com a dinâmica de uma Copa do Mundo. No contexto da crônica de Nelson Rodrigues, as "más ações" praticadas pelos envolvidos em um Copa do Mundo têm provável relação com as investidas para se pressionar a arbitragem, a tendência de se favorecer a seleção anfitriã ou a tentativa de se impor um jogo violento, por exemplo. Pode-se afirmar que tais hipóteses são previsíveis somente para o público especializado do futebol.

Foi desse espaço mental das "más ações", do qual que deriva o conceito de "crime", que o cronista extraiu o termo "gângsteres", empregado na metáfora. Em suma, os domínios mapeados foram:

- violência animal.
- más ações (crime).



6.4.11 pires de leite

"Vejam vocês e pasmem: — Pelé tratado, na Inglaterra, a *pires de leite* como uma gata de luxo⁹¹".

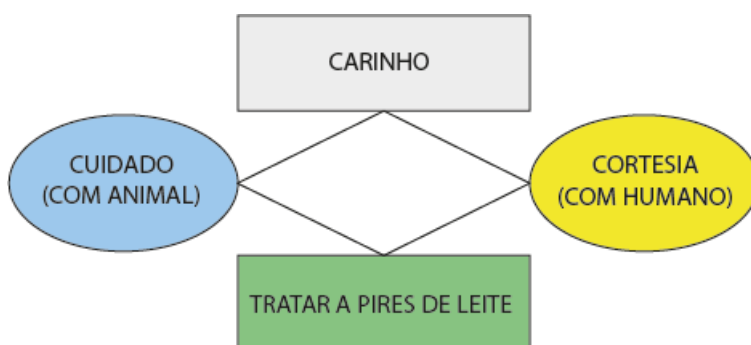
A ideia geral de "carinho" é a que norteia o processo de mesclagem que resulta na metáfora *pires de leite*. Ocupa o input 1 o MCI composto pelo conhecimento que se tem sobre o cuidado dispensado por criadores a seus animais de estimação. O cronista, nessa

⁹¹ Trecho extraído da crônica *A força da burrice*, página 131.

formulação, teria assumido que o leitor, ao longo de sua experiência de vida, tenha testemunhado a cena em que o dono de um gato fornece ao animal um pires com leite. Essa imagem mental foi, então, a pretendida pelo cronista para trazer à tona o conceito de "cuidado", que pode ser desdobrado em "carinho" e manifestado por meio do ato de alimentar.

No input 2, observamos o domínio local a que recorreu o autor, formado pela imagem mental da cortesia que pode ser praticada entre comunidades humanas. Conforme o contexto, especulava-se se Pelé estaria sendo tratado com cortesia por seus adversários, ou pelos organizadores da competição, ou pelos cidadãos ingleses no país que sediou a Copa de 1966. Trata-se, portanto, de um espaço mental instável, criado durante o discurso. O esquema fica assim configurado, com mapeamento dos domínios abaixo:

- cuidado com animal de estimação.
- cortesia com ser humano.



6.4.12 *paralelepípedos*

"Na ignominiosa Copa, até os *paralelepípedos* de Boca do Mato sabiam que o Brasil precisava de um time⁹²".

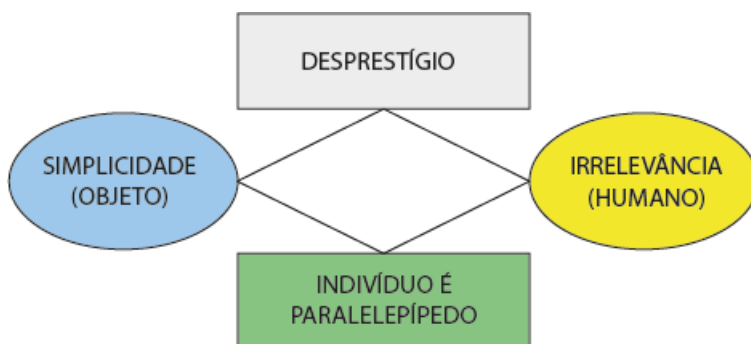
Como discutido em capítulos anteriores, pode-se interpretar que o uso de *paralelepípedo* tem o propósito de remeter ao conceito genérico de "desprestígio". Essa noção é, no caso, desmembrada em duas frentes: a da "simplicidade", uma vez que o *paralelepípedo* é um objeto nada complexo, tanto em sua forma quanto à sua funcionalidade, e a da "irrelevância", já que o termo *paralelepípedo* é usado para caracterizar, de modo despersonalizado, indivíduos sem conhecimento ou influência na sociedade.

⁹² Trecho extraído da crônica *A força da burrice*, página 131.

O autor, dessa maneira, elucidou o MCI conforme o qual os indivíduos entendem que um paralelepípedo é uma peça simples, que não funciona movido por algum tipo de energia nem sofre mutações no decorrer de sua existência. Como todos sabem, uma vez fixado em determinado local, o paralelepípedo ali permanece por tempo indeterminado, pouco influenciando o andamento do mundo que o cerca.

A associação é feita também levando em conta o MCI constituído pela imagem de um sujeito irrelevante, ignorante, que, da mesma forma, é desprestigiado porque tem pouco conhecimento e é passivo na sociedade. Vejamos o esquema de representação dessa mesclagem, considerando em evidência os seguintes domínios:

- simplicidade do objeto.
- irrelevância do ser humano.



PARTE IV - LEGADO E CARACTERIZAÇÃO DA OBRA DE NELSON RODRIGUES PELAS METÁFORAS NOVAS

Capítulo 7 - Emprego das metáforas novas de Nelson Rodrigues em outros discursos

A fim de demonstrar que as metáforas criadas pelo cronista, décadas atrás, são ainda hoje empregadas, busquei em páginas da internet, usando o site de pesquisas Google, ocorrências dos exemplos trabalhados nesse trabalho.

7.1 Exemplos

Há ocorrências recentes de todas as metáforas atestadas na pesquisa como novas de autoria de Nelson Rodrigues. Em quatro dos 12 dos casos de expressões destrinchadas, os exemplos estão situados em textos ligados ao esporte, crônicas ou resenhas esportivas. Essa informação sinaliza que a reincidência das expressões fora inspirada na contribuição de Nelson Rodrigues para esse gênero, ao mesmo tempo em que evidencia a significância da crônica esportiva no legado do autor.

7.1.1 *vira-latas*

Em uma reportagem publicada no dia 19 de agosto de 2016, foi resgatada a expressão "complexo de vira-latas". A frase, rastreada no site esportes.terra.com.br, na seção especial "Olimpíadas 2016", diz o seguinte: "A saga do nadador americano Ryan Lochte mexeu com o *complexo de vira-lata* do brasileiro e isso explica a obsessão com que foi acompanhado até o seu desfecho".

A reportagem se refere ao caso do nadador norte-americano que, em uma noite durante sua estadia no Brasil, cometeu atos de vandalismo e comunicou falsamente à polícia um assalto de que teria sido vítima. O texto, veiculado originalmente na revista americana *New Yorker* e repercutido no portal Terra, explica por que, em meio a tantas críticas à cidade sede dos Jogos Olímpicos, o episódio teve tanta atenção do público brasileiro.

Segundo o autor do artigo, o fato está relacionado à peculiaridade cultural do indivíduo brasileiro de se preocupar demais com o que os estrangeiros pensam dele. O texto, que reúne exemplos da relação conflitante dos brasileiros com sua autoestima,

recorre à metáfora mais famosa de Nelson Rodrigues – "complexo de vira-latas" para designar esse drama psicológico.

7.1.2 *baba bovina*

Em uma crônica esportiva publicada em 14 de janeiro de 2003, encontrei replicada a expressão "baba bovina", de autoria de Nelson Rodrigues e também muito recorrente em sua obra. O texto do portal folha.uol.com.br trazia a seguinte frase: "O repórter provocador, o que estimulava a *baba bovina* da vingança, saiu correndo para batucar a reportagem no computador".

A crônica narra o episódio em que um repórter de jornal impresso entrevistava o ex-treinador da seleção brasileira, Carlos Alberto Parreira, após a conquista do tetracampeonato mundial, em 1994. No caso em questão, o jornalista fazia perguntas ao treinador trazendo à tona a multiplicidade de críticas que Parreira havia recebido durante a campanha do time. Almejava assim, o repórter, obter uma declaração aguda, produto da emoção provocada no entrevistado, que gerasse alguma polêmica e, conseqüentemente, uma manchete atrativa para seu periódico.

Parreira, no entanto, manteve-se sereno, e proferiu somente respostas curtas e objetivas. Ao ser indagado se era um sujeito de sorte, por ter vencido a partida final na disputa de pênaltis, o então treinador do Brasil respondeu com essas palavras: "É o meu jeito". Segundo o autor Mário Magalhães, teria o repórter (influenciado pela "baba bovina" da vingança) dado o troco no resistente Carlos Alberto Parreira, elaborando a seguinte manchete: "Parreira cita Sinatra no tetra" – aludindo, pois, ao famoso verso "It's my way" do cantor norte-americano.

7.1.3 *pileque cívico*

Em 16 de maio de 2015, uma crônica cujo título é "Tolerância" circulou no blog do jornalista Ricardo Noblat, hospedado em oglobo.globo.com. Do texto, assinado pelo economista Fábio Giambiagi, extraí a seguinte passagem: "Vivemos em um país que tem um déficit público de 7% do PIB, um enorme desafio previdenciário pela frente e cujo Congresso acaba de aprovar uma medida que fará o peso das aposentadorias ser cada vez maior. Trata-se de um *pileque cívico*". A crônica repercute a aprovação da emenda sobre o fator previdenciário, em 2015, que aumentava a despesa com INSS no Brasil.

Com sentido semelhante àquele presumivelmente inaugurado por Nelson Rodrigues – remetendo ao "exagero" ou à "irracionalidade", a metáfora "pileque cívico" foi reproduzida no texto de Giambiagi. Em tom de crítica, o economista usou a expressão para designar o contexto de incongruência em que o Congresso aprovava a emenda. Conforme a projeção do cronista, a população de brasileiros idosos cresceria, nos 20 anos seguintes, cerca de 3,5% ao ano, enquanto o número de cidadãos capazes de trabalhar aumentaria apenas 0,3% no período. Por isso, Giambiagi chamou de "irresponsável" a decisão que comprometia a receita do país.

7.1.4 enrolado (na depressão)

Disponível para domínio público no site da Biblioteca Nacional, o número 263 do Jornal do Brasil, que circulou no dia 28 de dezembro de 1986, trouxe uma compilação dos principais acontecimentos do ano que se encerrava. O texto da página de Comportamento continha o seguinte trecho, em que destaquei a expressão "enrolada na depressão": "86 foram muitos. Teve um momento espetacularmente clean, quando se limpavam os supermercados dos excessos da remarcação diária dos preços. Mas acabou dark, *enrolado na depressão* mais escura da Aids e da falta de esperança".

Nesse caso, o envolvimento de uma entidade em um contexto abstrato de depressão ganhou concretude com o emprego do adjetivo "enrolada", usado metaforicamente. A situação linguística é idêntica à observada na crônica de Nelson Rodrigues, conforme a qual – retomo –, "o brasileiro dormia enrolado na derrota como num cobertor".

7.1.5 quebrar os chifres

O livro eletrônico Nova Bíblia Viva, publicado em 2012 pela Editora Mundo Cristão, é uma espécie de atualização dos textos sagrados para o Português que se fala hoje em dia. O trecho a seguir está contido no capítulo 1 do livro de Zacarias: "Eles vieram atacar as quatro nações que espalharam o povo judeu pelo mundo, a ponto de ninguém conseguir levantar a cabeça. Mas os ferreiros vão aterrorizar e *quebrar os chifres* das nações que se levantaram contra as terras de Judá e espalharam o seu povo".

Ao que parece, o texto acima é um exemplo de incorporação recente da metáfora nova de Nelson Rodrigues "quebrar os chifres". Conforme o contexto em questão, "chifres" denota qualquer instrumento de que lançaram mão os guerreiros que atacaram as nações judias durante o episódio narrado pelo profeta Isaías, um dos autores do

Velho Testamento. "Quebrar os chifres", assim como na crônica rodrigueana, significa superar esses obstáculos. A metáfora que ocorreu no trecho da bíblia editada em 2012 parece não ter constado em traduções mais antigas⁹³.

7.1.6 riso ginecológico

A metáfora "sorriso ginecológico" foi localizada em uma publicação de 2008, da Editora Objetiva. Trata-se do livro Pornopopéia, de Reinaldo Morais. O trecho sublinhado é o seguinte: "‘Cê é dez, Rejane. E a gente mal se conhece’. A taverneira nem tentou disfarçar a satisfação ao ouvir isso. Abriu um *sorriso ginecológico* que lhe ocupou a cara toda. ‘Magina. Vou pedir pro Leno ajudar a descer suas coisas’."

Sem dúvida, o termo "ginecológico", empregado metaforicamente nessa passagem, denota "aberto". A informação "que lhe ocupou a cara toda" deixa claro que o "sorriso" em questão era caracterizado pelo total arqueamento dos lábios. O sentido pretendido por Reinaldo Morais, como se vê, foi o mesmo do intentado na crônica de Nelson Rodrigues, e pode ter sido nela inspirado.

7.1.7 passarinho

No site uol.com.br, que hospeda o blog Pensador, foi encontrado um poema assinado pelo pseudônimo Cinzentos, com ocorrência da metáfora "passarinho" em publicação de 6 de julho de 2014: "É tão triste que podia ser um elogio. Você é tão poético quanto um passarinho morto. Você é tão bonito quanto um passarinho morto. Você é tão *passarinho* quanto um morto".

Como se depreende do contexto, "passarinho" é empregado como um adjetivo que significa "inofensivo" no poema em questão, assim como nas crônicas rodrigueanas.

7.1.8 penacho e esporas

A crônica "O brasileiro tem a funda nostalgia do caos", do cineasta e jornalista Arnaldo Jabor, que figurou na edição eletrônica do jornal Folha de São Paulo de 1º de julho de 1997, tem como tema as mazelas sofridas pela sociedade brasileira. No texto,

⁹³É o caso da bíblia João Ferreira D'Almeida, uma das primeiras da língua portuguesa, traduzida por aquele padre e publicada pela Sociedade Americana da Bíblia em 1950, da qual transcrevo a passagem correspondente: "E Jehovah me mostrou quatro ferreiros. Então eu disse, que vem estes a fazer, e ellefallou, dizendo, estes são os cornos, que espargirão a Jerusalem, assim que ninguém levantava sua cabeça: estes pois vierão a assombrálos, a derribar os cornos das gentes, que alçarão o corno contra a terra de Judá, para espargila".

Jabor resgatou muitas das mais criativas expressões de Nelson Rodrigues. A analogia com a obra rodrigueana se justifica, como se pode deduzir pelo contexto, porque Nelson Rodrigues é uma das personalidades historicamente mais identificadas com o sentimento de patriotismo.

Na passagem transcrita a seguir, a metáfora "penacho e esporas" é replicada: "Só que o horror é tanto que ninguém no Brasil liga mais para o que se faz. Se o sujeito resolver andar de quatro montado por um Dragão da Independência, de *penacho e esporas*, ninguém se espanta mais. O FHC, por exemplo, ele pensa que é o Barão do Rio Branco. Só que o povo não sabe nada".

7.1.9 cambaxirra

No site Observatório da Imprensa localizei a metáfora com "cambaxirra" no artigo "Longa vida para Carlos Lemos", assinado por Alberto Dines e publicado no dia 2 de setembro de 2014: "Convidei Wilson Figueiredo, o Figueró, para secretário da Redação (hoje na casa dos 90, recém-casado, lépido, fagueiro, uma *cambaxirra* serenada) e o Lemos para assumir a chefia da reportagem". Nesse artigo, o jornalista Alberto Dines presta uma homenagem a seu colega Carlos Lemos. A pessoa de Wilson Figueiredo aparece somente na breve passagem acima transcrita, em que é qualificado como jovial (lépido), agradável (fagueiro) e "cambaxirra" sossegada (serenada).

É possível que o uso metafórico de "cambaxirra" de que lançou mão o autor da crônica de 2014 tenha sido inspirado na obra de Nelson Rodrigues, que morreu em 1980 e costumava empregar a metáfora com "cambaxirra" em seus textos. O trecho a seguir, de sua autoria, foi reproduzido por Ruy Castro na biografia "O Anjo pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues", publicada em 1992: "A revolução tem de tudo: sujeitos bestiais que saem por aí bebendo sangue, chupando carótidas, decapitando marias antonietas. Mas há também o que eu chamaria os colibris, as *cambaxirras*. O Vianninha é justamente a *cambaxirra* da revolução".

Portanto, ainda que não tenha sido localizada outra ocorrência de "sanidade de cambaxirra", que foi a expressão analisada ao longo dessa pesquisa, é possível assumir que o uso metafórico diverso da palavra "cambaxirra", inaugurado por Nelson Rodrigues, serve de inspiração para outros escritores ainda nos dias atuais.

7.1.10 selva de gângsteres

A metáfora "selva de gângsteres" figura em duas crônicas esportivas sobre jogos do Fluminense, do Rio de Janeiro. Esse, por sinal, é o clube pelo qual torcia Nelson Rodrigues, o que sugere que a metáfora tenha sido resgatada deliberadamente, em alusão e homenagem à obra de Rodrigues.

Está transcrito a seguir o trecho da resenha "Olímpia 2 x 1 Tricolor", publicada no site www.flunews.com.br em 30 de maio de 2013. Veremos que o fragmento explicita o significado da metáfora que, na crônica rodrigueana, tem relação com o conceito de "más intenções": "E o que é a Copa Libertadores da América? Amigos, é uma autêntica *selva de gângsteres*. Há as cínicas e nojentas arbitragens anti-brasileiras, há as torcidas que atiram pedras nos times visitantes, há os times que jogam contra as regras, há as equipes que usam a altitude como arma, há o regulamento estúpido que pune os melhores times."

Outra ocorrência de "selva de gângsteres" está presente na seguinte passagem, reproduzida do blog Jornalheiros. A crônica "Recordar é viver – Ron, o herói do Colo-Colo", publicada em 9 de janeiro de 2010, é mais um exemplo de repercussão recente da criatividade de Nelson Rodrigues: "Ali, os ânimos começaram a se exaltar. Morón manteve a calma, e conseguiu deter seu companheiro Lizardo Garrido, que queria agredir Latorre. A batalha começava a ganhar o contorno da *selva de gângsteres* que costumam ser os jogos decisivos da Libertadores".

7.1.11 pires de leite

Novamente, a obra de Nelson Rodrigues é aludida de forma explícita, com o emprego da metáfora "pires de leite" na crônica "Lepo-lepo carioca", que integrou a coluna de Joaquim Ferreira dos Santos da versão eletrônica do jornal O Globo. No seu texto, veiculado em 10 de março de 2014, o autor teceu uma crítica ao carnaval de rua do Rio de Janeiro, especialmente no tocante aos ritmos que são atualmente os mais populares: "É preciso dar um lepo-lepo musical nos blocos cariocas antes que eles se confirmem como uma imensa rave de fantasiados, todos tristemente agarrados em suas latinhas de cerveja. Eu acho que já puxei esse bloco outrora, mas aprendi com Nelson Rodrigues a *tratar a pires de leite* a sede das minhas obsessões".

7.1.12 paralelepípedo

Na crônica sobre futebol "O Zé da galera tinha razão", publicada em 29 de setembro de 2015 no site do Jornal Zero Hora, o jornalista Diogo Olivier replicou a

metáfora "paralelepípedo", com sentido idêntico ao cunhado por Nelson Rodrigues: "Edílson terá de se explicar até o fim de seus dias como levou aquele drible da vaca clássico de um zagueiro que não tem na graça e leveza as suas principais virtudes. Argel exagerou comparando-o a Garrincha, mas até um *paralelepípedo* lento entendeu que se tratava de uma brincadeira”.

Assim, ao afirmar que até um "paralelepípedo" entenderia a brincadeira, Diogo Olivier, provavelmente inspirado em Nelson Rodrigues, teria dito que qualquer indivíduo também seria capaz de entender.

7.2 Reflexões sobre como as metáforas novas caracterizam a obra de Nelson Rodrigues

Nelson Rodrigues parece recorrer, sempre que possível, à linguagem metafórica nas argumentações utilizadas para a consecução de seus textos. Suas criativas crônicas constituem, assim, a própria evidência de que a linguagem do dia a dia tem caráter metafórico. Extrapolando a mera tradução de comportamentos e conceitos diversos que compunham a cultura brasileira no momento de sua obra, pode-se dizer que o discurso de Nelson Rodrigues foi capaz de introduzir mudanças no linguajar nacional. Assim, o cronista fez emergir novas realidades na medida em que suas metáforas fizeram com que conceitos antigos fossem substituídos por novos, e conceitos até então ocultos fossem nomeados e trazidos à tona. Pode-se afirmar, por exemplo, que inexistia, em relação a *complexo de vira-latas*, maneira mais precisa de ilustrar o sentimento de inferioridade que era (ou ainda é) inerente ao povo brasileiro – o qual costumava dormir *enrolado no cobertor da derrota*. E que provavelmente não tenha havido, em época anterior, um esforço de designar esse drama do cidadão nacional, de modo que tanto o significante quanto o significado sejam produto da metáfora rodrigueana. Por isso, a análise da obra de Nelson Rodrigues reafirma, em especial no tocante às suas figurações – mais especificamente, suas metáforas novas –, que a língua é capaz de estruturar os sistemas conceituais nas culturas e nas atividades cotidianas de seus usuários.

Ao longo dessa pesquisa, vimos que a criação de metáforas é motivada por fatores contextuais – responsáveis, segundo Kövecses (2007), pela escolha e aplicação de certas metáforas conceituais e suas manifestações linguísticas. E também que as expressões metafóricas novas são licenciadas por metáforas conceituais subjacentes. Entre as 12 metáforas novas de Nelson Rodrigues analisadas nesse trabalho, 8 são

inspiradas em animais, ou ancoradas na metáfora PESSOAS SÃO ANIMAIS: *vira-latas*; *baba bovina*; *quebrar os chifres*; *passarinho*; *esporas e penacho*; *cambaxirra*; *selva de gângsteres*; e *pires de leite*. Essas metáforas novas usam partes não convencionais da metáfora conceptual de origem, que também são mapeadas e aceitas pelos falantes. Pode-se entender que a recorrência de Nelson Rodrigues a aspectos típicos do cotidiano animal e da criação de animais se justifica porque o autor e a maioria de seus leitores, seguramente, vivenciava (ou já havia vivenciado) o cotidiano da lida na roça, do qual fazem parte o convívio com cachorros, bois, pássaros, galinhas etc. Na década de 1950, quando começaram a ser publicados os seus textos sobre futebol, o Brasil era um país de população predominantemente rural (64%, segundo o IBGE). Os leitores que viviam naquela época nasceram e cresceram em um território onde praticamente não havia cidades urbanizadas (inclusive o próprio Nelson Rodrigues, que nasceu em 1912, no Recife). Esse contexto rural certamente compunha a memória geral mais significativa na sociedade brasileira, e por isso, tendia a ser codificado na língua do país.

Tais conclusões estão alinhadas com as observações de Lakoff e Johnson (1980), segundo as quais as metáforas estão relacionadas ao domínio-fonte das experiências do passado, e as metáforas novas nascem de uma reverberação por meio da rede de acarretamentos que conecta nossas referências sobre determinado tema. O recurso a *paralelepípedo* na formação de uma metáfora nova, por exemplo, denuncia um passado em que as pessoas transitavam por ruas que ainda não tinham asfalto.

Das composições destrinchadas no trabalho, apenas uma – *riso ginecológico* – diz respeito a uma metáfora corporificada, classificação que, de acordo com Kövecses (2005), é universal e primária. No entanto, sua interpretação não se dá com base na mera experiência corporal: como foi evidenciado em capítulos anteriores, a expressão está ancorada na metáfora EXPLÍCITO É ABERTO. A criatividade metafórica para o advento de *riso ginecológico*, da mesma forma que as demais metáforas novas estudadas, foi fundamentada no ambiente físico e social, além do contexto cultural em que se encontrava o autor Nelson Rodrigues, que também levou em conta o contexto linguístico que o tornava inteligível para seus interlocutores.

Estudiosos do tema afirmam que os usuários de metáforas são influenciados pelo ambiente imediato, incluindo conversas e eventos sociais em que se desenrola o discurso. A metáfora nova *pileque cívico*, por exemplo, está ancorada em um contexto em que é corriqueira a embriaguez decorrente do consumo de álcool. Lembremos que

Nelson Rodrigues convivia com grupos de jornalistas, em um ambiente considerado boêmio, no Rio de Janeiro, em meados do século passado. Certamente, esse ambiente social e esse significado especial foram ativados, fazendo com que a projeção metafórica se moldasse à situação social, sendo apropriada pelo cronista e pelos seus leitores. Tal premissa vai ao encontro das pesquisas de Kövecses (2010), que afirmou que os falantes elaboram metáforas novas buscando ser coerentes com os fatores que conceptualizam o mundo ao seu redor.

Mais do que brincar com as palavras e arquitetar estruturas poéticas, Nelson Rodrigues, por meio de suas metáforas, compostas invariavelmente por palavras pouco prototípicas, dá vazão ao surgimento de inusitadas imagens mentais no sistema cognitivo de seus leitores. Obscuras o bastante para ensejar uma inteligente varredura nos espaços mentais da nossa cognição, mas dotadas de clareza suficiente para alcançar todo o universo de aficionados pelo futebol e, ainda, perdurar ao longo das décadas, sem perder a atualidade, as metáforas novas de Nelson Rodrigues revelam, por fim, uma excepcional percepção do cotidiano, e marcam sua obra por sugerir ao seu leitor uma maneira criativa de enxergar o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho consistiu no esforço de identificar as metáforas novas de Nelson Rodrigues presentes no minicorpus de estudo, além do mapeamento e análise daquelas expressões, e ainda a verificação sobre a prevalência das metáforas novas do cronista em textos mais recentes. A extração das palavras empregadas metaforicamente, feita de forma manual, foi focada naquelas cujo uso pareceu ser inovador e supostamente inaugurado por Nelson Rodrigues. Com base na busca de ocorrências das expressões no Corpus do Português, eliminei do escopo da pesquisa aquelas das quais havia registros anteriores à obra de Nelson Rodrigues. As demais foram mapeadas segundo as metáforas conceptuais que as licenciam e analisadas de acordo com o modelo de Protótipos e a teoria dos Espaços Mentais e da Mesclagem.

Entre as conclusões a que cheguei, a que primeiramente saltou aos olhos foi a de que o cronista se apegou muito efetivamente a aspectos do reino animal e da criação de animais domésticos como inspiração para elaboração de suas metáforas. Isso provavelmente se justifica, conforme foi apresentado em capítulos anteriores, pelo contexto rural que prevalecia na maior parcela do Brasil à época em que nasceu o autor (1912) e também quando começaram a ser veiculadas suas crônicas de futebol (anos 1950).

Como demonstrado no início dessa pesquisa, Nelson Rodrigues teve como hábito utilizar-se de metáforas com muito mais frequência do que outros autores do gênero o fizeram. Observei, contudo, que a maior parte das metáforas por ele empregadas são convencionais. E embora ele tenha, de fato, criado muitas das expressões que sobrevivem ainda nos dias de hoje, há em sua obra metáforas de caráter inovador que aparentam ser de sua autoria, mas que já haviam circulado antes da obra do cronista.

Também emergiram as percepções de que Nelson Rodrigues escolheu palavras periféricas em uma escala de protótipos para a formulação de suas metáforas, e que os espaços mentais acionados em suas construções são pouco usuais. Pode-se dizer que a geração de efeitos de ruptura por tais fatores é um dos principais traços da obra do cronista, o que comprovou a hipótese inicial da pesquisa.

Os resultados do estudo podem ser úteis como instrumento para os apreciadores da escrita criativa, praticada profissionalmente ou não, além de subsidiar estudos sobre

o processo de criação de metáforas e ilustrar a utilidade das metodologias da Linguística de Corpus (LC) para os mais diversos fins analíticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, B. L. Cognitive research in information science: implications for design. **Annual Review of Information Science and technology**, v. 26, p.3- 37, 1991.

AZEVEDO, Adriana Maria Tenuta. **Estrutura narrativa e espaços mentais**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

CAMERON, L. e DEIGNAN, A. The emergence of metaphor in discourse. **Applied Linguistic**, n. 27 (4), p. 671 – 690, 2006.

CHIAVEGATTO, Valeria. Um texto: uma rede de espaços mentais. In: Andre Valente (Org) **Língua, Linguística e Literatura: uma integração para o ensino**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

_____. **Introdução à linguística cognitiva**. Matraga, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga24/arqs/matraga24a03.pdf>>. Acesso em 26 dez. 2016.

COLLINS, A. M.; QUILLIAN, M. R. Retrieval time from semantic memory. **Journal of Verbal Learning and Verbal Behaviour**, v. 8, p. 240-247, 1969.

COSCARELLI, Carla Viana. Entrevista: Uma conversa com Gilles Fauconnier. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v.5. n.2. 2005. p. 291-303. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/carlacoscarelli/publicacoes/entrevista%20Faucon.pdf>. Acesso em 26 dez. 2016.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1986.

DUQUE, Paulo H., COSTA, Marcos A. **Linguística Cognitiva; em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências**. No prelo.

ESPÍNDOLA, Lucienne C. Futebol é Guerra: A metáfora conceptual do futebol, Revista de Letras, v.1. n.32. 2013. p. 1-43. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/index.php/revletras/article/view/1445/1344>. Acessado em: 13set. 2016.

EYSENK, M. W; KEANE, M. T. **Cognitive psychology: a student's handbook**. London: Laurence Erlbaum Associates, 1990.

FAUCONNIER, Gilles. **Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____. **Mappings in Thought and Language**. Cambridge University Press, 1997.

_____. Rethinking Metaphor. In: Gibbs, Raymond W. Jr. (ed.). **The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 53-66.

_____; SWEETSER, Eve. **Spaces, Worlds, and Grammar**. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

_____; TURNER, Mark. **The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities**. New York: Basic Books, 2002.

FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. A teoria dos modelos idealizados de George Lakoff: um projeto experiencialista para a semântica do conceito. 1992. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

_____. **Semântica Cognitiva: ilhas, pontes e teias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

GIBBS, Jr. Raymond W. **The poetics of mind: figurative thought, language and understanding.** New York: Cambridge University Press, 1994.

_____; STEEN, G. **Metaphor in cognitive linguistics.** Amsterdam: John Benjamins, 1999.

GRADY, Joseph E.; OAKLEY, Todd; SOULSON, Seana. Blending and Metaphor. In: Steen, Gerard & Gibbs, Raymond W. Jr. (ed.): **Metaphor in cognitive linguistics.** Philadelphia: John Benjamins, 1999. p. 101-124.

HASAN, R. Society, language and the mind: the meta-dialogism of Basil Bernstein's theory. In: CHRISTIE, F. (org), **Pedagogy and the shaping of consciousness: linguistic and social processes.** London: Continuum, 1999. p. 10-30.

HULL, C. L. Quantitative aspects of the evolution of concepts. **Psychological Monographs**, v. 38, n.123, 1920, p.1-86.

HUNSTON, S. **Corpora in applied linguistics.** Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

KLEIBER, G. **La sémantique du prototype: catégories et sens lexical.** Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

KÖVECSES, Zoltan. **A new look at metaphorical creativity in cognitive linguistics.** Berlin: Mouton de Gruyter, 2010.

_____. **Metaphor: a practical introduction.** New York: Oxford University press, 2002.

_____. **Metaphor in Culture: universality and variation.** Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

_____. Variation in Metaphor. **Revista Ilha do Desterro.** Florianópolis, n 53, 2007, p. 13-39.

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, A. **Metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

_____. Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987. 614p

_____; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: Chicago University Press, 1980.

_____; TURNER, M. **More than cool reason: A field guide to poetic metaphor**. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

LIMA, Gercina Ângela Borém. Categorização como um processo cognitivo. **Ciências & Cognição**, v. 11, 2007.

LIMA, Paula Lenz Costa. Desejar é ter fome: novas idéias sobre antigas metáforas conceituais. 1999. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MERVIS, C. B.; CATLIN, J.; ROSCH, E. Relationship among goodness of example, category norms, and word frequency. **Bulletin of the Psychonomic Society**, v. 7, n. 3, 1976, p. 283-284.

MIRANDA, N. S. Domínios conceituais e projeções entre domínios: uma introdução ao modelos dos espaços mentais. **Veredas: revista de estudos linguísticos**. v. 3, n.1, p.81-95, Juiz de Fora, Editora da UFJF, jan/jun 1999.

MOREIRA, M. A. **A teoria de educação de Novak e o modelo de ensino-aprendizagem de Gowin**. Porto Alegre, RG: IFUFRGS, 1993.

NEVES, Maralice de Souza. Metáforas que nos fazem rir. In: PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e (org.). **Metáforas do Cotidiano**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

PEREIRA, Deize Crispin. As metáforas do futebol brasileiro, *Filologia e Linguística Brasileira*, n.8. 2006. p. 1-34. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59748/62857>. Acessado em: 13 set. 2016.

REDDY, Michael. The Conduit Metaphor. In: ORTONY, A. (org.) **Metaphor and Thought**. Cambridge: CUP, 1979.

RODRIGUES, Nelson. **A pátria de chuteiras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

ROSCH, E. Natural categories. **Cognitive Psychology**, v. 4, p. 328-350, 1973.

_____. Cognitive representations of semantic categories. **Journal of experimental Psychology: General**, v. 104, p. 192-233, 1975.

_____. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In: MORE, T.E. **Cognitive Development and the Acquisition of Language**. New York, Academic Press, 1973, p.111-144.

_____; MERVIS, C. B. Family resemblances: studies in the internal structure of categories. **Cognitive Psychology**, v. 7, p. 573-605, 1975.

SALOMÃO, M. M.O processo cognitivo da mesclagem na análise lingüística do discurso. Juiz de Fora/Rio de Janeiro: UFJF/UFRJ/UERJ - CNPq, 1999. (Projeto integrado de pesquisa - Grupo Gramática e Cognição). Manuscrito.

SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de corpus**. Barueri: Manole, 2004.

_____. **Metáfora**. São Paulo: Parábola, 2007.

SILVA, A. S. A Linguística cognitiva. Uma breve introdução a um novo paradigma em lingüística. **Revista Portuguesa de Humanidades**, vol. I (1-2), p. 59-101, 1997. Disponível em:<<http://www.facfil.ucp.pt/lingcognit.htm>>.

_____. Linguagem, cultura e cognição ou a linguística cognitiva. In: SILVA, A. S., TORRES, A. & GONÇALVES, M. (orgs.) **Linguagem, cultura e cognição: estudos de linguística cognitiva**. v.1 Coimbra, Almedina, 2004, pp.1- 18.

_____. O Sentido Múltiplo: Polissemia, Semântica e Cognição. In: FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes (org.) **Produção de Sentido: estudos interdisciplinares**. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

SINCLAIR, J. **How to use corpora in language teaching**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2004.

SMITH, E. E.; MEDIN, D. L. **Categories and concepts**. Cambridge, Massachusetts: Havard University Press, 1981.

STEFANOWITSCH, A. The function of metaphor. **International Journal of Corpus Linguistics**, 10:2, p. 161-198, 2005.

SVARTVIK, J. Corpora are becoming mainstream. In: THOMAS, J. and SHORT, M. (orgs). **Using corpora for language research**. London and New York: Longman, 1996. p 3-13.

TAGNIN, Stella. **Corpora: o que são e para quê servem**, 2004. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlm/comet>. Acessadoem: 11 dez.2016.

TANNEN, Deborah & WALLAT, Cynthia. Iterative Frames and Knowledge Schemas in Interation: Examples from a Medical Examination/Interview. In: TANNEM, D. **Framing in Discourse**. NY: Oxford University Press, 1987.

TELLES, Lygia Fagundes. **Ciranda de Pedra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TEUBERT, W. Editorial. **International Journal of Corpus Linguistics**, Vol.1, No. 1. iii-x. 1996.

TURNER, Mark. **Cognitive dimensions of social science**. Oxford: OUP, 2001.

_____. **More than cool reason:** field guide to poetic metaphor. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

TURUNEN, V. J. A reversão da relevância: aspectos semânticos e pragmáticos de formações diminutivas no português do Brasil. 2009. 198f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Departamento de Letras, PUC-Rio, Rio de Janeiro.

VEREZA, S. C. **O sentido literal como metáfora cognitivo-pragmática.** 1998. Tese de Doutorado. PUC-SP, São Paulo.

ZANOTTO, Mara Sophia. Em busca da Elucidação do Processo de Compreensão da Metáfora. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 12, 1988.

_____. Metáfora e Indeterminação: Abrindo a caixa de Pandora. In: PAIVA, V.L.M.O. (Org.) **Metáforas do cotidiano.** Belo Horizonte: Ed. do Autor, 1998. p. 13-38.